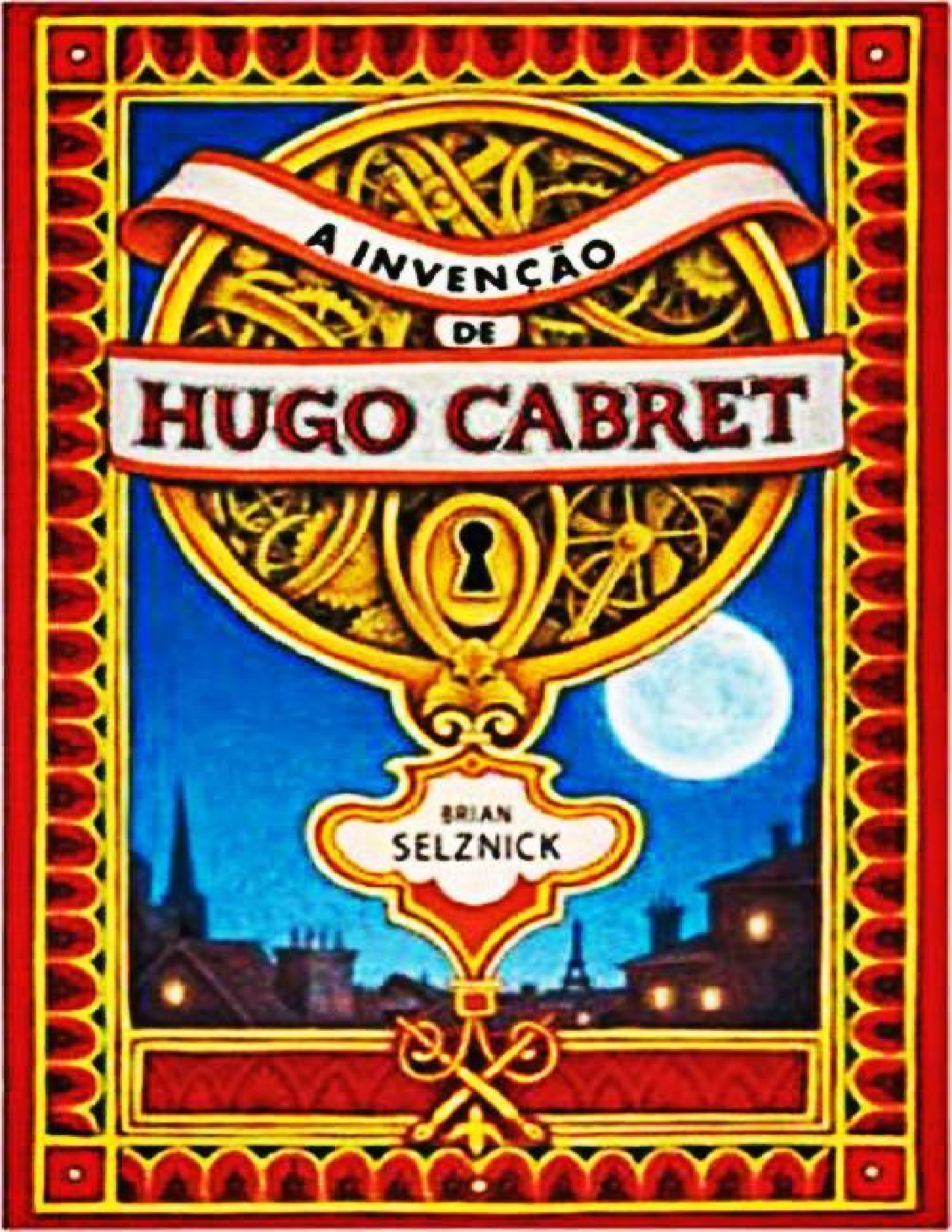


A INVENÇÃO
DE

HUGO CABRET

BRIAN
SELZNICK



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



BRIAN SELZNICK

1966

*A Invenção de
Hugo Cabret*

2007

Tradução Marcos Bagno

*Para Remy Charlip e
David Serlin*

Breve introdução

A HISTÓRIA QUE ESTOU PRESTES A CONTAR se passa em 1931, sob os telhados de Paris. Aqui, você conhecerá um menino chamado Hugo Cabret, que, certa vez, muito tempo atrás, descobriu um misterioso desenho que mudou sua vida para sempre.

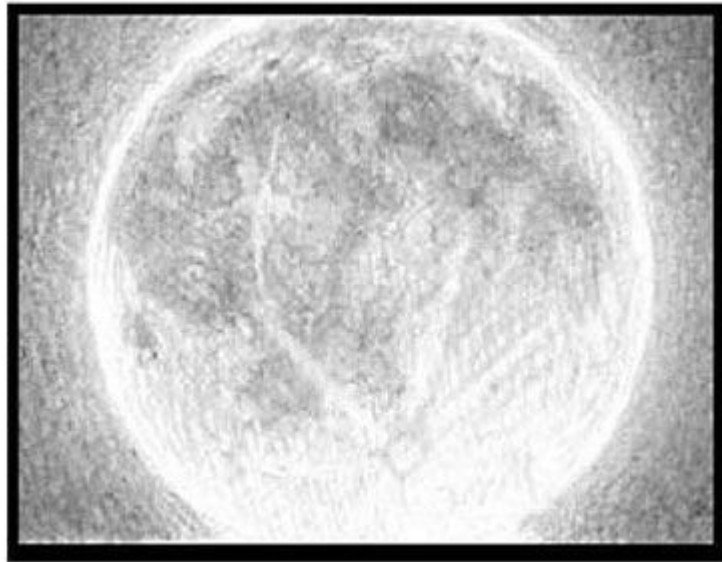
Mas antes de virar a página, quero que você se imagine sentado no escuro, como no início de um filme. Na tela, o sol logo vai nascer, e você será levado em zoom até uma estação de trem no meio da cidade. Atravessará correndo as portas de um saguão lotado. Vai avistar um menino no meio da multidão e ele começará a se mover pela estação. Siga-o, porque este é Hugo Cabret. Está cheio de segredos na cabeça, esperando que sua história comece.

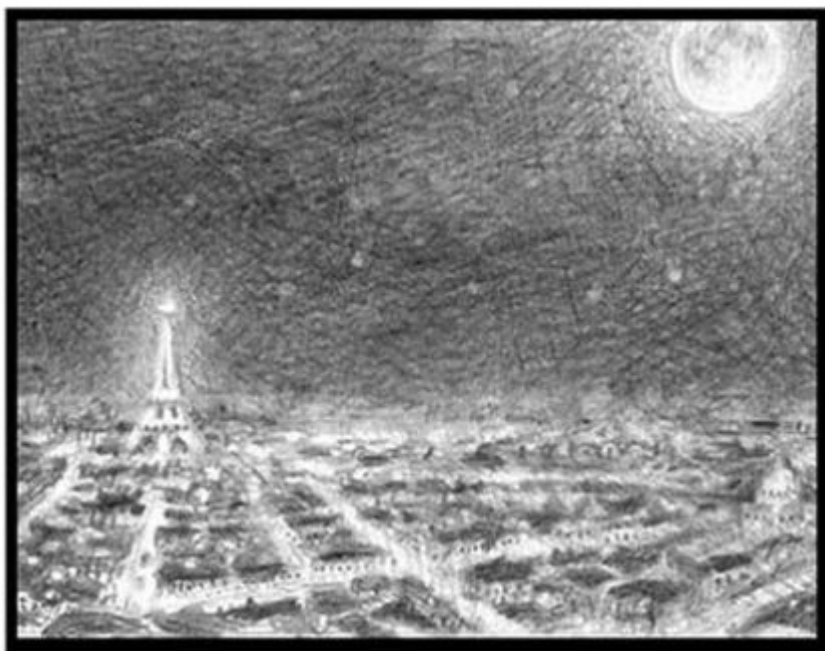
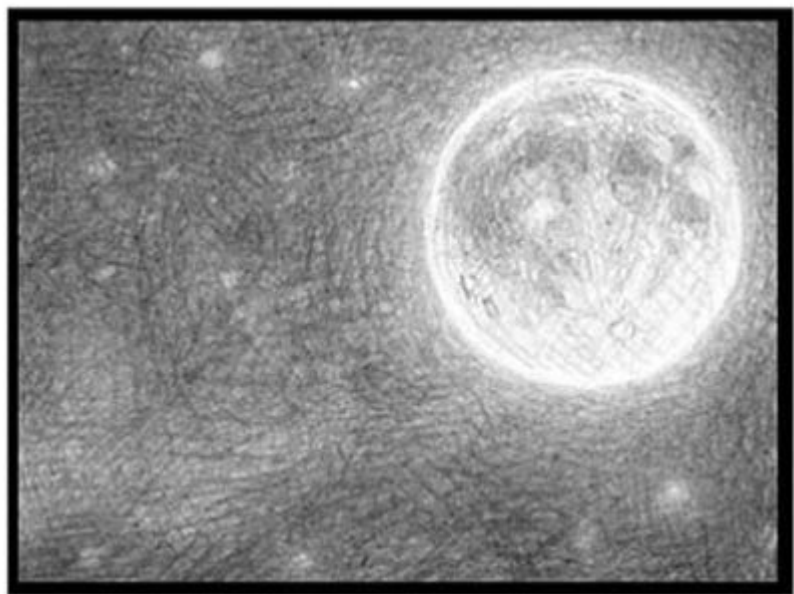
PROFESSOR H. ALCOFRISBAS

Parte 1

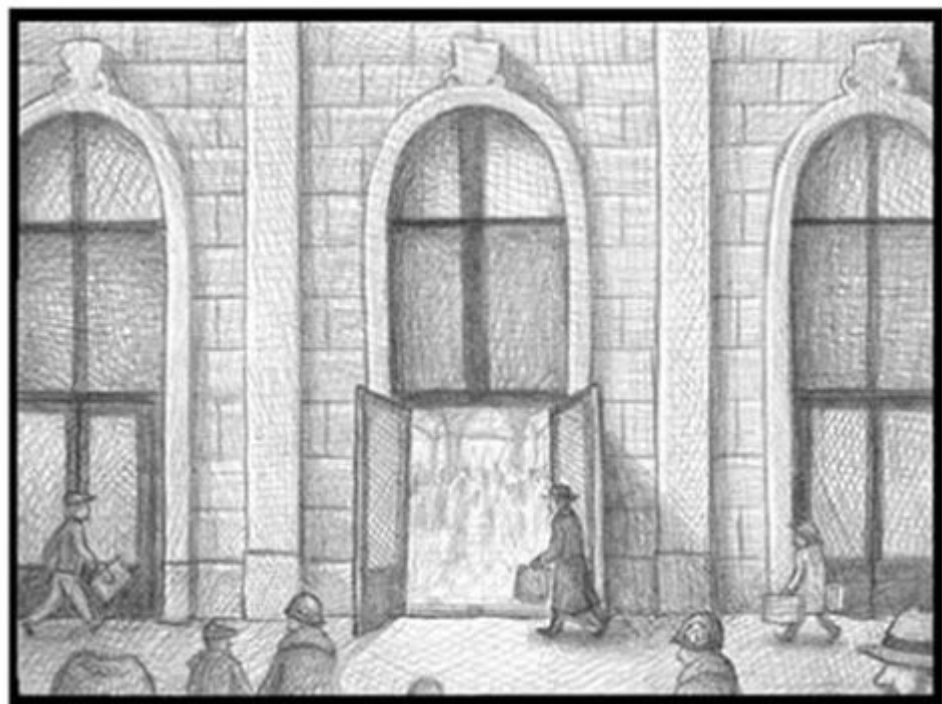
1

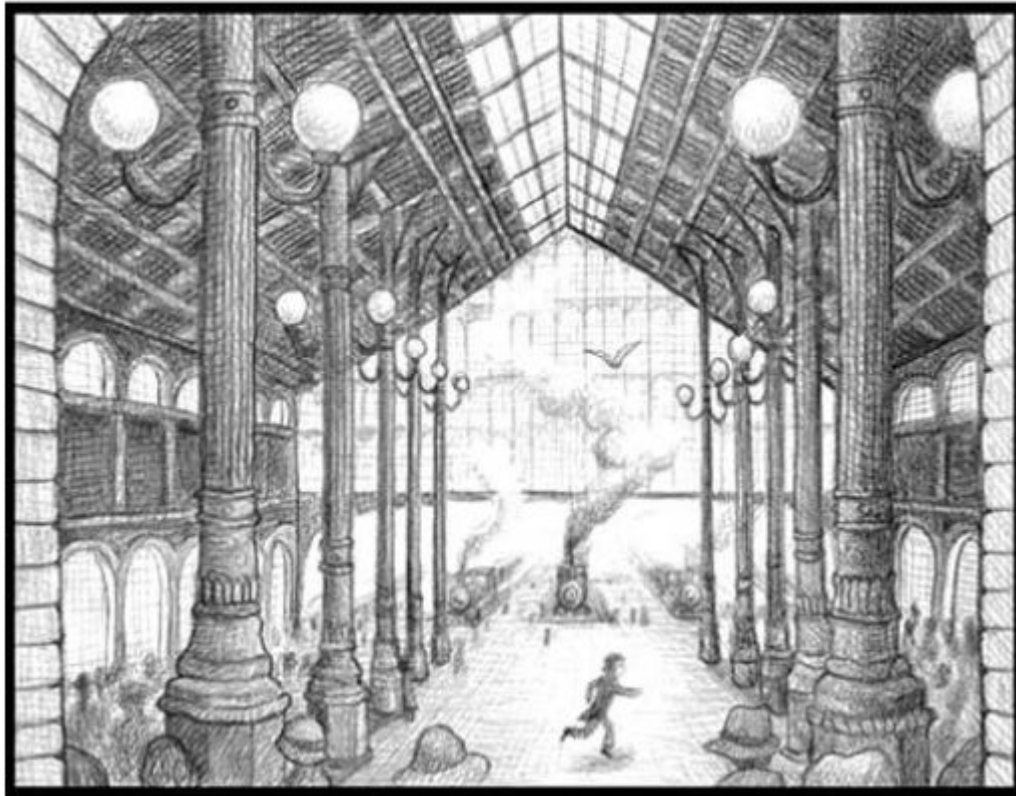
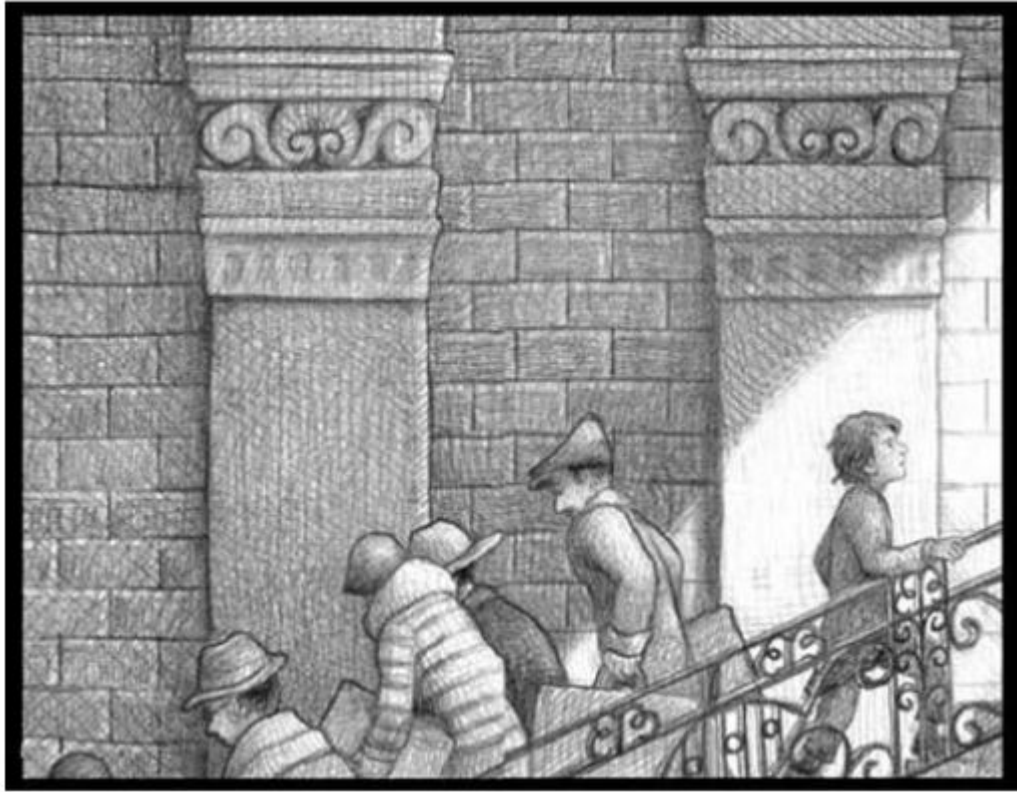
O ladrão

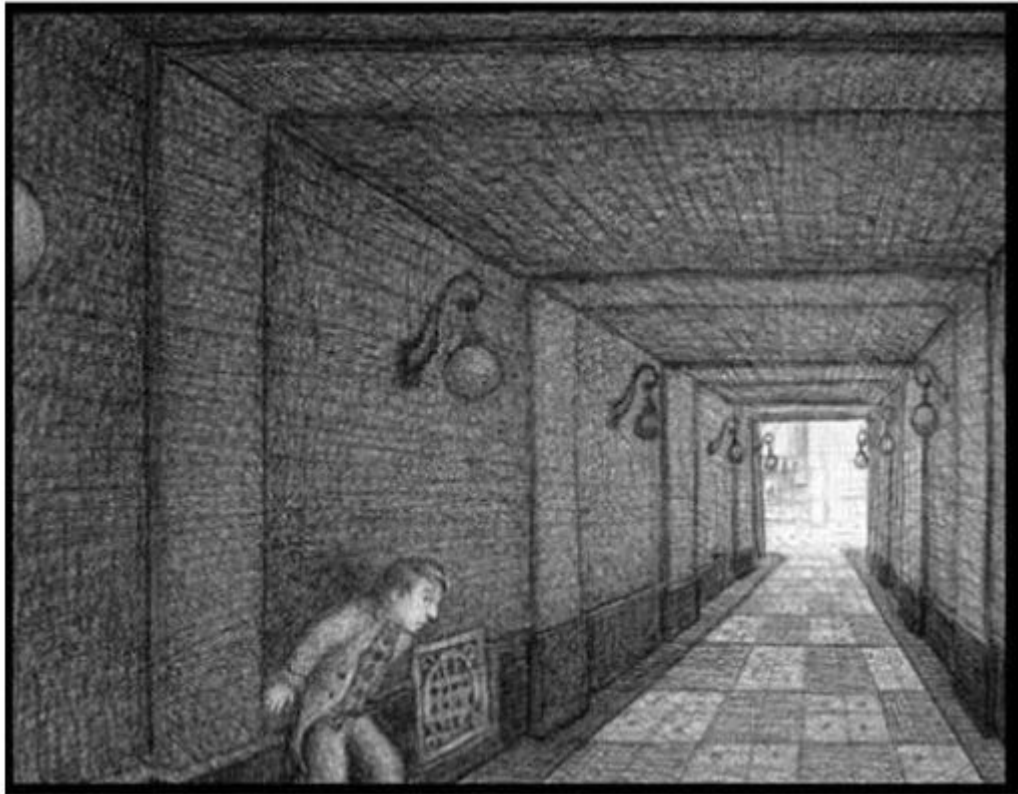
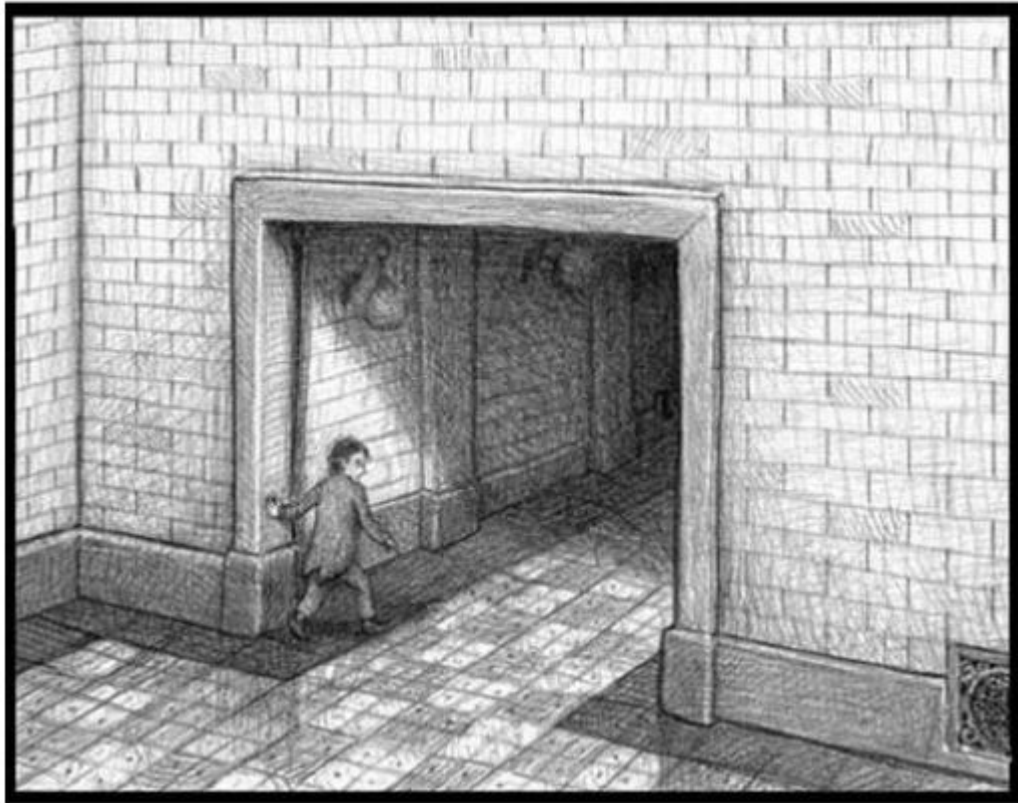


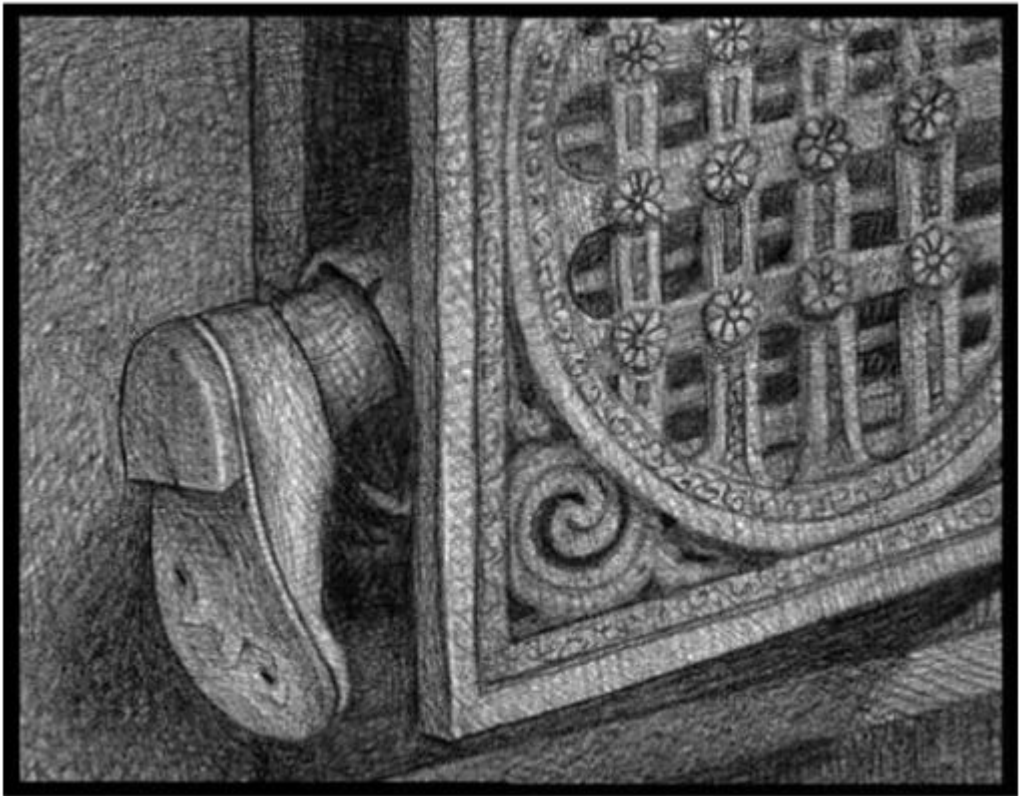
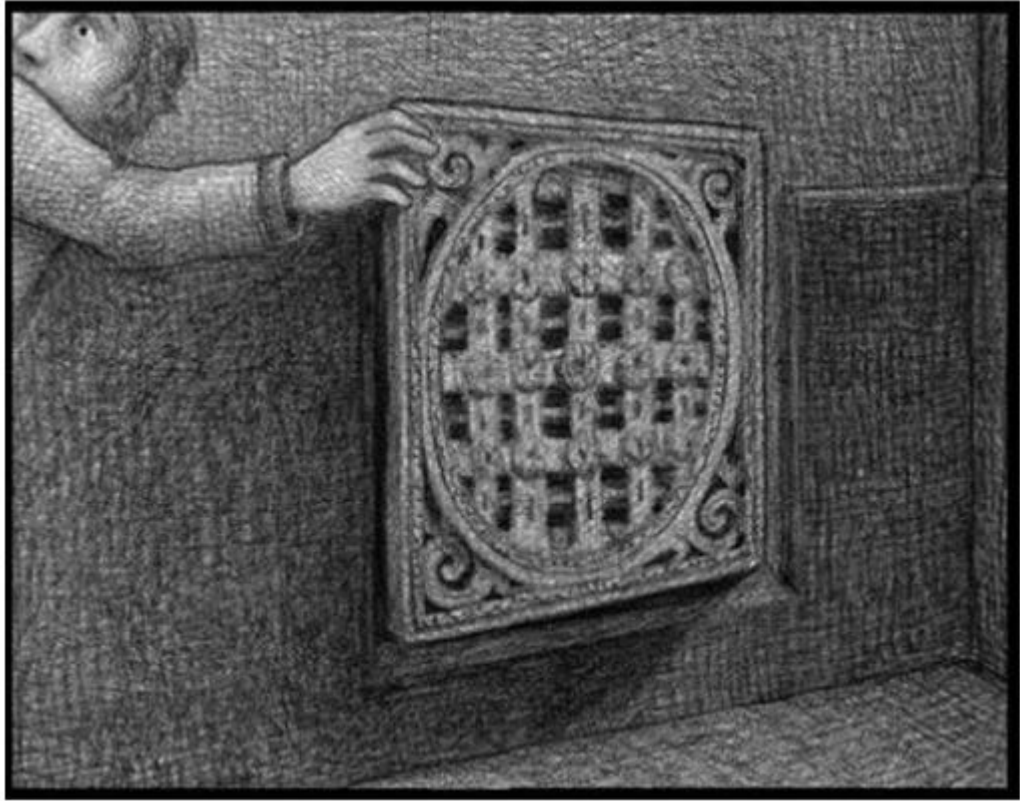


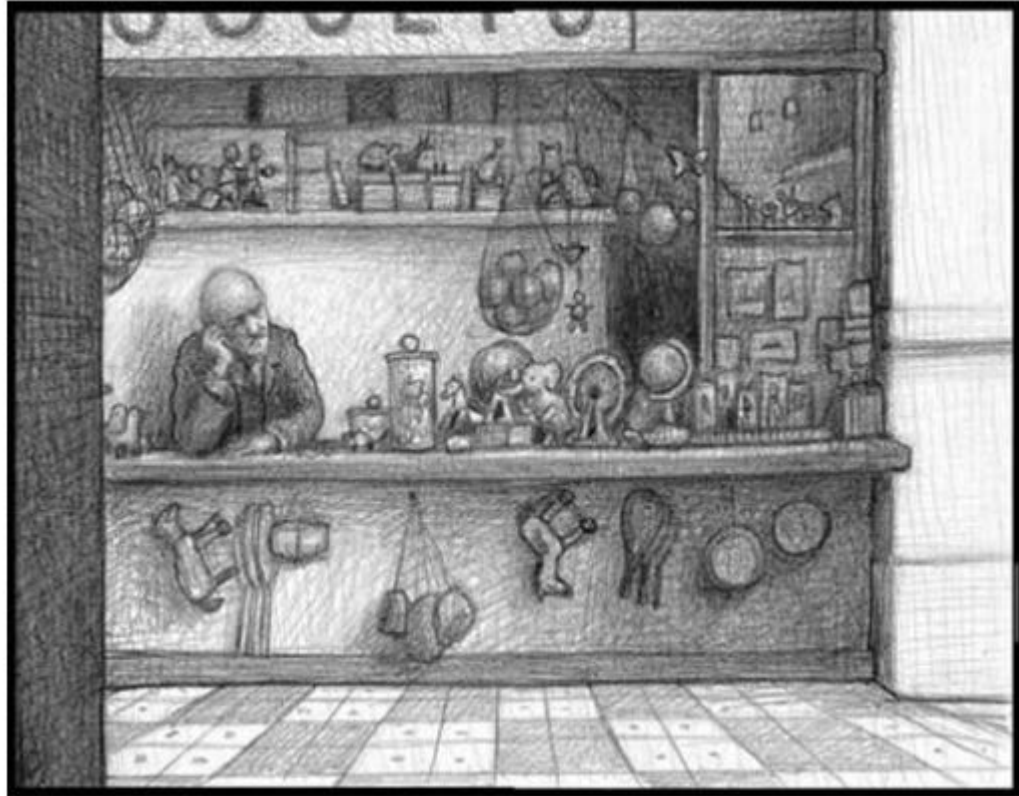


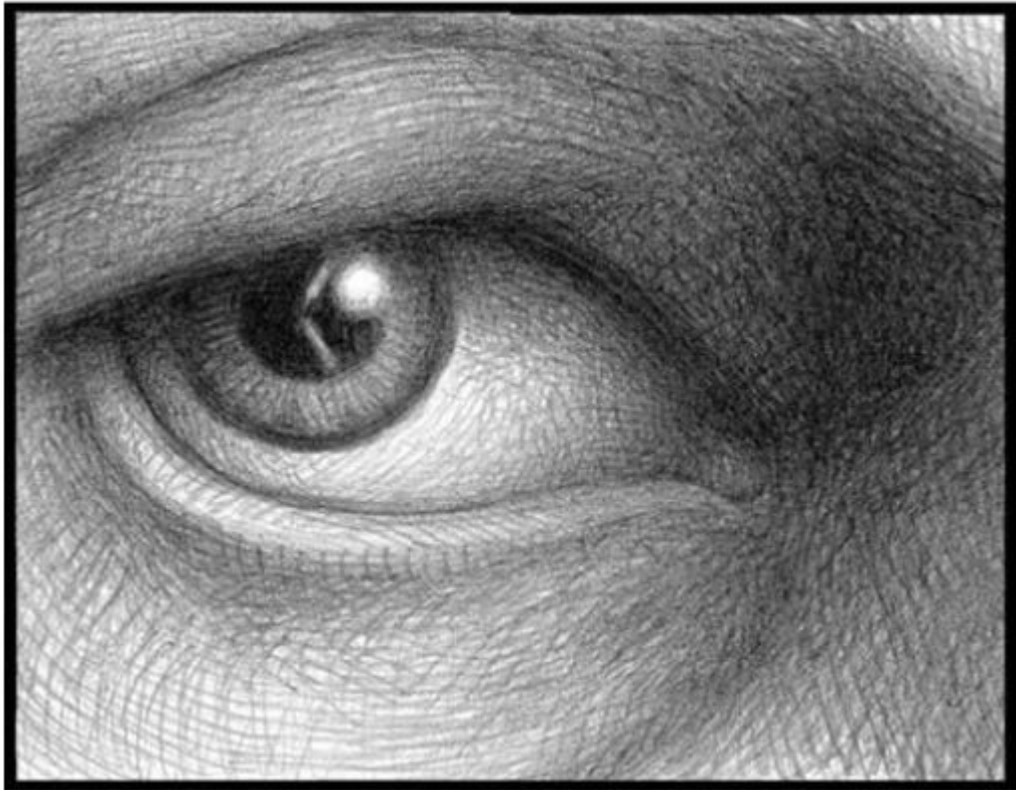
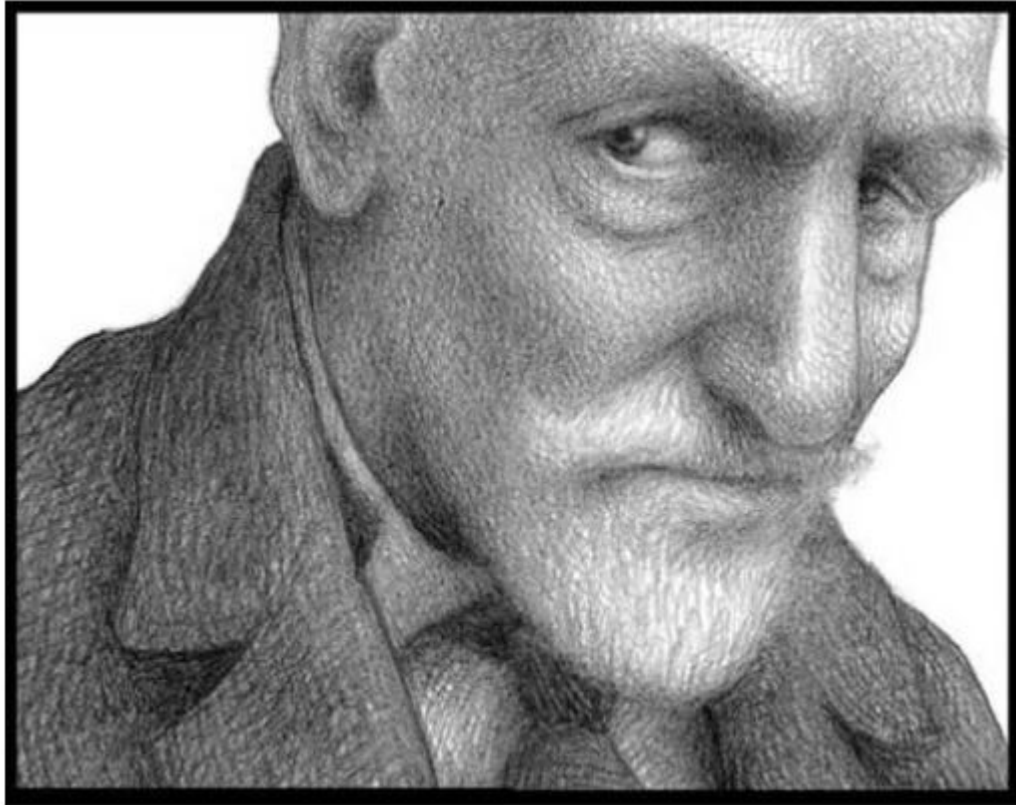


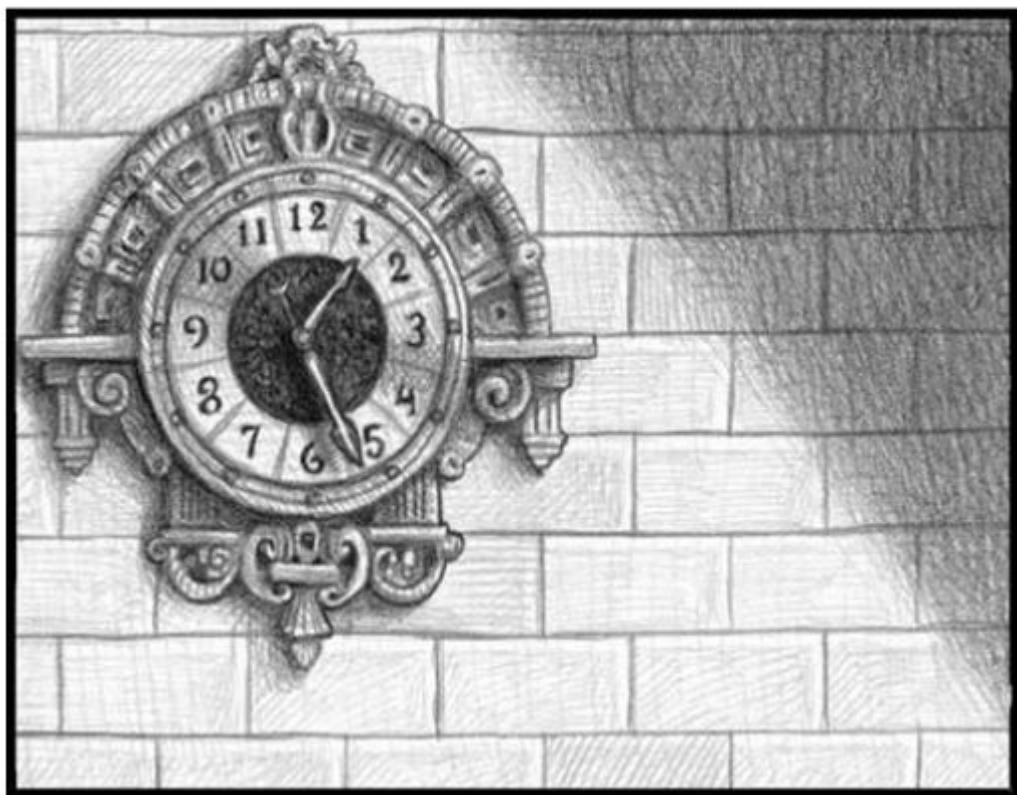


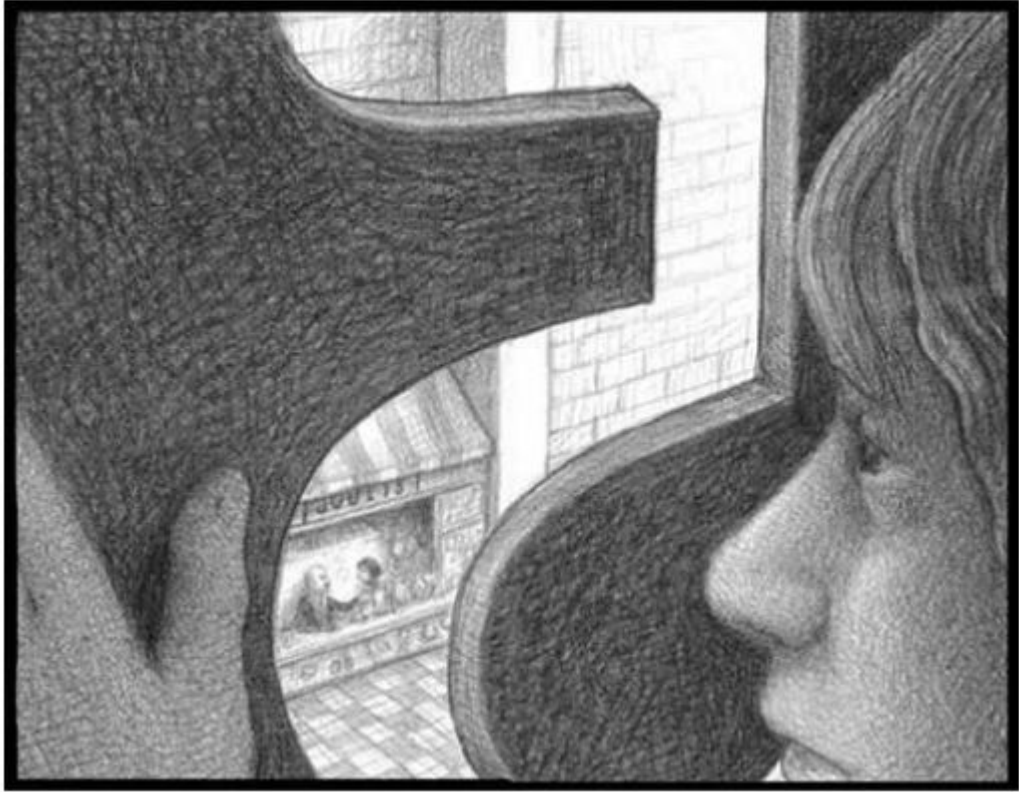












DE SEU ESCONDERIJO ATRÁS DO RELÓGIO, Hugo podia ver tudo. Esfregava nervosamente os dedos no caderninho em seu bolso e dizia a si mesmo para ter paciência. O velho na loja de brinquedos estava discutindo com a menina. Ela devia ter a mesma idade de Hugo, e ele frequentemente a via entrar na loja com um livro debaixo do braço e desaparecer atrás do balcão.

Hoje o velho parecia agitado. Será que descobriu que alguns de seus brinquedos sumiram? Bem, já não era possível fazer nada sobre isso agora. Hugo precisava dos brinquedos. O velho e a menina discutiram um pouco mais e, por fim, ela fechou o livro e saiu correndo.



Felizmente, em poucos minutos o velho tinha cruzado os braços sobre a barriga e fechado os olhos. Hugo se arrastou através das paredes, saiu por uma entrada de ventilação e disparou pelo corredor até alcançar a loja de brinquedos. Nervoso, esfregou o caderninho mais uma vez e então, cautelosamente, envolveu com a mão o brinquedo de corda que desejava. Mas de repente houve um movimento dentro da loja, e o velho adormecido voltou para a vida. Antes que Hugo pudesse correr, o velho o agarrou pelo braço. O ratinho azul de corda que Hugo tinha apanhado se soltou de sua mão, deslizou pelo balcão e caiu no piso com um estalo.

— Ladrão! Ladrão! — gritou o velho para o corredor vazio. — Alguém chame o inspetor da estação!

A menção ao inspetor fez Hugo entrar em pânico. Contorceu-se e tentou fugir, mas o velho apertava seu braço com força e não deixava que ele escapasse. — Até que enfim te peguei! Agora esvazie os bolsos. Hugo rosnou feito um cachorro. Estava furioso consigo mesmo por ter sido apanhado. O velho puxou ainda mais, até Hugo ficar praticamente na ponta dos pés.

— O senhor está me machucando!

— Esvazie os bolsos!

Relutante, Hugo tirou, um a um, dezenas de objetos dos bolsos: parafusos, pregos e lascas de metal, porcas e cartas de baralho amassadas, pecinhas de relojoaria e rodas dentadas. Mostrou uma caixa de fósforos esmagada e algumas velinhas.

— Falta um bolso ainda... — disse o velho.

— Não tem nada nele!

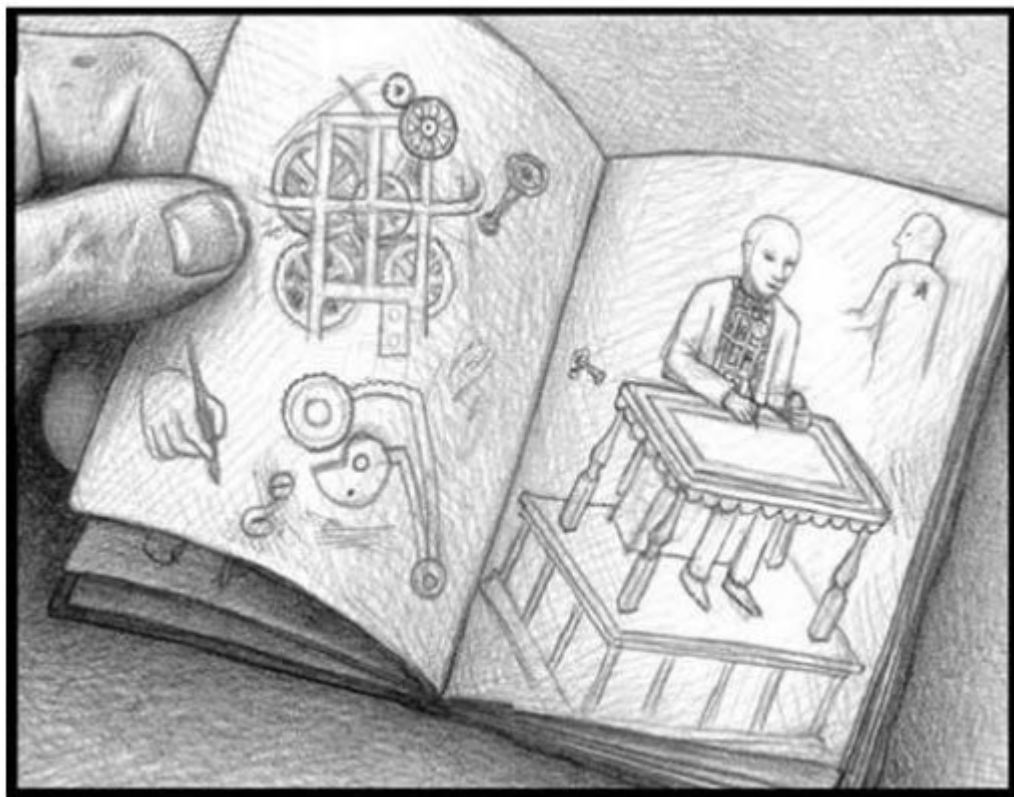
— Então coloque ele do avesso.

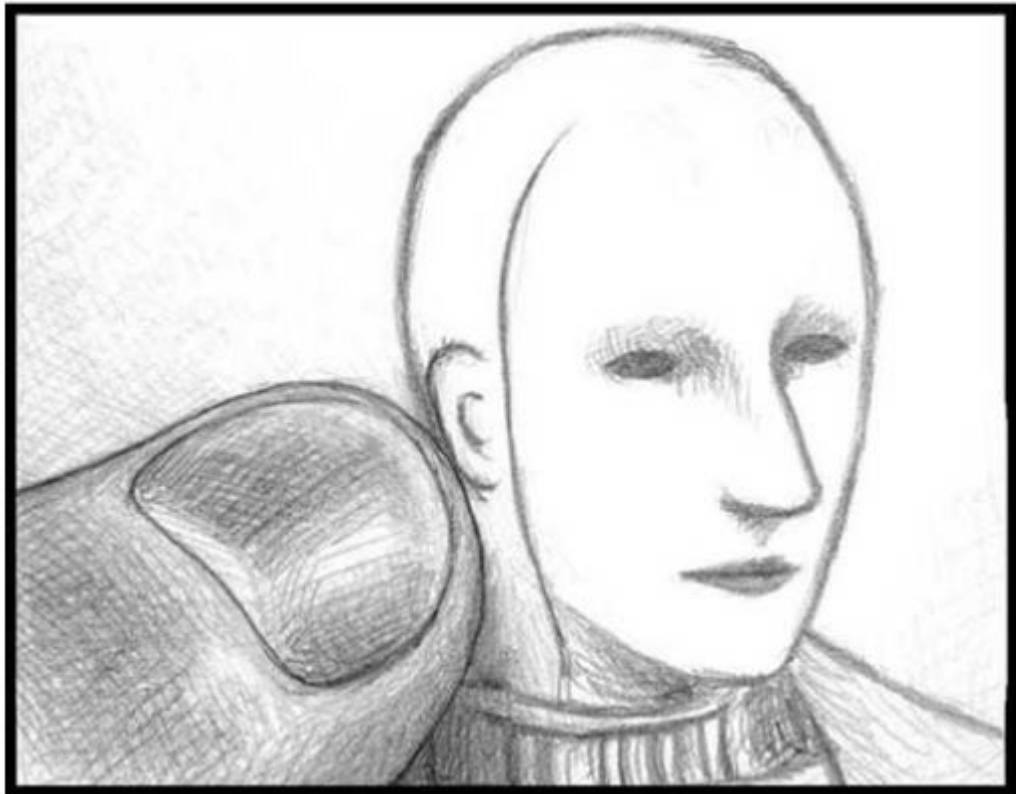
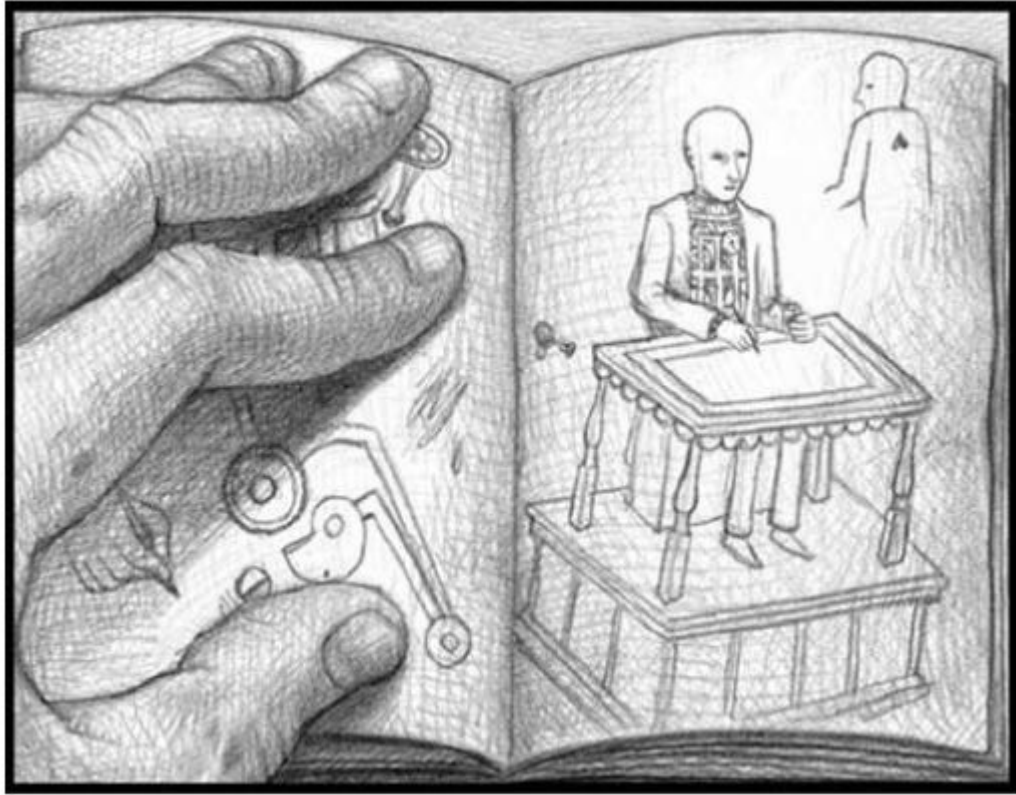
— Não estou com nada seu! Me solte!

— Onde está o inspetor? — gritou o velho mais uma vez para o corredor. — Por que ele nunca vem quando é preciso?

Se o inspetor da estação aparecesse, com seu uniforme verde, no final do corredor, Hugo sabia que tudo estaria acabado. O menino se debateu contra o velho, mas em vão. Por fim, Hugo enfiou a mão trêmula no bolso e de lá tirou seu caderninho de papelão surrado. A capa estava lisa de tão esfregada.

Sem relaxar o aperto no braço do menino, o velho agarrou o caderninho, levou-o para longe do alcance de Hugo, abriu e o folheou. Uma página chamou sua atenção.





— Me devolve isso! É meu! — gritou Hugo.

— Fantasmas... — murmurou o velho para si mesmo. — Eu sabia que mais cedo ou mais tarde eles me achariam aqui.

Fechou o caderninho. A expressão em seu rosto mudava rapidamente, de medo para tristeza, de tristeza para raiva.

— Quem é você, garoto? Foi você que fez esses desenhos?

Hugo não respondeu.

— Eu perguntei: foi você que fez esses desenhos?

Hugo rosnou novamente e cuspiu no chão.

— De quem você roubou esse caderno?

— Não roubei.

O velho grunhiu e, com um safanão, soltou o braço de Hugo.

— Me deixe em paz, então! Fique longe de mim e da minha loja.

Hugo esfregou o braço e deu um passo atrás, esmagando sem querer o rato de corda que tinha caído no chão. O velho se arrepiou ao som do brinquedo sendo quebrado. Hugo apanhou as peças fragmentadas e as colocou sobre o balcão.

— Não vou embora sem o meu caderno.

— Não é mais o seu caderno. É meu, e vou fazer com ele o que eu quiser.

O velho balançou no ar a caixa de fósforos de Hugo.

— Talvez eu ponha fogo nele!

— Não!

O velho recolheu tudo que caíra dos bolsos de Hugo, incluindo o caderninho. Colocou tudo num lenço, deu um nó e o cobriu com

as mãos.

— Então me fale dos desenhos. Quem fez?

Hugo nada disse. O velho deu um soco com o punho no balcão, fazendo tremer todos os brinquedos.

— Saia já daqui, seu ladrãozinho!

— O senhor é o ladrão! — gritou Hugo enquanto se virava e saía correndo. O velho gritou alguma coisa atrás dele, mas tudo o que Hugo ouvia era o toque-toque de seus sapatos ecoando pelas paredes da estação.

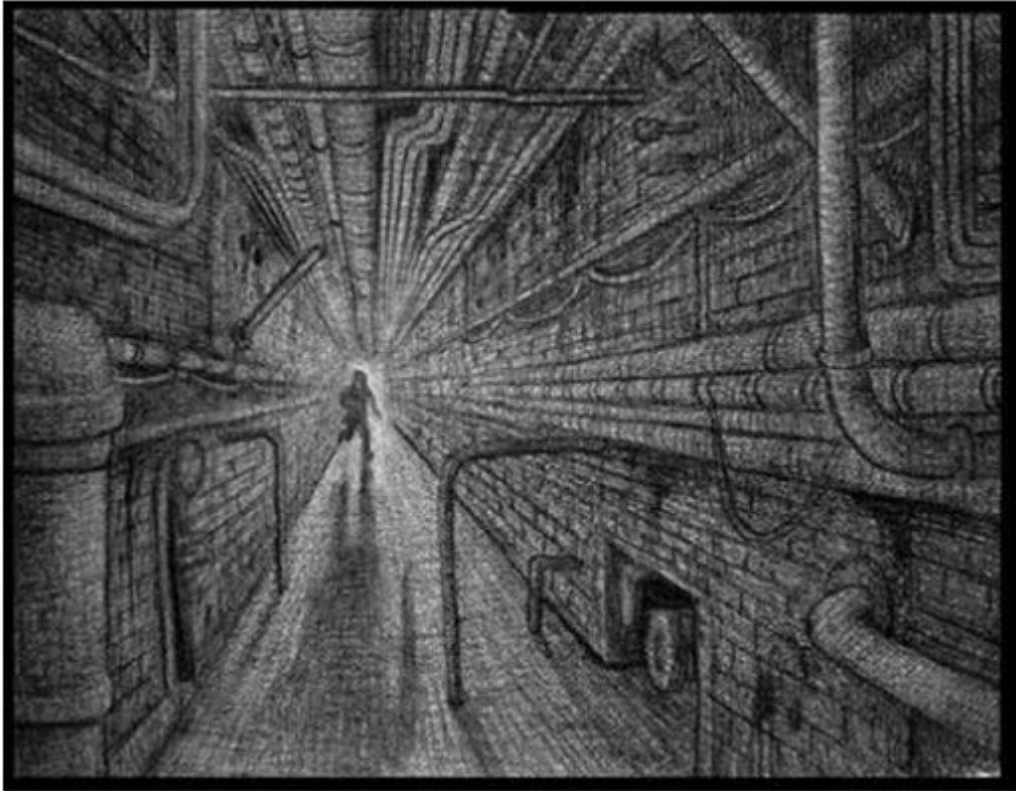
2

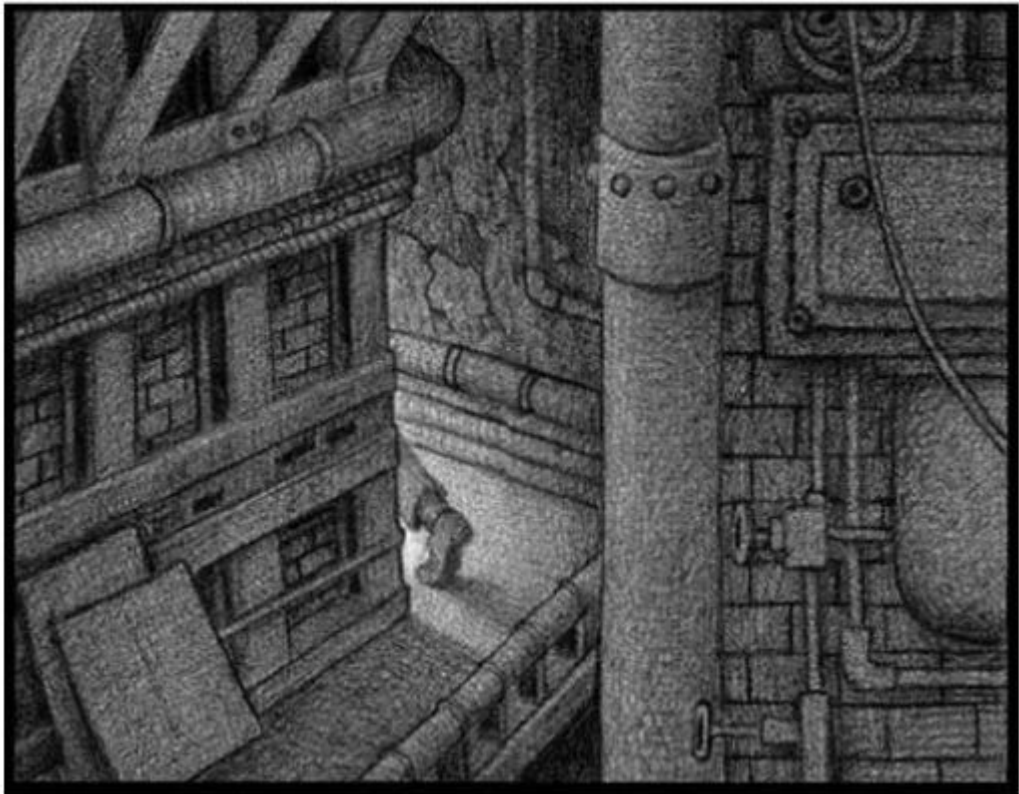
Os relógios

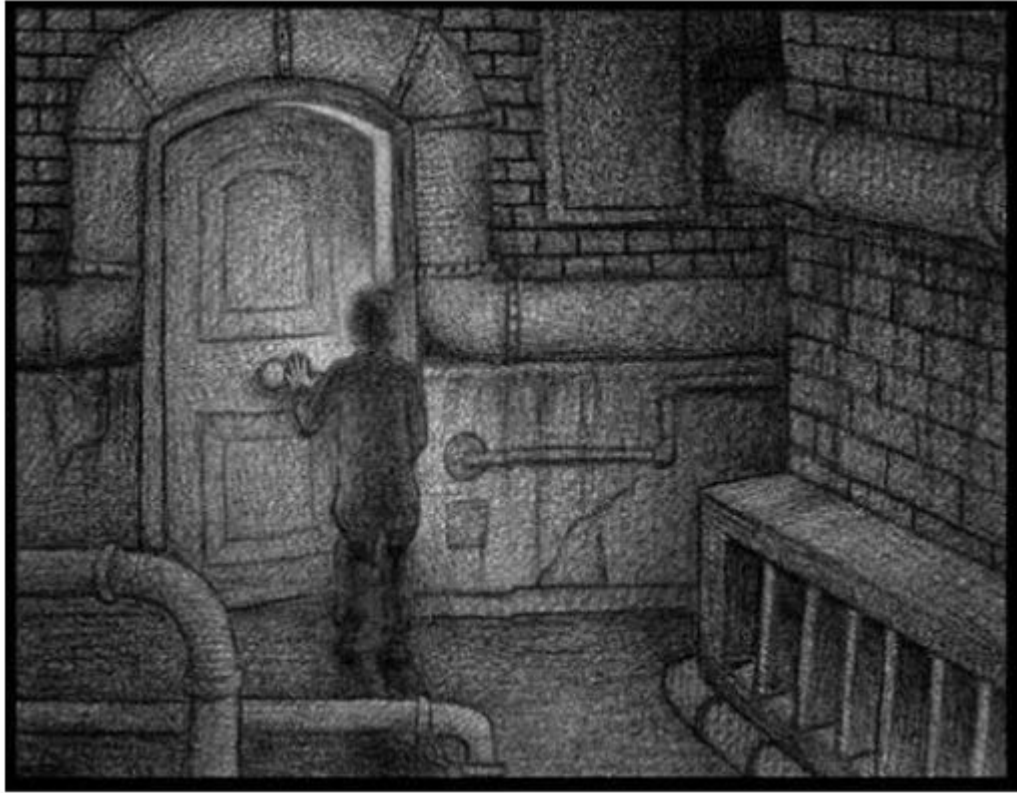


HUGO DISPAROU PELO CORREDOR e desapareceu de novo pela entrada de ventilação da parede. Fez uma breve pausa. O ar estava fresco e úmido. Umhas poucas lâmpadas embaçadas forneciam tímida iluminação dentro das passagens escuras.









Hugo abriu a porta e entrou.

Acima do teto da área de espera principal havia um conjunto de apartamentos secretos, construídos para o pessoal que dirigia a estação de trem anos atrás. A maioria deles estava abandonada havia muito tempo. Só um permanecia em uso.

Alguns raios de sol se infiltravam pela claraboia suja. Hugo olhou para as fileiras de vidros, cheios das peças de todos os brinquedos que ele tinha roubado da loja nos últimos meses. Os vidros ficavam sobre prateleiras que ele tinha feito com tábuas velhas encontradas dentro das paredes da estação. Debaxo da cama vacilante tinha uma pilha de desenhos de Hugo. Seu baralho de cartas repousava sobre um baú empoeirado no meio do quarto. Ali perto, numa mesinha, tinha um maço de envelopes — os

cheques salário não descontados do seu tio, que se acumulavam semana após semana.

Hugo enxugou os olhos e apanhou sua caixa de ferramentas. Enfiou mais alguns fósforos e velas nos bolsos e foi trabalhar.

Como de hábito, Hugo se dirigiu para os grandes relógios de vidro sobre o telhado, porque eram os mais difíceis de alcançar. Eram como enormes janelas redondas que olhavam a cidade de cima, um virado para o norte, o outro virado para o sul. Hugo tinha que subir uma escadaria longa e escura e deslizar através de uma abertura no teto no alto de uma escada de mão para chegar dentro deles. Durante o dia, seus olhos sempre ardiam por alguns instantes por causa do jorro de luz que atravessava o vidro. Os motores e engrenagens daqueles relógios eram os maiores da estação, e Hugo sempre tinha medo que sua mão ficasse presa.

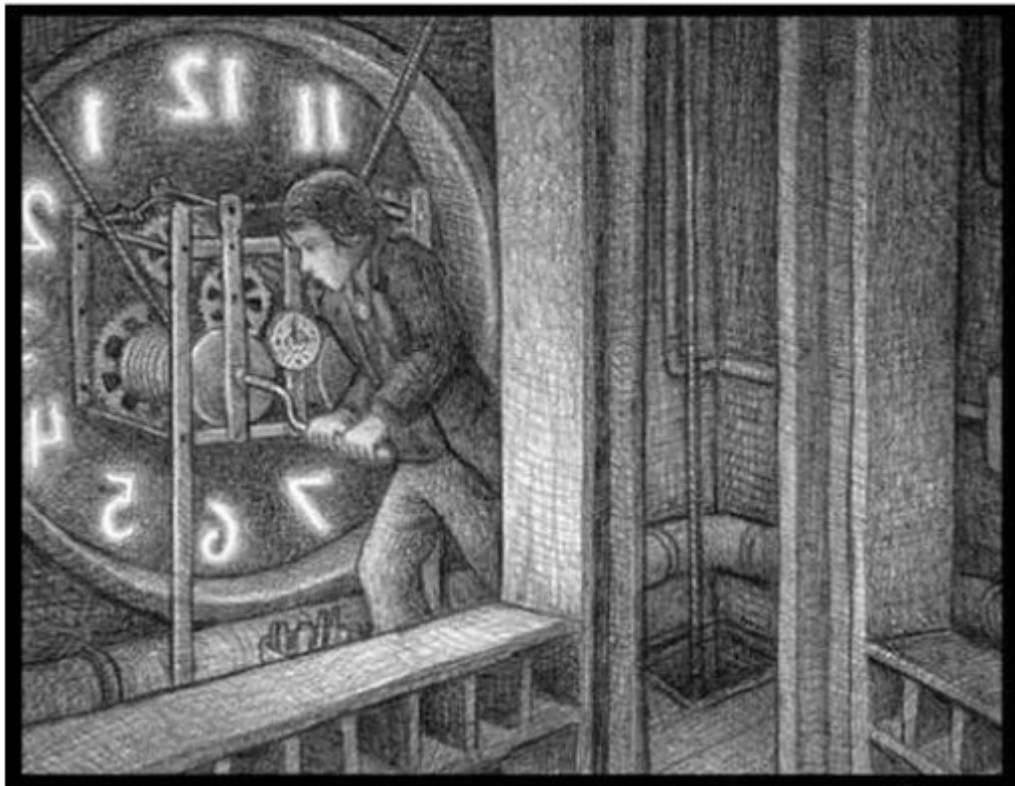
No canto do compartimento, seguros por cordas, pendiam enormes pesos que mantinham os relógios em funcionamento. Hugo conferiu a hora dos relógios de vidro com a do relógio de bolso do tio, que guardava entre suas ferramentas e no qual diligentemente dava corda toda manhã. Em seguida, verificou com cuidado todo o mecanismo por uns minutos e pingou, em cada haste de engrenagem, algumas gotas de óleo da latinha que trazia na caixa. A cabeça de Hugo inclinava-se um pouco para o lado enquanto ele ouvia a batida do relógio, esperando até ter certeza de que a máquina estava operando corretamente.

Depois de cuidar dos relógios do telhado, ele desceu pela escada de mão e pela longa escadaria. De volta ao interior das passagens escuras, conferiu os outros relógios da estação, que

eram todos feitos de bronze e podiam ser tratados de dentro das paredes.

Hugo acendeu velas para enxergar melhor e começou pelo relógio que estava sobre as bilheterias. Esse relógio, como todos os outros, tinha pesos também, só que bem menores e que desapareciam chão adentro.

Hugo encaixou uma manivela atrás do relógio e, usando toda a sua força, girou-a na maior velocidade que podia.



O menino então se certificou de que as engrenagens e alavancas mexiam de modo exato e conferiu a hora no pequeno mostrador montado na parte de trás do mecanismo. Em seguida, caminhou pelas passagens secretas até a fileira de relógios em torno das plataformas dos trens e, depois, para os fundos dos

relógios menores que davam para o interior dos gabinetes, incluindo o do inspetor da estação. Olhando através dos números, Hugo pôde ver a mesa do inspetor e, num canto do gabinete, as grades de uma pequena cela de cadeia que ficava à espera de qualquer criminoso apanhado na estação. Hugo tinha visto homens e mulheres trancados ali e, algumas vezes, até mesmo garotos da sua idade na cela, com os olhos vermelhos de tanto chorar. Cedo ou tarde, aquelas pessoas eram levadas embora e ele nunca mais as via.

Partindo dos gabinetes, Hugo seguiu um longo túnel oculto até os fundos do relógio defronte à loja de brinquedos do velho. Desejou evitar aquele relógio, mas sabia que não era possível descuidar de nenhum deles. Espreitando através dos números, espiou o velho novamente, sozinho em sua loja de brinquedos no final do corredor, olhando as páginas do caderno de Hugo. O menino quis gritar, mas se conteve. Lubrificou o relógio e ficou atento ao seu ruído. Estava certo de que não precisaria lhe dar corda por um ou dois dias, por isso continuou andando, até que todos os vinte e sete relógios da estação tivessem sido inspecionados, exatamente como seu tio havia lhe ensinado.

3

Neve



O VELHO SE ARRASTOU LENTAMENTE até a frente da loja de brinquedos. Estava começando a fechá-la, baixando a grade de madeira, quando Hugo se aproximou dele por trás. O menino sabia como caminhar em silêncio, mas deixou o pé cair pesadamente nos ladrilhos para que o velho soubesse que estava ali.

— Levante os pés, garoto.

O velho espiou por cima do ombro.

— Odeio o som de sola de sapato batendo no chão — continuou a fechar a grade e trancá-la.

Os saguões da estação estavam quase vazios. Hugo sabia que o inspetor estava fazendo sua ronda noturna no outro extremo da estação, e imaginou que teria alguns minutos antes que ele aparecesse por lá.

O velho terminou de fechar e checou duas vezes a tranca da loja.

— Qual o seu nome, garoto?

Hugo hesitou. Ia mentir, mas imediatamente, por alguma razão, resolveu dizer seu nome verdadeiro:

— Hugo... Hugo Cabret.

— Escute bem, Hugo Cabret. Eu te disse pra ficar longe de mim. Se te pegar aqui de novo, eu mesmo vou te arrastar até o gabinete do inspetor da estação e trancafiar você lá. Entendeu o que eu disse?

— Devolva o meu caderno...

— Estou indo pra casa queimar o seu caderno.

Com isso, o velho olhou depressa para o relógio em frente à loja de brinquedos e saiu andando sob as grandes vigas de ferro da estação ferroviária. Atravessando as portas douradas, penetrou nas escuras ruas de Paris. Era fim de inverno, e uma neve ligeira tinha começado a cair. Hugo ficou olhando ele ir embora.

Já fazia muito tempo que Hugo não deixava a estação e, além disso, não estava vestido para o inverno. Mesmo assim, em poucos instantes, o menino precipitou-se para fora.

— O senhor não pode queimar o meu caderno! — gritou para o velho.

— Posso — veio como resposta. Hugo quis agarrá-lo, derrubá-lo no chão e recuperar o caderno, mas achou que não fosse grande o suficiente. Além disso, o velho era forte. O braço de Hugo ainda doía onde ele o agarrara. — Pare de bater os saltos na rua — sibilou o velho entredentes. — E não me faça dizer isso novamente.

Balançou a cabeça e ajeitou o chapéu. Em seguida, com calma, disse a si mesmo: "Espero que a neve cubra tudo para silenciar todos os solados de sapato e a cidade inteira poder ficar em paz".







Logo chegaram a um decrépito edifício do outro lado do cemitério. O prédio inteiro parecia inclinar-se ligeiramente para um lado. As paredes já tinham sido cobertas de hera, mas a trepadeira fora arrancada, deixando longas cicatrizes entrelaçadas na pintura esfacelada. O velho abriu a porta verde carcomida com uma grande chave. Voltando-se para Hugo, disse:

— Você não sabe que o som dos sapatos pode atrair fantasmas? Está querendo a companhia de fantasmas?

O velho entrou rapidamente e bateu a porta atrás de si.



4

A janela



HUGO FICOU PARADO NO ESCURO, do lado de fora do edifício do velho. Tirou os flocos de neve dos cílios e se distraiu com os botões sujos de sua jaqueta fina, esfregando-os entre os dedos do jeito que fazia com a capa do seu caderninho.

Hugo pegou uma pedra da rua e atirou-a numa das janelas, fazendo um barulho alto.

As cortinas se abriram. Uma menina olhou para fora. Hugo pensou por um instante que tinha atingido a janela errada, mas logo a reconheceu.



Era a garota da loja de brinquedos. Hugo esteve a ponto de chamá-la, mas ela pôs um dedo nos lábios e fez sinal para que esperasse. As cortinas se fecharam de novo.

Hugo tiritava de frio. Em poucos minutos a menina apareceu, vinda dos fundos do prédio, e correu até ele.

— Quem é você? — Seu avô roubou o meu caderno. Preciso pegar de volta antes que ele queime. — Tio Georges não é meu avô — disse a menina. — E ele não é ladrão. Você é que é.

— Não sou, não! — Eu vi você. — Como pode ter visto? O velho te mandou embora antes de eu chegar na loja. — Então você estava me espionando também. Bom, estamos quites. Hugo olhou curioso para a menina.

— Me deixe entrar.

— Não posso. Você tem que ir embora. — Só vou embora depois de pegar o meu caderno. Hugo apanhou outra pedra para lançar contra a janela, mas a menina agarrou a mão dele e o forçou a soltar a pedra. Ela era um pouco maior que ele.

— Ficou maluco? — sussurrou ela. — Não posso ser vista com você aqui fora. Por que você precisa tanto assim daquele caderno? — Não posso dizer. Hugo tentou pegar mais uma pedra, mas a menina o derrubou no chão e o segurou ali.

— Escuta, não posso deixar você entrar no prédio, mas prometo vigiar pra que ele não queime o seu caderno. Volte na loja de brinquedos amanhã e peça a ele seu caderno novamente. Hugo olhou bem dentro dos grandes olhos escuros da menina e percebeu que não tinha escolha. Ela o deixou levantar, e ele correu dentro da neve noturna.



5

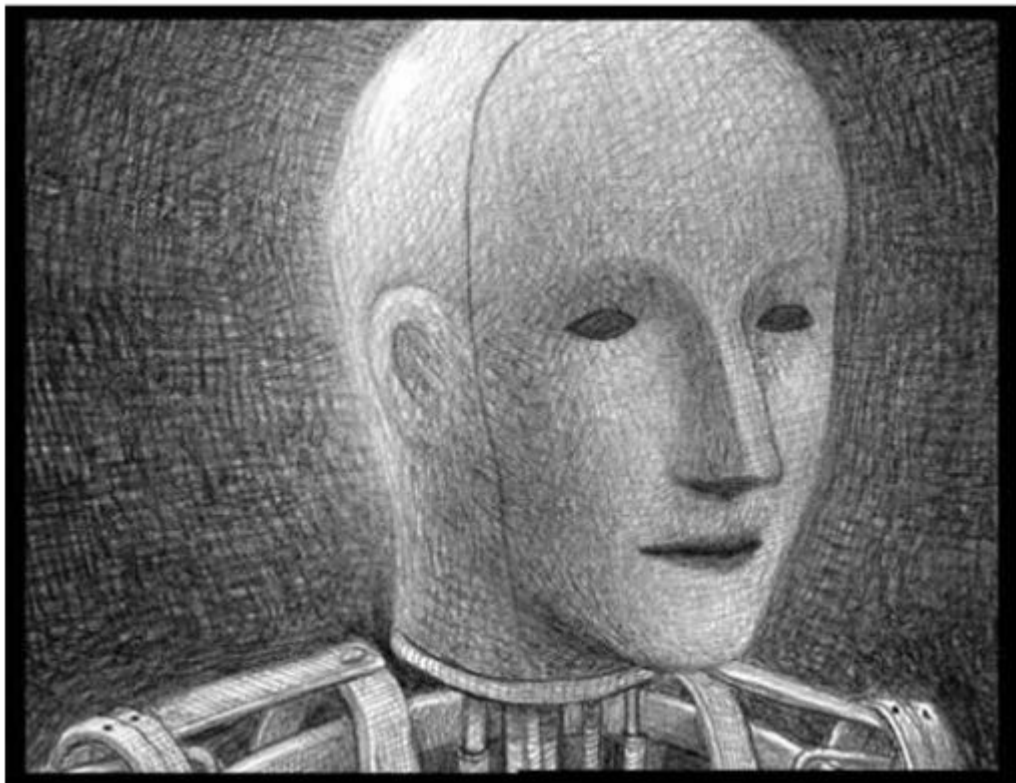
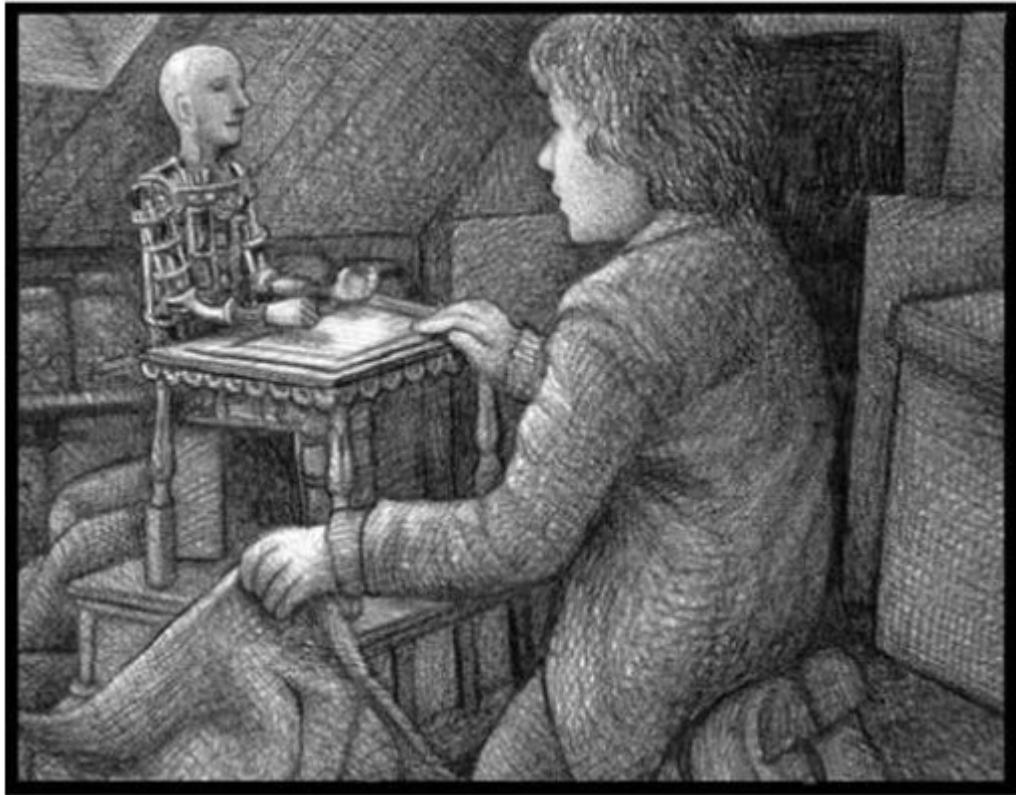
O pai de Hugo



HUGO CORREU ATÉ CHEGAR A SEU QUARTO SECRETO.

Tentou ligar a luz, esquecendo, como de hábito, que a lâmpada do teto estava queimada. Riscou um fósforo, esperou a chama crescer e acendeu algumas velas. O quarto se encheu de um brilho cálido e dourado, e sombras enormes se levantaram contra as paredes.

Instintivamente, os dedos de Hugo se enfiaram no bolso vazio onde ficava o caderno, mas o encontraram vazio. Sem saber o que mais fazer, foi até o canto onde estava uma pilha desordenada de caixas e a afastou, revelando um buraco na parede. Esticou o braço e puxou um objeto grande, de aspecto pesado. Logo desatou as cordas puídas e desembulhou o pano que o envolvia.



Era um homem todo feito de peças de relógio e delicados mecanismos. Desde o exato momento em que seu pai lhe falara daquilo, o homem mecânico se tornara o centro da vida de Hugo.

O pai de Hugo possuía uma relojoaria e trabalhava meio expediente num velho museu, cuidando dos relógios de lá. Certa noite, chegou em casa mais tarde do que de costume.

— Capitão! — ele dissera a Hugo, que já estava na cama. — Desculpe ter demorado tanto, mas encontrei uma coisa fascinante no museu esta noite... no sótão. Parece que ninguém sabe como foi parar ali. Nem mesmo o velho guarda, mas de todo modo ele não se lembra de quase nada. É a máquina mais bonita e complexa que já vi. É uma pena que o museu não tenha cuidado dela.

— O que é? — perguntou Hugo.

— Um autômato.

— O que é isso?

— Um objeto de corda, como uma caixa de música ou um brinquedo, só que infinitamente mais complexo. Eu já tinha visto alguns outros antes, um pássaro cantando numa gaiola e um acrobata mecânico num trapézio. Mas esse agora é muito mais sofisticado e interessante que os outros.

— Por quê? — perguntou Hugo, ansioso.

— Porque esse pode escrever. Pelo menos acho que pode. Ele tem uma pena na mão e está sentado numa escrivaninha. Olhei dentro dele e vi centenas de pecinhas, com dúzias de rodas com encaixes e ranhuras entalhadas. Tenho certeza que, se estivesse funcionando, a gente poderia dar corda, colocar uma folha de papel na mesa e todas aquelas pecinhas entrariam em ação e fariam o

braço se mexer e escrever algum tipo de mensagem. Talvez escrevesse um poema ou uma charada. Mas agora ele está quebrado e enferrujado demais para qualquer coisa.

— Quem fez ele? — perguntou Hugo.

— Ninguém no museu sabe, mas todos os outros autômatos que vi tinham sido fabricados por mágicos, para serem usados em seus espetáculos.

— Mágicos? — perguntou Hugo, animado.

— Alguns mágicos começaram como fabricantes de relógio. Usavam seu conhecimento de mecânica para construir esses autômatos e surpreender as plateias. O único propósito das máquinas era encher as pessoas de espanto, e conseguiam. Ninguém na plateia conseguia imaginar como aqueles bonecos misteriosos dançavam, escreviam ou cantavam. Era como se o mágico tivesse criado vida artificial, mas o segredo estava sempre na relojoaria.

— Você é relojoeiro! — exclamou Hugo. — Então você vai poder consertar!

— Não tenho muita certeza disso. Ele está enferrujadíssimo, tem peças faltando. E já tenho muitas outras coisas para consertar. Hugo também era muito bom com relógios. O talento corria na veia da família. O pai de Hugo sempre trazia relógios quebrados para casa e o filho brincava com eles. Já pelos seis anos de idade, Hugo era capaz de consertar quase qualquer coisa. Quando visitava o pai na relojoaria, Hugo o observava atentamente e, logo, quando ficava impaciente, fazia bichinhos mecânicos com as partes e peças

descartadas à sua volta. O pai de Hugo, orgulhoso, exibia as criaturas sobre sua mesa de trabalho.

— Posso ver o autômato? — pediu Hugo. — Por favor... Algumas noites depois, o pai o levou, disfarçadamente, ao sótão do museu. Na luz empoeirada, Hugo viu modelos de barcos quebrados, cabeças de estátuas, letreiros velhos e pilhas de portas arruinadas. Havia jarras de vidro cheias de líquidos estranhos, pássaros e gatos empalhados, imobilizados no meio de um salto, sobre uma placa de madeira.

Por fim, seu pai levantou um lençol branco todo manchado, e lá estava... o homem mecânico. Hugo soube naquele mesmo instante que jamais esqueceria a primeira vez que o viu. A máquina era tão intrincada, tão complicada que quase ficou tonto de olhar para ela. Mesmo em seu triste estado de desmantelo, era linda.

— Você consegue consertar — sussurrou Hugo. — Não quer saber o que ele escreve? Depois a gente dá corda nele e vê o que diz a mensagem.

— Vamos ver se encontro uma brecha no monte de relógios quebrados que tenho pra cuidar na loja e no museu, Hugo — disse o pai. Mas até mesmo enquanto trabalhava em sua loja o pai de Hugo ficava pensando no autômato.

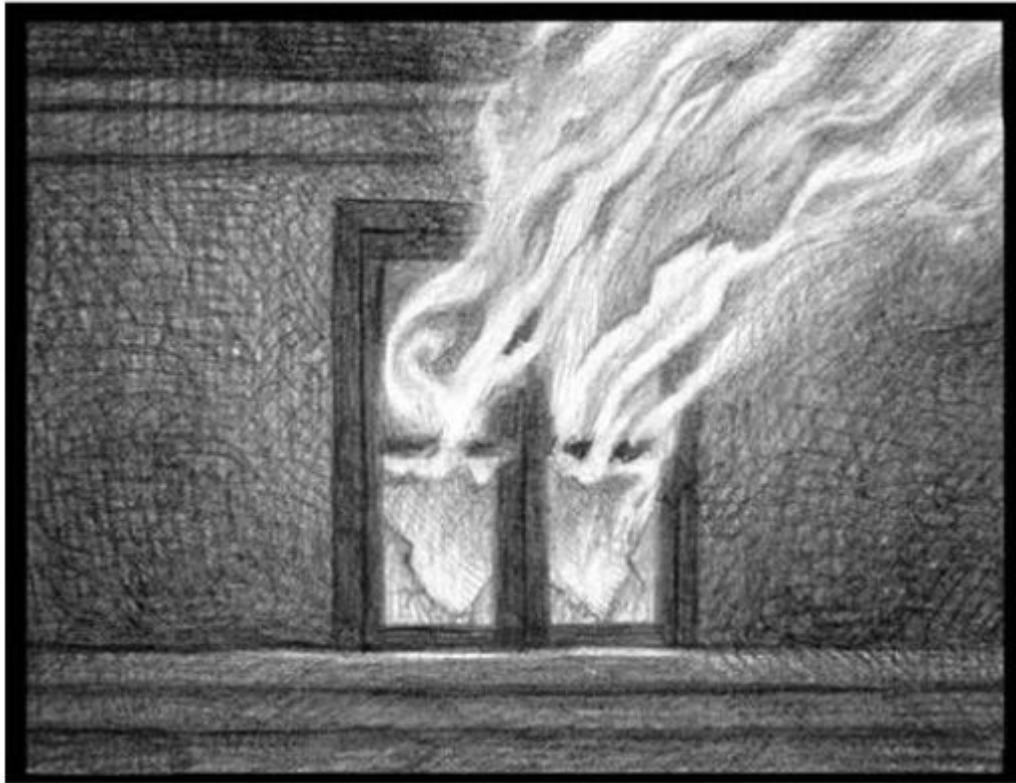


O pai de Hugo não tardou a encher vários cadernos com desenhos do autômato. Ele abriu o autômato e o desmontou cuidadosamente. Fez desenhos detalhados de todas as suas partes, em seguida as limpou e, com paciência, começou a colocá-las de volta. No aniversário de Hugo, seu pai, como era costume, o levou ao cinema e lhe deu de presente um daqueles cadernos.

Enquanto isso, o pai de Hugo ficava cada vez mais obcecado em fazer o autômato funcionar. Levou o filho ao museu algumas vezes e explicou como o mecanismo operava. Continuavam otimistas quanto a poderem consertá-lo e conversaram muito sobre o que o autômato escreveria quando estivesse funcionando novamente. Hugo e o pai começaram a considerar o autômato como um animal ferido a que eles estavam devolvendo a saúde.

Certa noite, o velho guarda do museu esqueceu que o pai de Hugo estava no sótão e trancou a porta, deixando-o preso lá dentro.

Hugo não tinha como imaginar o que aconteceria depois.



Ninguém sabe como o fogo começou, mas em poucos minutos ele tinha se alastrado por todo o edifício.

Hugo ficou a noite toda acordado, esperando que o pai voltasse para casa. Ele nunca havia demorado tanto. Mas quando a porta finalmente se abriu de manhã, não era seu pai.

Era o tio Claude.

— Junte logo todas as suas coisas, sobrinho — disse tio Claude, com um bafo de álcool, como sempre. Tirou seus pequenos óculos de metal com uma das mãos e enxugou os olhos avermelhados com

a outra. — Seu pai morreu e, como seu único parente vivo sou eu, vou cuidar de você. Hugo, que tinha passado toda a noite em claro, custou a entender o que o tio estava dizendo. Lembrava-se de ter ouvido o sangue pulsar em seus ouvidos, com o ritmo de um relógio. Em transe, guardou as roupas numa maleta, embalou alguns de seus brinquedos junto com um baralho. Enfiou no bolso o caderno do pai.

Enquanto caminhavam pelas ruas geladas da cidade, o tio lhe falou do incêndio e da porta trancada. Hugo quis desabar, deixar-se cair sobre a calçada e sumir. Era tudo culpa sua! Ele tinha insistido para que o pai consertasse a máquina e, agora, por sua causa, seu pai estava morto.

— Você vai ser meu aprendiz — ouviu vagamente o tio dizer enquanto andavam. — Vai morar na estação comigo, e eu vou lhe ensinar a cuidar dos relógios. "Aprendiz cronometrista." É um belo título para um menino. De todo jeito, estou ficando velho demais para escalar as paredes. Um milhão de perguntas flutuavam numa neblina dentro da mente de Hugo, mas a única que ele deixou finalmente escapar foi:

— E a escola? A mão de Hugo ainda envolvia o caderno dentro do bolso e, sem perceber, ele começou a esfregar a capa com

o dedo indicador. O tio riu: — Ah, sobrinho, que sorte você tem! A escola já era. Não vai ter tempo pra isso quando você estiver nas paredes da estação. Pode me agradecer. Tio Claude deu um tapa nas costas de Hugo e disse:

— Você vem de uma longa linhagem dedicada à horologia. Seu pai ficaria orgulhoso. Agora, vamos depressa. Tio Claude limpou a

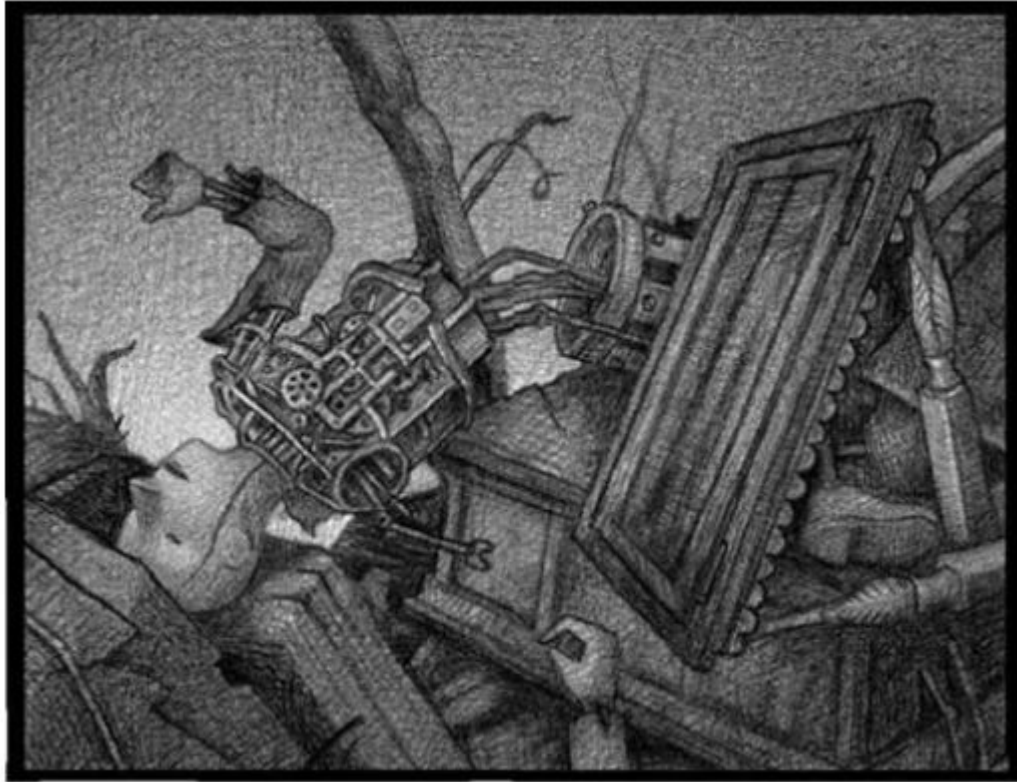
garganta. Levou a mão ao bolso e de lá trouxe um frasco prateado fosco e tomou um gole. A palavra horologia estava pintada na porta da loja do pai de Hugo. Ele sabia que significava "arte de fabricar relógios" e sempre tinha imaginado que seria um relojoeiro como o pai. Mas depois da descoberta do autômato, Hugo começava a ter outras ideias. Queria se tornar um mágico. O garoto teve vontade de fugir em disparada, mas, naquele momento, como se lesse sua mente, tio Claude agarrou-o pela nuca e não o soltou até chegarem à estação ferroviária.

E assim Hugo começou a cuidar dos relógios o dia todo, no escuro. Ele frequentemente imaginava que sua própria cabeça era repleta de engrenagens, como uma máquina, e sentia uma conexão com qualquer mecanismo em que tocasse. Adorou aprender como funcionavam os relógios da estação, e sentia um prazer especial em saber como escalar as paredes e consertar em segredo os relógios, sem que ninguém o visse. Mas quase nunca tinha o que comer, e tio Claude gritava com ele, dava-lhe cascudos quando cometia algum erro e o obrigava a dormir no chão.

Tio Claude ensinou Hugo a roubar, coisa que ele odiava mais que tudo, mas às vezes era a única maneira de conseguir algo para comer. Quase toda noite, Hugo chorava em silêncio até dormir, e sonhava com relógios quebrados e incêndios.

Logo o tio começou a sumir por horas seguidas, duas vezes por dia, deixando Hugo sozinho para cuidar dos relógios. Às vezes o tio só retornava muito tarde da noite, até que um dia simplesmente não voltou.

Hugo temia que seu tio o trouxesse de volta caso fugisse, mas, finalmente, na terceira noite depois do sumiço do tio, ele decidiu escapar. Embalou suas coisas e saiu correndo da estação. Estava faminto e cansado e não tinha a menor ideia de para onde ir. Atravessou as estreitas ruas da cidade, girando às cegas, com medo de congelar até morrer antes de encontrar abrigo. Olhava para os próprios pés enquanto caminhava porque o vento era cortante, até que, por puro acaso, Hugo se viu diante das ruínas do museu incendiado. Tudo o que sobrara do edifício era uma irregular parede de tijolos com nada por trás das janelas além do céu escuro. A polícia tinha colocado barreiras, mas ninguém tinha começado a limpar o local. Na frente havia uma enorme pilha de metal retorcido, tábuas empenadas e tijolos esmagados. De repente, no meio dos destroços, alguma coisa atraiu o olhar de Hugo.



Lá estava aquilo, como uma acusação, lembrando a Hugo que tudo em sua vida tinha sido destruído. Ele se sentou e fitou a coisa.

Passou-se um longo tempo.

Cães latiam ao longe, e o ronco dos carros de lixo perfurava a quietude da noite. Para onde é que Hugo iria? O que poderia fazer? Ele não tinha ninguém. Até o autômato estava morto.

Apanhou seus poucos pertences e saiu andando. Mas não parava de olhar para trás, para a máquina arruinada e, por alguma razão, não conseguiu deixá-la ali. Depois de todo o esforço de seu pai, o autômato pertencia a ele. Hugo inspirou profundamente, voltou e tirou o pó do escombro carbonizado. O autômato era

pesado e tinha muitas partes, mas o menino recolheu tudo e, não tendo aonde ir, retornou à temida estação.

Foi uma difícil viagem de volta, com o peso de suas coisas a tiracolo e os restos enegrecidos e retorcidos do autômato oprimindo seus braços e costas. Ele nem sequer imaginava o que faria com aquela coisa depois que a levasse para o quarto.

Como já era tarde da noite, conseguiu enfiar aquilo numa das entradas de ventilação sem que ninguém o visse. Precisou de várias idas e vindas através das paredes para levar tudo aquilo até o quarto. Quando terminou, tinha as mãos muito arranhadas; os braços e as costas doíam muito. Hugo depositou todas as peças no assoalho e lavou as mãos na bacia ao lado da cama, que ele encheu com a água da torneira desregulada de sua minúscula cozinha. Contemplou as peças de metal disforme e achou ótimo seu tio ainda estar ausente.

— Conserte. Hugo se arrepiou. Podia jurar ter escutado uma voz murmurando em seu ouvido. Procurou pelo tio, mas o quarto estava vazio. Hugo não sabia se tinha sido seu próprio pensamento ou algum fantasma, mas tinha ouvido claramente.

— Conserte. Olhando para o autômato, Hugo achou que não poderia consertá-lo. Estava ainda pior do que antes. Mas ele tinha o caderno do pai. Talvez pudesse usar os desenhos como um guia para reconstruir as partes que faltavam.

Cada vez mais, Hugo foi sentindo que precisava tentar. Se consertasse aquilo, pelo menos não ficaria tão só.

Hugo sabia que seria perigoso ficar na estação ferroviária. Seu tio poderia retornar e, nesse meio tempo, se o inspetor da estação

soubesse que ele estava sozinho, Hugo tinha certeza de que seria trancado na pequena cela do gabinete e em seguida mandado para algum orfanato. Com isso, o autômato provavelmente seria jogado fora e destruído.

Hugo logo percebeu que devia fazer tudo parecer como se seu tio ainda estivesse por lá. Manteria os relógios em marcha com a máxima precisão, e recolheria os cheques salário do tio no gabinete quando ninguém estivesse olhando (embora não soubesse como descontá-los). Principalmente, Hugo faria de tudo para permanecer invisível.

Três meses tinham se passado desde então. Hugo correu os dedos pelo braço do autômato e fitou seu rosto. Havia estudado atentamente os desenhos no caderno do pai e feito grandes progressos. Pintara de novo o rosto do autômato, que ficou com uma expressão muito estranha. Parecia a do próprio pai de Hugo, do jeito que ficava quando estava pensando em três coisas ao mesmo tempo. A mão de madeira recém-polida estava agora posta sobre a escrivaninha, como antes, esperando que Hugo lhe fizesse uma pena nova.

Hugo continuava a pensar na mensagem que ela cedo ou tarde escreveria. E quanto mais trabalhava no autômato, mais passava a acreditar numa coisa que sabia ser completamente maluca: estava certo de que a mensagem responderia a todas as suas indagações e lhe diria o que fazer, agora que estava sozinho. A mensagem salvaria sua vida.

Toda vez que pensava na mensagem, imaginava-a com a letra de seu pai. Podia ser que, enquanto trabalhava no autômato no

sótão do museu, seu pai tivesse mudado as pecinhas mecânicas o bastante para que escrevessem uma nova mensagem, uma mensagem destinada apenas a Hugo. Era possível, afinal de contas.

Agora só precisava recuperar o caderno que estava com o velho para poder terminar seu trabalho e ler a mensagem deixada pelo pai.

6

Cinzas



NO DIA SEGUINTE, AO ROMPER DA AURORA, O velho estava abrindo a loja de brinquedos quando Hugo se aproximou.

— Imaginei que ia te ver hoje — disse o velho ao se virar para Hugo. Enfiou a mão no bolso, retirou um lenço amarrado e ficou segurando-o. Os olhos de Hugo se arregalaram, esperançosos. Mas assim que pegou no lenço, compreendeu o que lhe fora dado.



Um nó se formou em sua garganta, e lágrimas começaram a brotar de seus olhos enquanto desfazia o laço.

Hugo tocou as cinzas e logo as deixou cair no chão com o lenço. Cambaleou para trás. Todos os seus planos, todos os seus sonhos desapareciam naquele montinho de cinza espalhada. Hugo investiu contra o velho, mas este foi mais rápido e o agarrou pelos braços.

— Por que todo esse apego a um caderninho? — perguntou o velho enquanto sacudia Hugo. — Por que você não me diz?

Hugo estava soluçando. Ao tentar se livrar do velho, notou uma coisa esquisita. O velho parecia ter lágrimas nos olhos também. Por que diabos ele estaria chorando?

— Vá embora — murmurou o velho, soltando Hugo. — Por favor, apenas vá embora. Acabou.

Hugo enxugou os olhos com as mãos sujas de cinza, deixando longas manchas negras no rosto. Virou-se e correu o mais depressa que pôde.

Hugo estava exausto, mas precisava conferir os relógios de novo. Por um momento, pensou em desistir. Jamais conseguiria ler a mensagem do autômato agora, então bem que podia se entregar ao inspetor da estação e ser mandado para o orfanato. Lá, pelo menos, não precisaria roubar comida e se preocupar com o atraso dos relógios. Mas a ideia de perder o homem mecânico era difícil de suportar. Sentia-se responsável por ele. Mesmo que não funcionasse, ficando na estação, ele o teria por perto.

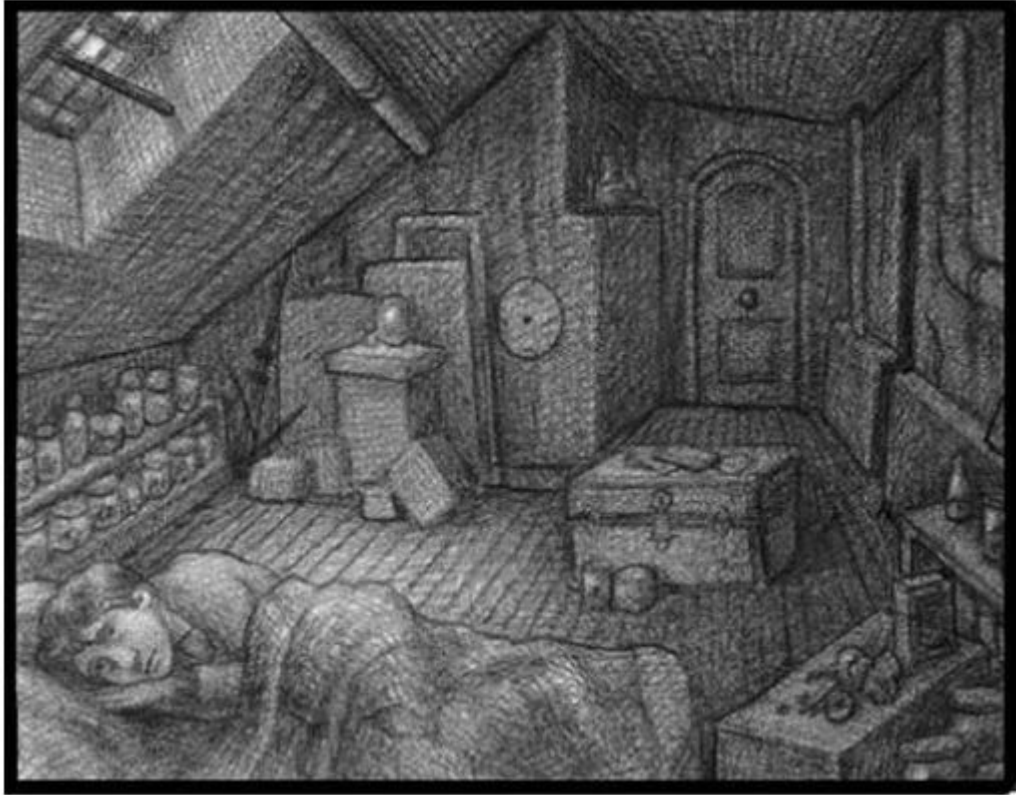
O garoto se pôs a trabalhar nos relógios. No entanto, por mais que tentasse se distrair, continuava a ver o lenço cheio de cinzas. Tinha ódio do velho e jamais perdoaria a menina por ter mentido.

No final do dia, Hugo colocou sua caixa de ferramentas no chão e se sentou junto do relógio que estava conferindo. Colocou o relógio de bolso na caixa, trouxe os joelhos para debaixo do queixo e segurou a cabeça com as mãos.

O ritmo regular do relógio fez Hugo adormecer, mas ele sonhou com incêndios e acordou sobressaltado.

Frustrado, triste, e tendo terminado com os relógios, ele finalmente voltou para o quarto e tentou dormir. Mas sua mente não parava de rodopiar e, por isso, apanhou uma folha de papel e um lápis numa das caixas perto da cama. Sentou-se no chão e fez desenhos de relógios e engrenagens, de máquinas imaginárias e mágicos no palco. Desenhou o autômato muitas e muitas vezes.

Depois colocou os desenhos debaixo da cama, sobre a grande pilha de outros desenhos que tinha feito, e foi se deitar, todo vestido.



Veio a manhã. Como sempre, os relógios estavam à espera.

Depois de ter concluído sua ronda, Hugo lavou o rosto e as mãos na bacia. Tinha sede e desejava uma xícara de café quente. Era impossível roubar café, já que alguém tinha que servi-lo, por isso ele vasculhou seus vidros e encontrou algumas moedas.

Hugo comprou o café e se sentou por um instante numa das mesas desocupadas da cafeteria. Preferia pagar pelo que pudesse com as moedas que encontrava toda semana, e tentava não roubar nada que julgasse necessário às pessoas. Pegava roupas no depósito de achados e perdidos, e revirava a lixeira em busca de

pão amanhecido. As vezes se permitia roubar garrafas de leite ou pães frescos quando eram deixados do lado de fora da cafeteria de manhã cedo, como seu tio lhe ensinara. Os brinquedos, evidentemente, tinham sido uma clara exceção àquela regra.

O café estava quente. Enquanto esperava que ele esfriasse, Hugo olhou para a cavernosa estação que o rodeava e viu toda aquela gente apressada, dirigindo-se a milhares de destinos diferentes. Quando via as pessoas do alto, sempre achava os passageiros semelhantes a engrenagens de uma máquina intrincada, labiríntica. Mas de perto, em meio ao tumulto e ao corre-corre, tudo parecia simplesmente barulhento e caótico.

Quando Hugo voltou a pegar sua xícara, notou que tinha aparecido um pedaço de papel dobrado sobre a mesa. Olhou em volta, mas não havia ninguém perto o bastante para ter deixado aquilo ali. Devagar, ele desdobrou o papel.

Estava escrito: *Me encontre na livraria do outro lado da estação.*

Nada mais. Mas então Hugo virou o papel. Tinha mais uma frase:

Seu caderno não foi queimado.

7

Segredos



HUGO NUNCA TINHA ENTRADO na livraria antes, mas é claro que sabia perfeitamente onde ela ficava. Conhecia cada centímetro da estação. Do lado oposto ao da cafeteria, não longe da grande sala de espera, havia duas mesas cobertas de livros, ladeando uma porta onde se lia:

R. LABISSE LIVRARIA — NOVOS E USADOS

Uma sineta tilintou quando Hugo pisou dentro da loja. Estava esfregando os botões da jaqueta e um deles saiu em sua mão. Enfiou-o no bolso, onde continuou a esfregá-lo. Seu coração latejava.

O lugar cheirava a papel velho, poeira e canela. Aquilo fez Hugo se lembrar da escola, e uma rápida cena de sua antiga vida brilhou alegremente em sua memória. Seus melhores amigos, Antoine e Louis, tinham cabelos escuros e gostavam de fingir que eram irmãos. Fazia tempo que Hugo não pensava neles. O mais

alto dos dois, Antoine, costumava chamar Hugo de "Tique-taque" porque sempre tinha peças de relógio nos bolsos. Será que ainda fingiam ser irmãos? Sentiriam falta dele?

Hugo também se lembrou de que às vezes, de noite, seu pai lia para ele incríveis histórias de aventura de Júlio Verne e contos de fadas de Hans Christian Andersen, que eram os seus favoritos. Hugo sentia falta de que lessem para ele.

Um funcionário estava sentado a uma mesa, entre duas grandes pilhas de enciclopédias. Hugo olhou em volta. De início, não viu ninguém mais na loja, mas de repente, como uma sereia emergindo de um mar de papel, a menina apareceu. Ela fechou o livro que estava lendo e fez sinal para que Hugo se aproximasse.



— Tio Georges ainda está com o seu caderno.

— Como posso saber se você não está mentindo? Já mentiu antes.

— Não menti. Ele está te pregando uma peça.

— Por que você está me contando isso? Por que quer me ajudar?

A menina pensou um instante.

— Quero ver o que tem no seu caderno.

— Não pode. É um segredo — disse Hugo.

— Ótimo. Adoro segredos.

Hugo achou que era uma menina muito esquisita. Ela se dirigiu ao funcionário sentado no fundo da loja:

— Senhor Labisse, estou levando o livro sobre fotografia. Em breve trago ele de volta.

— Sim, sim, certo, certo — disse ele, distraidamente, enquanto ela saía da livraria sem olhar para Hugo. Uma parte de Hugo não acreditava na menina. Talvez ela estivesse lhe pregando uma peça. Mas como não tinha nada a perder, caminhou de volta à loja de brinquedos e esperou até que o velho terminasse de atender os fregueses. As engrenagens dentro de sua cabeça rodopiavam, descontroladas.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou o velho.

Hugo tomou um longo fôlego.

— Não acredito que o senhor tenha queimado o caderno.

— Não acredita?

O velho pareceu surpreso. Pensou naquilo por alguns instantes e disse:

— Bem, estou pouco ligando. Talvez você tenha razão, talvez aquelas não fossem as cinzas do seu caderno, mas você nunca vai descobrir ao certo, não é?

Hugo entrou um pouco mais na loja. O velho arrumou com calma os brinquedos sobre o balcão e disse ao menino:

— Você não devia ter voltado aqui, Hugo Cabret. Basta, vá embora.

Hugo foi. Mais tarde, porém, sozinho em seu quarto, e enquanto se esgueirava pelas paredes ajustando os relógios, o menino pensou no autômato. Convenceu-se de que era preciso continuar tentando. Voltou à loja de brinquedos no dia seguinte, e no dia seguinte ao seguinte. À noite, novos desenhos se acumulavam embaixo da cama.

Finalmente, no terceiro dia, o velho se aproximou dele com uma vassoura na mão. Hugo se assustou, achando que o velho ia lhe bater. Mas, em vez disso, estendeu o cabo na direção de Hugo e disse:

— Seja útil.

Hugo pegou a vassoura e começou a varrer o chão em torno da loja. O velho observava atentamente. Quando Hugo terminou de varrer, devolveu a vassoura ao velho.

— Agora me dê o caderno.

O velho tossiu e levou a mão ao bolso. Tirou de lá uns trocados.

— Vá me comprar um croissant e um café, a menos que queira roubar minhas moedas também.

Hugo agarrou alegremente os trocados e voltou depressa, com dois croissants e dois cafés. Comeram e beberam em silêncio.

Quando terminaram, o velho se levantou do banco onde estavam sentados, foi atrás do balcão e pegou os pedaços do ratinho azul de corda que Hugo tinha pisado quando foi pego roubando da loja. O velho pôs os destroços sobre o balcão e disse:

— Conserte.

Hugo apenas fitou o velho.

— Eu disse: conserte! — repetiu o velho.

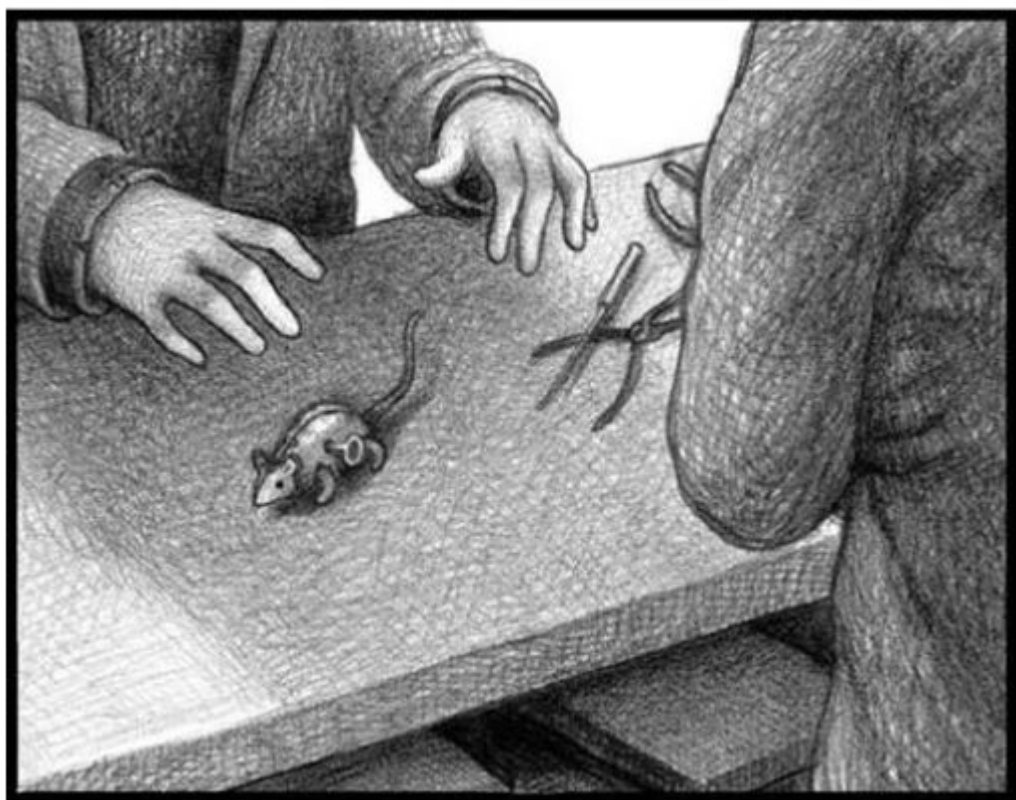
— Preciso das minhas ferramentas — disse Hugo.

O velho apanhou um pequeno estojo contendo minúsculas chaves de fenda, alicates, fios e um martelinho.

— Use essas.

Hugo hesitou por um instante, mas logo se pôs a trabalhar.





O ratinho deslizou ruidosamente pelo balcão.

— Então eu estava certo a seu respeito — disse o velho. — Você tem algum talento. Agora, pode me dizer por que veio até mim? Vai me contar sobre os desenhos do seu caderno?

— Me devolva ele primeiro — disse o menino.

O velho bufou. — Se eu não tiver queimado o seu caderno, só tem um jeito de começar a pensar em devolvê-lo. Crianças como você não valem os trapos que vestem, mas a maioria teria sumido completamente depois de ser apanhada. E a maioria das crianças como você não é tão boa em mecânica. Talvez você prove ser alguma coisa mais além de um ladrão. Quem sabe você mereça reaver o seu caderno. Mas, lembre-se: você está pondo em jogo o seu tempo, porque pode ser que você trabalhe para mim durante meses e meses só para descobrir que eu estava enganado a respeito do caderno. Há uma chance de ele já ter virado cinzas. Esse é o risco que você corre. Você virá até a loja todos os dias. Eu decidirei quanto você terá que trabalhar para compensar cada objeto que roubou, e caberá a mim decidir quando terá merecido reaver o seu caderno, se é que ele ainda existe. Está entendendo?

— Já tenho um emprego — disse Hugo.

O velho riu.

— Roubar não é um emprego, garotinho.

— Eu tenho outro emprego, mas virei aqui quando puder.

— Venha amanhã — disse o velho, e Hugo saiu depressa pelo corredor vazio, tomando cuidado para não bater o solado dos

sapatos no chão de pedra. Não era o plano perfeito, mas, para Hugo, era ao menos um começo.

8

Baralho



DEPOIS DE FAZER SUA RONDA MATINAL pelos relógios, Hugo se apresentou na loja de brinquedos no dia seguinte, pronto para trabalhar. Podia sentir as rodas e engrenagens de sua cabeça rodopiando em todas as direções. Ora ficava esperançoso quanto a recuperar o caderno, ora furioso e magoado. Mas fez seu trabalho. Varreu o chão e organizou as caixinhas atrás do balcão. Desembaraçou os arames dos passarinhos móveis e repintou os brinquedos desbotados. Consertou as criaturas mecânicas que tinham parado de funcionar.

Hugo se viu rodeado de mais peças mecânicas do que jamais poderia ter imaginado. Para onde quer que olhasse, havia baldes com pontas de metal soltas, motores minúsculos, rodas dentadas, molas, porcas, parafusos e folhas de estanho de cores brilhantes. Hugo sabia que não devia roubar mais nada, mas ver todas aquelas peças era uma enorme tentação. Se tivesse seu caderno de volta, iria precisar de mais peças.

Esfregou os botões da jaqueta e, muito ágil, pôs no bolso os pequenos mecanismos que desejava.

Enquanto Hugo trabalhava, o velho jogava cartas. O pai de Hugo lhe ensinara a jogar paciência e costumava divertir o filho com alguns truques de baralho. Hugo não tinha pensado naquilo por muito tempo. Enquanto observava o velho jogar, viu coisas que o cativaram. Ele não misturava o baralho, simplesmente, mas abria-o em leque, estalava-o e as cartas saltavam, formando uma ponte arqueada. Depois, atirava-as em rápida sucessão de uma mão para a outra. Ele conseguia cortar o baralho com uma das mãos e fazer um segundo leque de cartas aparecer atrás do primeiro. Fez até uma carta flutuar sozinha e depois cair dentro do maço novamente. Como é que um velho tão cruel conseguia fazer coisas tão incríveis?

Na segunda vez que veio trabalhar, o menino trouxe seu próprio baralho. Quando estava prestes a terminar suas tarefas, se atreveu a chegar bem perto do velho e pôs o baralho sobre o balcão. — Me mostre como o senhor faz isso com as cartas.

— Como eu faço o quê? Jogar paciência?

— Como faz pra abrir as cartas em leque e fazer elas flutuarem desse jeito.

— Eu estava fazendo isso? — perguntou o velho. — Nem estava prestando atenção.

Agora vá trabalhar antes que eu perca a paciência.

Hugo não se mexeu.

O velho hesitou. Olhou de soslaio para o menino, depois recolheu suas cartas e novamente fez um leque com elas. O baralho dançou, subiu e flutuou.

Hugo ficou imóvel, contemplando deliciado, até que a voz do velho o tirou do transe.

— Chega. Vá trabalhar.

Mas pelo resto do dia, Hugo lançou olhadas furtivas para o velho, que continuou a fazer coisas incríveis com as cartas. Algumas vezes seus olhares se cruzavam, e Hugo tinha a nítida impressão de que o velho queria que ele o visse brincar com as cartas, como se estivesse se exibindo para ele.

Por fim, o velho caiu no sono de novo e Hugo sentiu um tapinha no ombro. Virou-se e viu a menina com um livro vermelho brilhante debaixo do braço. Ela pôs um dedo nos lábios.

— Me encontre na livraria em dez minutos — sussurrou ela. — Tio Georges não me quer por aqui.

E logo ela deslizou por entre bancos e colunas e desapareceu no corredor.

— Comecei a procurar o seu caderno — disse a menina quando Hugo apareceu.

— É melhor não olhar o que está escrito.

— Se eu encontrar, quero poder pelo menos olhar pra ele.

— Então não procure — Hugo a fitou.

— Estou tentando te ajudar. Por que você está sendo tão cruel?

Hugo piscou. Ele nunca antes tinha pensado em si mesmo como alguém cruel. O velho era cruel, ele não.

Hugo não tinha escolha... tinha que guardar segredo, mas não conseguia explicar aquilo à menina.

Ela estava ali parada, com as mãos nos quadris, olhando-o com uma expressão que ele não conseguia definir. Ela parecia muito adulta, como se estivesse decepcionada com ele, e por um breve

instante, inesperadamente, ele perdeu toda a coragem. Hugo desviou o olhar dela e enfiou as mãos nos bolsos.

— Só me prometa que não vai abrir o caderno — disse ele.

— Tudo bem.

Ela parecia estar com raiva, mas logo acrescentou: — Se ele cair aberto e eu tiver que pegar ele no chão, não vou fechar os olhos.

Foi quando a sineta sobre a porta tilintou e um rapaz entrou na loja.



— Etienne! — exclamou a menina.

— Olá, Isabelle — disse o rapaz.

Então o nome dela era Isabelle, pensou Hugo.

— Faz tempo que não te vejo. Como vão as coisas na loja de brinquedos?

— Tudo bem — disse Isabelle. Ela apontou na direção de Hugo e disse: — Esse é o meu amigo... humm... — Hugo.

Etienne sorriu e apertou a mão de Hugo. — Etienne trabalha no cinema perto de casa. Ele me deixa entrar escondida porque tio Georges não quer que eu veja nenhum filme.

— Eu sempre tenho pena das pessoas que gostam de cinema e não podem ir. Não posso evitar. Você gosta de cinema, Hugo?

— Meu pai sempre me levava no cinema no dia do meu aniversário — respondeu.

— O que foi que você viu? — perguntou Isabelle.

Hugo olhou para os dois. Pensou na época em que ia ver filmes com o pai e em como eles adoravam ficar juntos no escuro do cinema.

Finalmente, Hugo respondeu à pergunta de Isabelle:

— No meu último aniversário, a gente viu um filme com um homem pendurado nos ponteiros de um relógio gigante.



— Ah, esse é ótimo! Se chama *O homem mosca* — interrompeu Isabelle — e é estrelado por Harold Lloyd.

— Vou sair da cidade por uns dias para visitar minha família — disse Etienne. — Mas apareçam no cinema na semana que vem, quando eu voltar. Vou trabalhar na terça-feira. Faço os dois entrarem escondidos.

— Não posso... — disse Hugo.

— Tem que ir! — disse Etienne, sorrindo. — Prometa que vai!

— Não posso fazer isso.

— Ora, Hugo, vamos. Prometa! — insistiu Isabelle.

A ideia de ir ao cinema fez Hugo se lembrar do que seu pai tinha contado sobre como era ir ao cinema quando ele era garoto, na época em que os filmes eram novidade. O pai de Hugo disse que

tinha adentrado a sala escura e, na tela branca, havia visto um foguete voar para dentro de um olho desenhado na cara da Lua. Seu pai falou que nunca tinha experimentado sensação parecida. Era como ver seus sonhos em pleno dia.

— Tudo bem. Prometo — concordou Hugo.

Isabelle encaixou seu livro novo, *Mitologia grega*, debaixo do braço e disse:

— Que bom! Vejo você lá, então. Preciso ir agora. Tem uma coisa que preciso procurar.

— Não abra o cader... — Hugo tentou falar, mas Isabelle já tinha se dirigido para a porta.

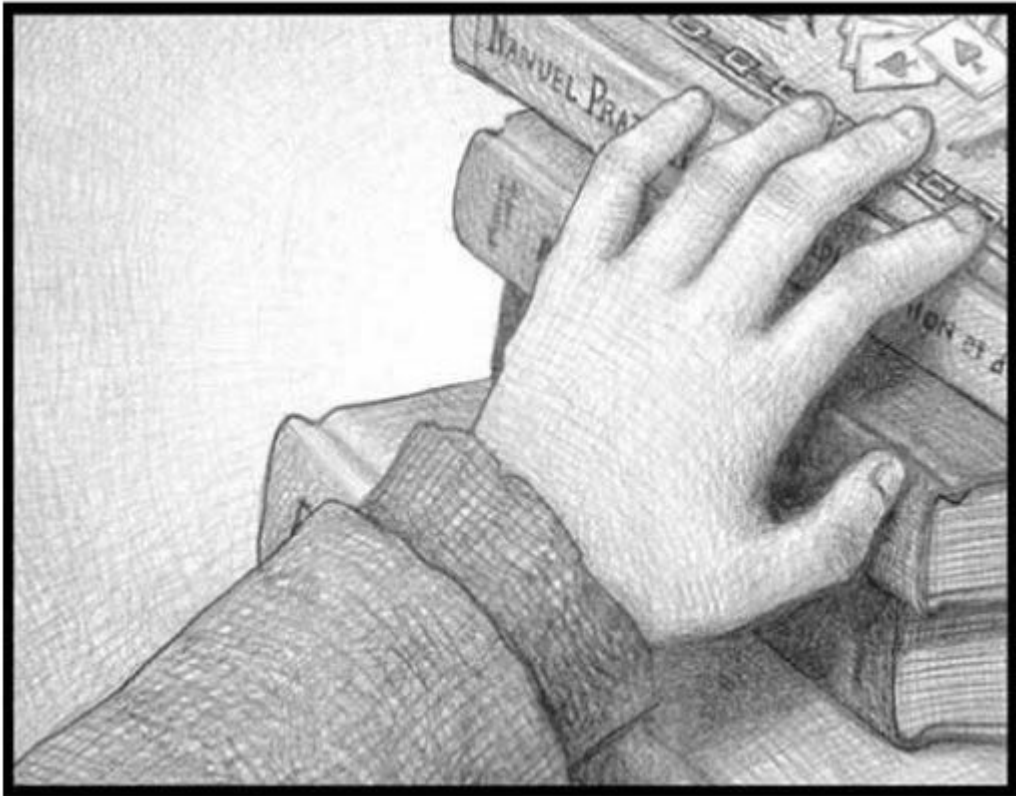
— Até mais, Etienne — ela se despediu. Em seguida, para Hugo, disse: — Vejo você semana que vem no cinema — e desapareceu na estação lotada.

Etienne disse:

— Bem, foi legal te conhecer, Hugo — e saiu andando para pegar o livro que tinha vindo buscar.

Hugo se dirigiu à porta para sair, mas a livraria era quente, tranquila, e as cambaleantes pilhas de livros fascinaram o menino. Decidiu dar uma olhadinha só por um minuto.





Hugo segurou o livro que mais havia chamado sua atenção. Tinha cartas douradas gravadas na capa, assim como o título *Manual prático de mágica com cartas e outras ilusões*. Dentro, diagramas nítidos em preto-e-branco revelavam o que parecia uma série interminável de truques com cartas, muitos dos quais Hugo tinha visto o velho fazer. A segunda metade do livro trazia os segredos de como fazer coisas desaparecer, como disfarçar a voz e tirar coelhos de uma cartola. Outros diagramas mostravam como rasgar papel e fazê-lo ficar inteiro de novo sozinho, e como tirar água de um sapato e deixar o sapato seco. Hugo continuou folheando, procurando ver se havia o que quer que fosse sobre autômatos, mas o livro silenciava a respeito do tema. Mesmo assim, Hugo o desejou ardentemente. Sabia que o senhor Labisse emprestava livros a Isabelle, mas Hugo não queria simplesmente um empréstimo. Queria que aquele livro fosse seu.

Deslizou-o para debaixo do braço e se moveu lentamente na direção da porta. Esfregou os botões que restavam na jaqueta.

— Ei, Hugo — chamou Etienne, que estava sentado num banquinho, lendo. — Que livro é esse aí?

Hugo ficou agitado. Quis correr, mas Etienne se aproximou e pegou o livro sob o braço dele.

— Vejam só. Mágica.

Etienne sorriu e devolveu o livro. — Você sabe o que tem debaixo do meu tapa-olho?

Era mesmo para Hugo responder àquela pergunta? Etienne parecia esperar uma resposta. Hesitante, Hugo disse:

— Seu olho?

— Não. Perdi o meu olho quando era menino, brincando com fogos de artifício. Um morteiro explodiu dentro dele.

Mas tudo o que Hugo conseguiu pensar em dizer foi: oh!

— E aí, quer saber o que tem debaixo do meu tapa-olho?

— Tudo bem — concordou Hugo, pensando que o que ele realmente queria era dar o fora dali. Etienne pôs dois dedos sob o tapa-olho e tirou dali uma moeda, que estendeu para Hugo.

— E o único truque de mágico que conheço — disse Etienne. — Vai lá e pague pelo livro.

9

A chave



À NOITE, DEPOIS DE TER INSPECIONADO e limpado todos os relógios, Hugo abriu o livro de mágica. Leu de cabo a rabo, depois releu as partes favoritas, memorizando trechos inteiros, praticando com qualquer coisa que pudesse encontrar no quarto. Mas, mesmo enquanto abria as cartas em leque ou fazia uma moeda rolar no dorso de seus dedos, ele se pegava pensando em Isabelle. Hugo pôs o livro de lado.

Ela disse que tentaria ajudá-lo a recuperar seu caderno. Isabelle o chamara de amigo.

Mas como poderia ser amigo dela se ele tinha tantos segredos? Não precisava guardar nenhum segredo quando era amigo de Antoine e Louis. Desejou que Isabelle simplesmente sumisse.

Antes de se preparar para dormir, Hugo tirou o homem mecânico de seu esconderijo e remexeu em todas as pecinhas que tinha surrupiado desde que começara a trabalhar na loja. De repente, foi como se uma luz acendesse dentro de sua cabeça. Hugo viu que, com um pouco de trabalho, uma das peças se encaixaria no soquete do braço do autômato. Apanhou a caixa de

ferramentas, cortou e limou o metal dobrando-o até que finalmente coubesse no lugar com precisão.

Pela primeira vez, Hugo tinha colocado alguma coisa no homem mecânico sem as orientações do caderno! Seu coração bateu forte. E se ele conseguisse consertar o homem mecânico sem usar o caderno? Afinal, quem sabia por quanto tempo o velho ia obrigá-lo a trabalhar? E se a menina estivesse mentindo e o caderno de fato tivesse sido queimado? Ele não tinha certeza de que conseguiria, mas enquanto o caderno não estivesse realmente em suas mãos, ele tentaria.

A semana passou depressa. Hugo estava mais cansado do que nunca. Mal dormia porque, no final do dia, depois de cuidar dos relógios e trabalhar na loja, ficava acordado até o amanhecer trabalhando no autômato. Fez grandes progressos e sabia que estava perto de terminar.

Quando chegou o momento de encontrar Isabelle e Etienne no cinema, Hugo não quis faltar com a promessa. Deu uma desculpa ao velho, saiu da estação e correu até lá. Esgueirou-se para os fundos do prédio, onde encontrou Isabelle à sua espera.

— Tio Georges deve ter escondido seu caderno muito bem — disse ela —, mas acho que tenho uma ideia de onde ele está. Hugo se perguntou se deveria recomendar novamente a ela que não olhasse dentro do caderno. Mas decidiu que não.

— Por que ele não quer que você venha ao cinema? — perguntou Hugo.

— Não sei. Talvez ele ache que é perda de tempo. Ele nunca disse por quê. Aposto que os meus pais me deixariam vir ao

cinema.

Isabelle olhou para Hugo, como se esperasse que ele lhe perguntasse sobre seus pais, mas ele não perguntou, e ela então simplesmente continuou a falar.

— Meus pais morreram quando eu era bebê, e tio Georges e tia Jeanne eram meus padrinhos, por isso me pegaram para criar. Eles são muito bons, menos quando o assunto é cinema.

Hugo nada disse em resposta, então Isabelle finalmente perguntou:

— Onde estará Etienne? Normalmente ele já teria aberto a porta para mim.

Hugo cuidadosamente deu a volta até a frente do prédio e procurou por Etienne. O gerente do cinema, cujos finos cabelos pretos estavam bem alisados no alto da cabeça, abriu a porta e perguntou a Hugo:

— O que você quer?

O cigarro pendurado em seus lábios se mexeu para cima e para baixo quando ele falou.

— Estou... humm... procurando Etienne.

O homem o fitou. — Ele usa um tapa-olho — explicou Hugo.

— Eu sei quem é Etienne — disse o homem enquanto alisava o cabelo e batia as cinzas na direção de Hugo. — Acabo de demiti-lo. Descobrimos que deixava crianças entrarem escondidas no cinema. Não é uma coisa horrível de se fazer? — ele olhou firme para Hugo.

Hugo se afastou da porta, correu para trás do cinema e contou a Isabelle o que tinha acontecido.

— Que homem horroroso! Vem comigo — disse Isabelle. Ela caminhou até a porta dos fundos e tirou do bolso um grampo de cabelo. Hugo ficou observando enquanto ela manejava o grampo dentro da fechadura até que se ouviu um clique e a porta se abriu.

— Onde você aprendeu a fazer isso? — perguntou ele.

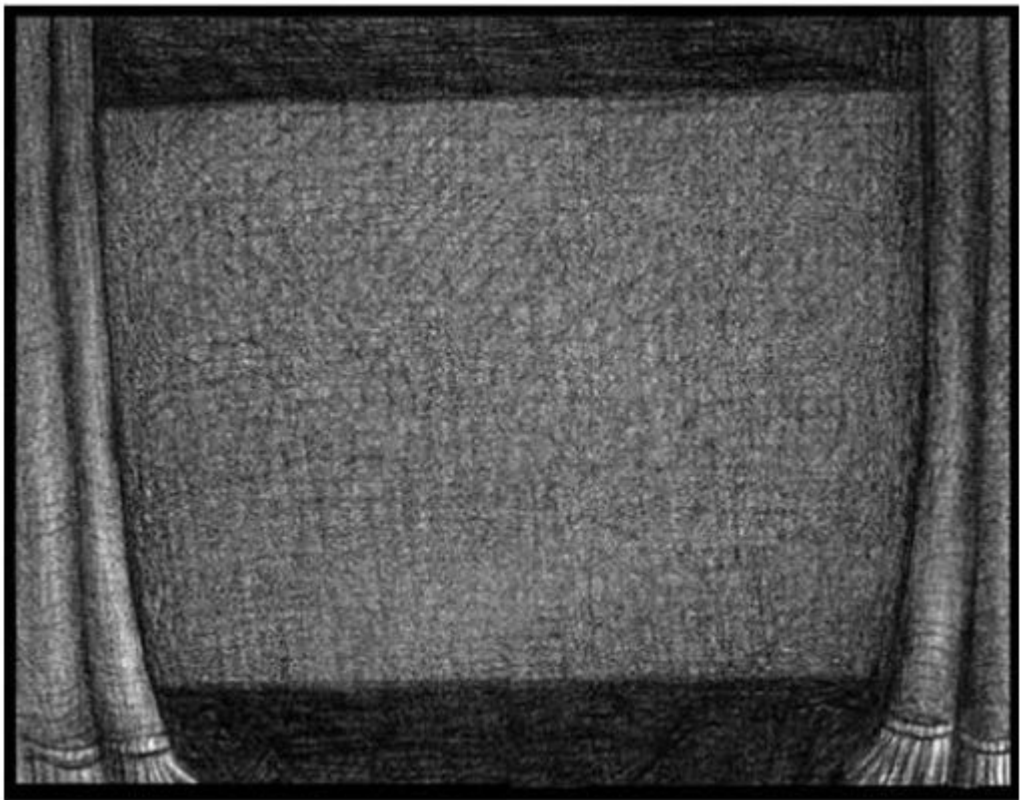
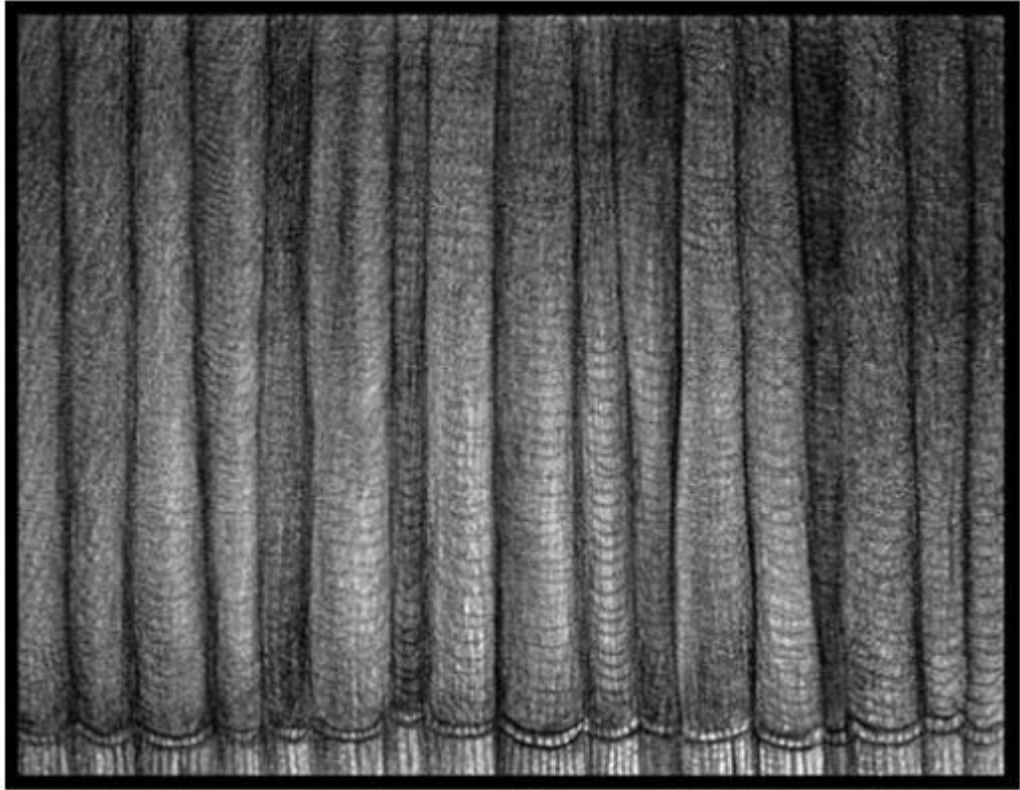
— Livros — respondeu Isabelle. Isabelle espiou do lado de dentro, para ter certeza de que ninguém estava olhando, em seguida segurou a porta aberta para Hugo. Entraram pelos fundos do saguão, onde fotografias dos próximos lançamentos estavam pregadas em murais. Isabelle parou um instante e olhou para um dos cartazes, uma foto em preto-e-branco de uma atriz com olhos muito escuros.

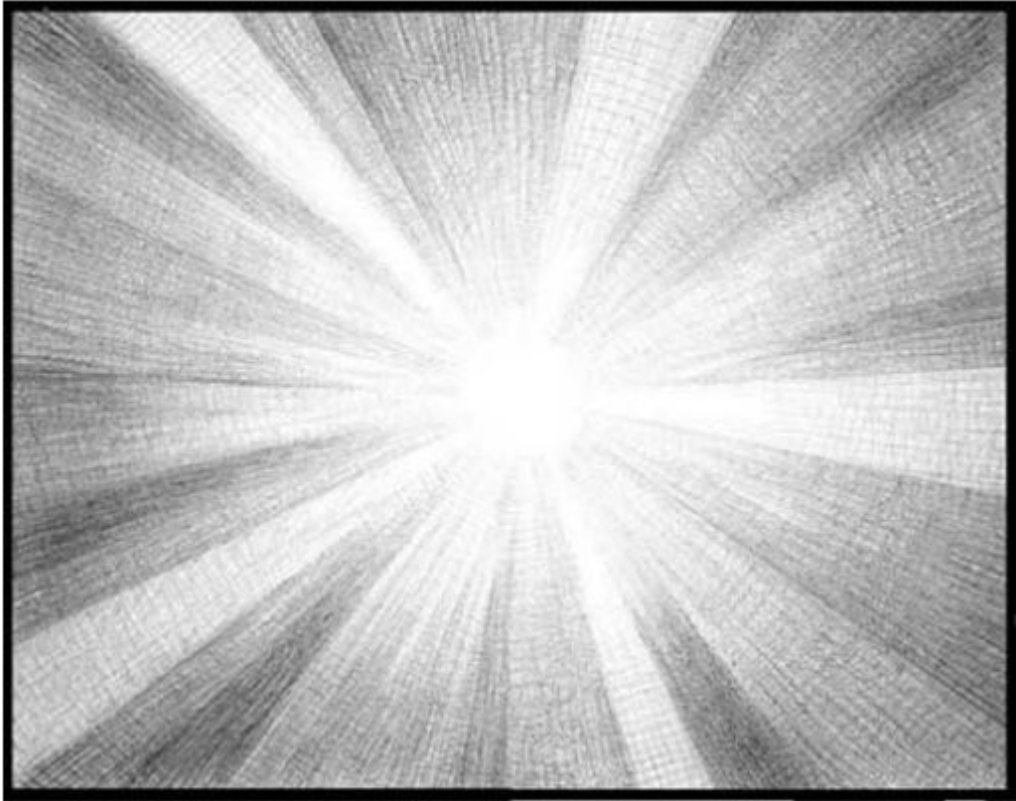
— Às vezes acho que gosto tanto dessas fotos quanto gosto dos filmes — disse ela. — Você pode criar sua própria história olhando para uma foto.

Hugo olhou para o cartaz, mas Isabelle o interrompeu logo:

— Rápido, aí vem o gerente.

Ela e Hugo correram do saguão para dentro da sala, se afundaram nas cadeiras macias de veludo vermelho e esperaram a sessão começar.





A tela muito branca fez Hugo pensar numa folha de papel novinha. Ele adorava o maravilhoso ronronar do projetor que enchia a sala.

Primeiro vieram as notícias, cada uma durando alguns minutos, sobre acontecimentos recentes mundo afora. Teve uma sobre a Grande Depressão nos Estados Unidos, uma sobre a Exposição Internacional que seria inaugurada em Paris dentro de alguns meses (Hugo achou a novidade interessante, embora soubesse que nunca poderia ir até lá), e uma sobre a política na Alemanha. Até que, finalmente, começou um desenho animado. Se chamava A relojoaria. Nele, um velho estava acendendo os lampiões da rua ao cair da noite, quando passou por uma relojoaria. Lá dentro, todos os relógios estavam vivos, dançando ao som de música erudita. Hugo sabia que seu pai teria adorado aquilo. No final, a música se tornava mais furiosa, enquanto dois despertadores começavam uma luta. As cortinas se fecharam, todo mundo aplaudiu, e o projetor trocou os rolos. Passados uns instantes, as cortinas se abriram de novo e teve início a atração principal, O milhão, de um diretor chamado René Clair. Era sobre um artista, um bilhete de loteria perdido, um criminoso, um casaco emprestado e um cantor de ópera, e tinha uma das sequências de perseguição mais incríveis que Hugo já tinha visto. Achou que toda boa história devia terminar com uma grande e animada perseguição.

O tempo passava depressa no escuro e, quando as luzes se acenderam, Hugo não queria que aquela tarde terminasse.

Ele e Isabelle se entreolharam, ainda retendo nos olhos o brilho das imagens cintilantes. Todo mundo saiu do cinema, até que as

crianças ficaram sozinhas em seus assentos no fundo da sala. Hugo fitou a tela, como se visse a luz projetada e ouvisse o som do filme.

Subitamente, as crianças foram agarradas pelos colarinhos e puxadas para cima.

— Seus ratos! Como foi que entraram aqui? — latiu o gerente. Cinzas de cigarro caíram na cabeça deles. As crianças conseguiram apanhar seus casacos e foram atiradas para fora, sobre a calçada úmida na frente do cinema. — E nunca mais se atrevam a aparecer! O gerente fechou as portas de vidro, esfregou as mãos e ficou olhando para eles até que saíram correndo, espanando as cinzas dos cabelos.

Quando já estavam fora de alcance, diminuíram a marcha. O ar estava frio e os dois se arrepiaram.

Isabelle falou a Hugo sobre outros filmes que ela adorava: comédias, desenhos animados e filmes de caubói estrelados por Tom Mix. Havia uma atriz que ela tinha visto, chamada Louise Brooks, que tinha um corte de cabelo que Isabelle copiara. Havia histórias de aventura, de mistério, de amor, de fantasia. Disse nomes como Charlie Chaplin, Jean Renoir e Buster Keaton. Hugo já tinha visto alguns filmes de Buster Keaton e dois de Charlie Chaplin, mas por algum motivo não quis contar isso a Isabelle. Apenas ouvia.

Logo estavam de volta na estação. Quando entraram na sala de espera, Hugo notou alguém de pé, muito rígido, olhando para cima, para o relógio principal, tomando notas num bloquinho.

Era o inspetor da estação.

Hugo agarrou Isabelle e se agachou atrás de um banco próximo. Esfregou os botões do casaco.

— Por que você fez isso? — perguntou Isabelle, apurando-se de pé.

Mas Hugo estava perdido em pensamentos. Será que o inspetor tinha começado a investigar e descoberto que o tio de Hugo sumira? Hugo não podia ser levado embora agora, não quando estava tão perto de terminar o homem mecânico. Sabia que não devia ter ido ao cinema. Nunca devia ter saído da estação.

Seu coração disparou. Tinha que entrar nas paredes e conferir os relógios, mas Isabelle não parava de falar. Ele não tinha ouvido nada do que ela dissera nos últimos minutos. Quando achou que era seguro, se levantou e começou a caminhar na direção oposta à do inspetor.

— Responde, Hugo — insistiu ela, pegando no braço dele. — Não vai saindo desse jeito.

— Tenho que ir. — É disso que estou falando... ir pra onde? Já perguntei: onde é que você mora?

Hugo estancou e olhou para ela.

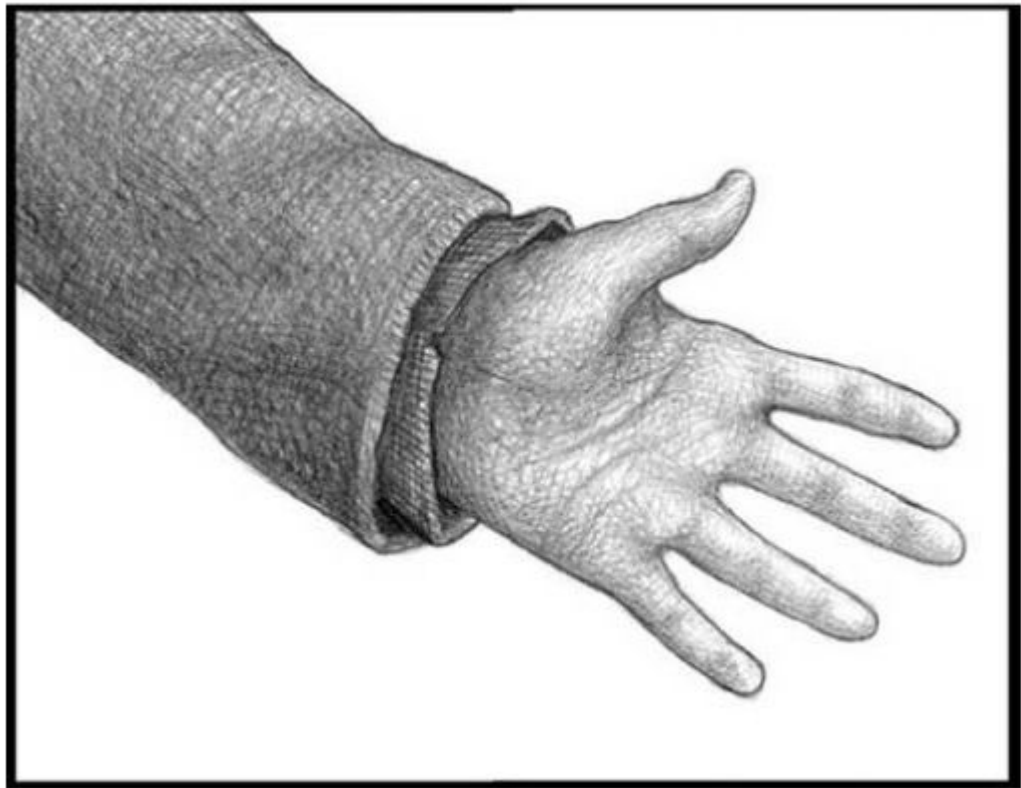
— Eu não sei nada a seu respeito — disse ela. — Você sabe onde eu moro, sabe sobre os meus pais. Se nós vamos ser amigos, então eu acho que preciso saber de algumas coisas. Por que não me conta?

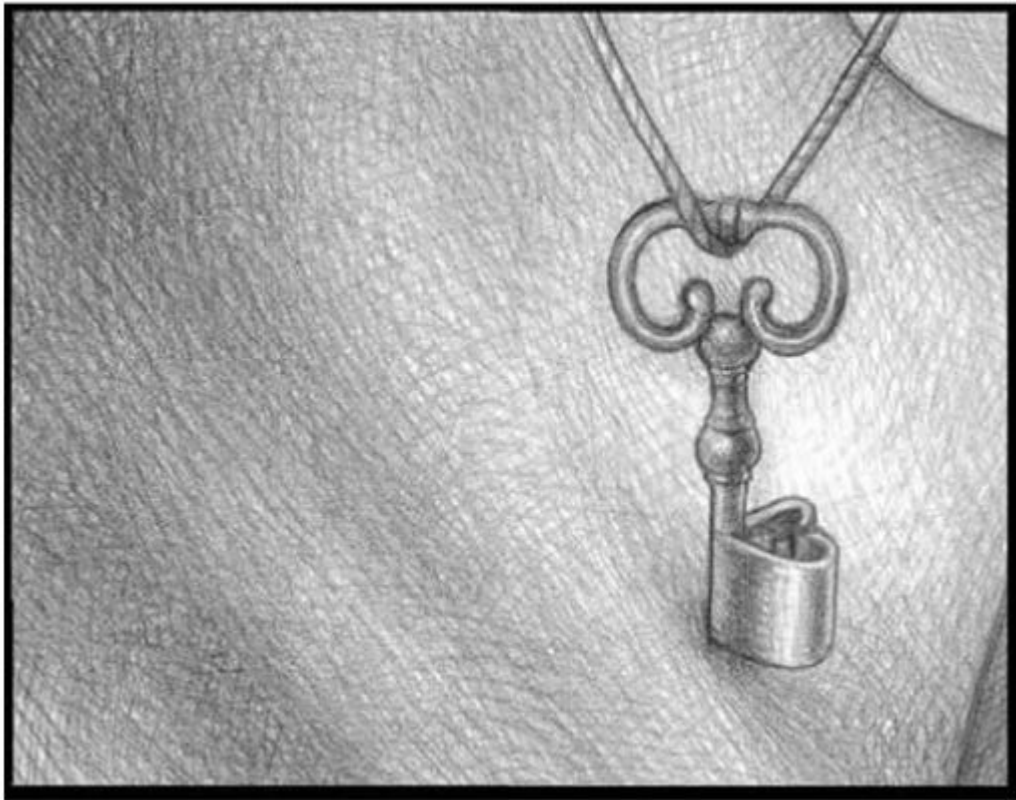
De repente, Hugo começou a correr.

— Hugo! — gritou ela. — Pare! Espere por mim!









Hugo ajudou Isabelle a se levantar, mas não conseguia tirar os olhos da chave. Isabelle percebeu e a escondeu de volta no vestido.

— Onde você conseguiu isso? — sussurrou Hugo.

— Me diz onde você mora. Nenhum dos dois disse mais uma palavra. Sem aviso, Isabelle começou a correr novamente, e dessa vez foi Hugo que a perseguiu. Finalmente, ela parou junto a uma mesa do café e se sentou, sem fôlego. Hugo também se sentou. Um dos pombos da estação caminhou até a mesa deles e beliscou migalhas caídas no chão.

— Por que tanto interesse na minha chave? — indagou Isabelle.

— Me diz onde foi que conseguiu.

Uma locomotiva a vapor disparou seu apito ensurdecedor, que por um momento abafou completamente todos os outros sons da estação, fazendo Hugo dar um pulo, como sempre acontecia. Hugo e Isabelle se entreolharam até que o dono do café mandou que se levantassem e saíssem dali. Foram embora sem se despedir.

10

O caderno



NO DIA SEGUINTE, HUGO ESTAVA ATRASADO para chegar à loja de brinquedos. Passou os dedos pelo cabelo sujo e desgrenhado, e esfregou os olhos.

O velho levantou o olhar quando ele se aproximou, pôs as cartas no balcão e marchou na direção do menino. Hugo percebeu que o rosto do velho estava vermelho.

Ele veio até o menino como uma locomotiva, agarrando-o pelo braço.

— Devolva — murmurou o velho, enfurecido.

— O quê? — perguntou Hugo, em estado de choque.

— Como ousou arrombar a minha casa?!

— Do que é que o senhor está falando? — perguntou Hugo.

— Onde é que está? Onde está o caderno? — disse o velho. — Como conseguiu entrar na minha casa? Por que você é tão estúpido? Eu ia te devolver o caderno! Mas o que foi que você fez depois que eu te acolhi e te dei uma chance? Retribui com mais roubos, mais mentiras. Eu vi você surrupiando aquelas pecinhas. Mas não te impedi. Você mantinha a loja limpa e sabia consertar os

brinquedos. Você era prestativo. Meu Deus, eu estava até gostando da sua companhia! Mas aí você vai e arromba a minha casa! Estou chocado por você ainda se atrever a mostrar sua cara aqui de novo. Você não passa de uma grande decepção!

O velho começou a tossir. Tampou a boca e fez sinal para o menino ir embora.

Naquele momento, Hugo viu Isabelle por trás dos ombros do velho, quando ela se ergueu de trás do balcão. Ela se adiantou até a frente da loja e levantou devagar uma das mãos.

Estava segurando o caderno.

Hugo pediu ao velho:

— Pelo menos deixe eu me despedir de Isabelle.

Isabelle escondeu o caderno atrás das costas.

O velho enxugou os lábios e exclamou:

— Não! Vá embora, já!

Mas Hugo avançou sobre Isabelle.

— Eu te disse que não estava queimado! — murmurou ela. — Que desenhos são esses?

— Eu te disse pra não olhar. Agora me dê.

— Não. — Ela guardou o caderno no bolso e pôs a mão em cima dele. Hugo olhou para trás. O velho disparava em sua direção. Sem aviso, Hugo envolveu o pescoço de Isabelle e lhe deu um forte abraço. Dava para sentir o espanto dela.

— Solta ela! — ordenou o velho, tentando agarrar o ombro de Hugo. Hugo soltou e se desviou das garras do velho. Em seguida, saiu em disparada pelo corredor sem olhar para trás.

11

Bens roubados



HUGO ATRAVESSOU A MULTIDÃO COMO UMA FLECHA, OS olhos embaçados de lágrimas, e seguiu seu caminho pelas paredes da estação. Correu para o quarto, bateu a porta atrás de si e acendeu algumas velas. Ansioso, dirigiu-se até as caixas empilhadas perto da parede e de lá tirou o homem mecânico.

Hugo tinha estado realmente ocupadíssimo na última semana. Conseguira reparar todas as peças quebradas do homem mecânico e, com muito esforço, destravar o que estava enferrujado demais para se mexer. Havia costurado uma nova roupa para ele, lubrificado e polido seus mecanismos. O homem mecânico agora segurava uma pena nova em folha, feita à mão, com uma ponta especial de metal recortado.

Hugo trouxe uma vela para mais perto dele. No meio das costas do homem mecânico tinha uma abertura em forma de coração, contornada de prata.

Desde que fugira da loja de brinquedos minutos atrás, a mão esquerda de Hugo estava com o punho fortemente cerrado. Ele agora se abria lentamente, como uma flor.



Hugo lançou um olhar para o livro ao lado de sua cama: Manual prático de mágica com cartas e outras ilusões. Vinha estudando o livro com muita dedicação e aprendera a fazer praticamente todos os truques de magia descritos ali. Descobriu que era muito bom naquilo. Com as instruções adequadas, seu talento mecânico se transferiu perfeitamente para os truques mágicos. Hugo tinha começado a entender a ligação entre horologia e magia de que seu pai lhe falava. Não era apenas o conhecimento dos mecanismos, mas sim a destreza, o talento dos seus próprios dedos, como se eles soubessem automaticamente o que fazer. Os dedos de Hugo eram capazes das coisas mais surpreendentes. Havia descoberto que podia fazer o baralho flutuar, que podia transformar bolas de

gude em ratinhos, que podia rasgar uma folha de papel e deixá-la inteira novamente. Mais importante, porém, percebeu que, com um abraço de despedida, podia fazer sumir a gargantilha de Isabelle sem que ela nada sentisse.

12

A mensagem



AS MÃOS DE HUGO TREMIAM.

Tinha conseguido terminar de consertar o homem mecânico. A única coisa que ainda lhe faltava era a chave. A chave original havia se perdido no incêndio, e todas as outras chaves que ele encontrou pela estação e nos brinquedos de corda da loja não se encaixavam. Mas, quando viu a chave em volta do pescoço de Isabelle, soube imediatamente que serviria. E agora ele a tinha.

Pôs a chave na abertura em forma de coração no meio das costas do homem mecânico.

Ele tinha razão. O encaixe era perfeito. A mente de Hugo disparou. Finalmente chegara para ele a hora de conhecer a mensagem que tanto vinha esperando.

Mas assim que Hugo começou a girar a chave, ouviu um estrondo em sua porta. Antes que pudesse cobrir o homem mecânico, a porta se escancarou. Hugo não teve tempo de gritar enquanto a figura sombria desabava sobre ele, jogava-o no chão e aterrissava em cima dele. Sua cabeça bateu dolorosamente contra as tábuas do assoalho.

— Você roubou a minha chave!

— O que é que você está fazendo aqui? Você não devia estar aqui! — gritou Hugo.

— Como é que pôde roubar a minha chave depois do que eu fiz por você? Peguei o tal caderno, já ia devolver pra você! Eu só queria que você promettesse me falar um pouco sobre ele. Eu mesma devia ter posto fogo no seu caderno.

— Dê o fora daqui! — silvou Hugo, olhando para Isabelle. — Você está estragando tudo! Me larga!

Usando toda a sua força, ele a derrubou e a empurrou na direção da porta, tentando expulsá-la. Mas Isabelle revidou. Logo tinha jogado Hugo de novo no chão e usava os joelhos para mantê-lo ali. Ele ganiu de dor. Isabelle agarrou os pulsos de Hugo e imobilizou os braços dele contra o piso. Ambos ofegavam pesadamente.

— Que lugar é este? — perguntou ela. — Quem é você?

O reflexo da luz das velas cintilava em seus enfurecidos olhos negros.

— É segredo! Não posso te contar nada.

— Já deixou de ser segredo! Eu estou aqui! Agora me diz que lugar é este. — Ela forçou os joelhos sobre ele, causando-lhe dor.

— É aqui que eu moro — Hugo cuspiu para ela. Isabelle permaneceu imóvel. — Não é o que você queria saber? Agora já sabe.

Com calma, Isabelle disse: — Não acredito nisso. Você é um mentiroso e um ladrão. Cadê a minha chave?

À luz das velas, Isabelle ainda não tinha visto o homem mecânico sentado ali perto. Hugo se debatia embaixo dela, mas em vão.

Isabelle olhou em volta pela primeira vez. Por fim, ela viu. Saiu de cima de Hugo para chegar mais perto do autômato, mas continuava apertando um dos pulsos do menino.

— Era isso que estava desenhado no seu caderno. — Ela se virou para Hugo: — O que é que está acontecendo?

As engrenagens imaginárias na cabeça de Hugo começaram a girar.

— Meu pai fez isso pra mim antes de morrer — mentiu o menino.

— Por que a minha chave se encaixaria na máquina do seu pai? Isso não faz o menor sentido.

Hugo não tinha pensado naquilo.

— Sei lá — disse ele. — Só quando vi a sua chave é que percebi que ela se encaixava.

— Daí você roubou ela — disse Isabelle.

— Que mais eu podia fazer?

— Podia ter pedido.

Com a mão livre, Isabelle afastou os cabelos que lhe caíam no rosto.

— O que acontece quando a gente dá corda nele?

— Não sei. Nunca tive a chave antes.

— Então não fique aí sentado — ela lhe disse. — Gire a chave.

— Não — discordou Hugo.

— Como assim, "não"?

— Eu... eu quero estar sozinho quando girar a chave.

Isabelle olhou para Hugo. Ela ainda estava furiosa. Soltando o pulso dele, ela o empurrou para trás, agarrou a chave e a girou várias vezes.

Hugo soltou um grito, mas era tarde demais.

— Precisa de tinta! — disse ele. Rapidamente, abriu um pequeno frasco que achou por ali e derramou algumas gotas no minúsculo tinteiro sobre a escrivaninha.

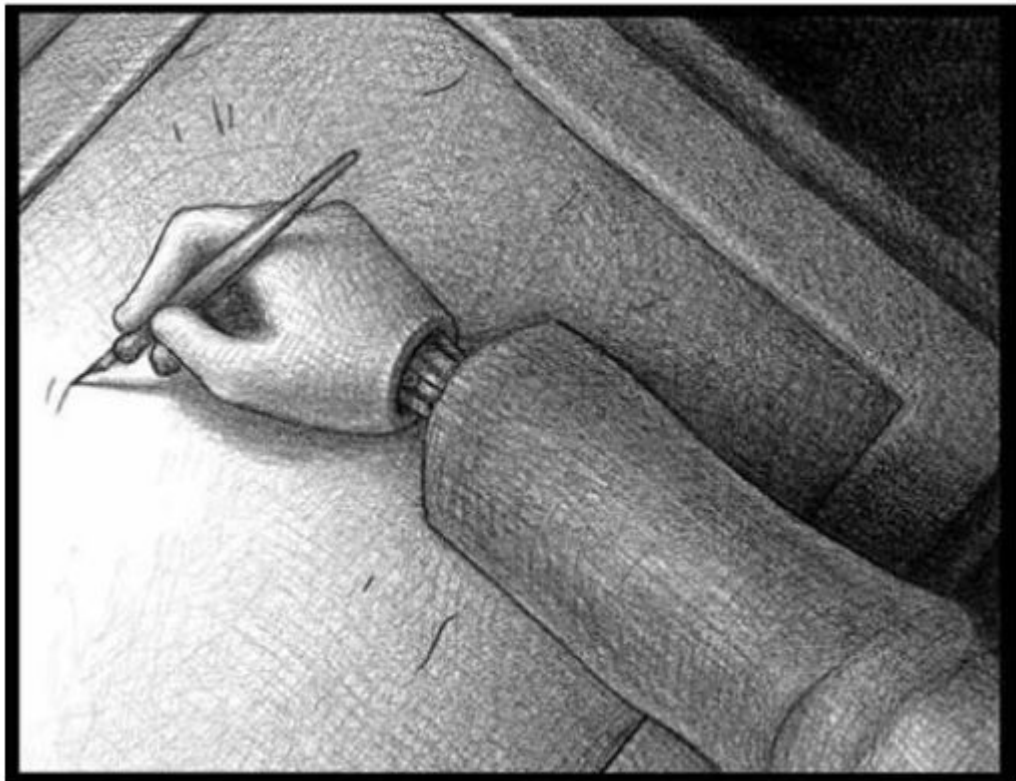


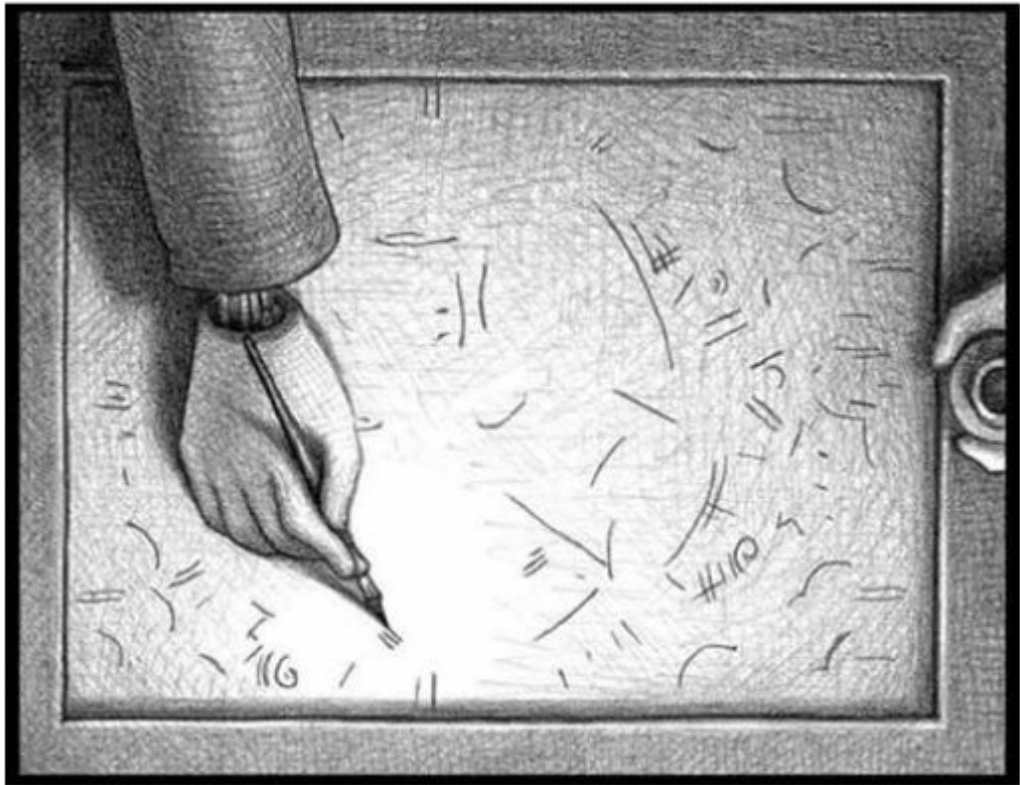
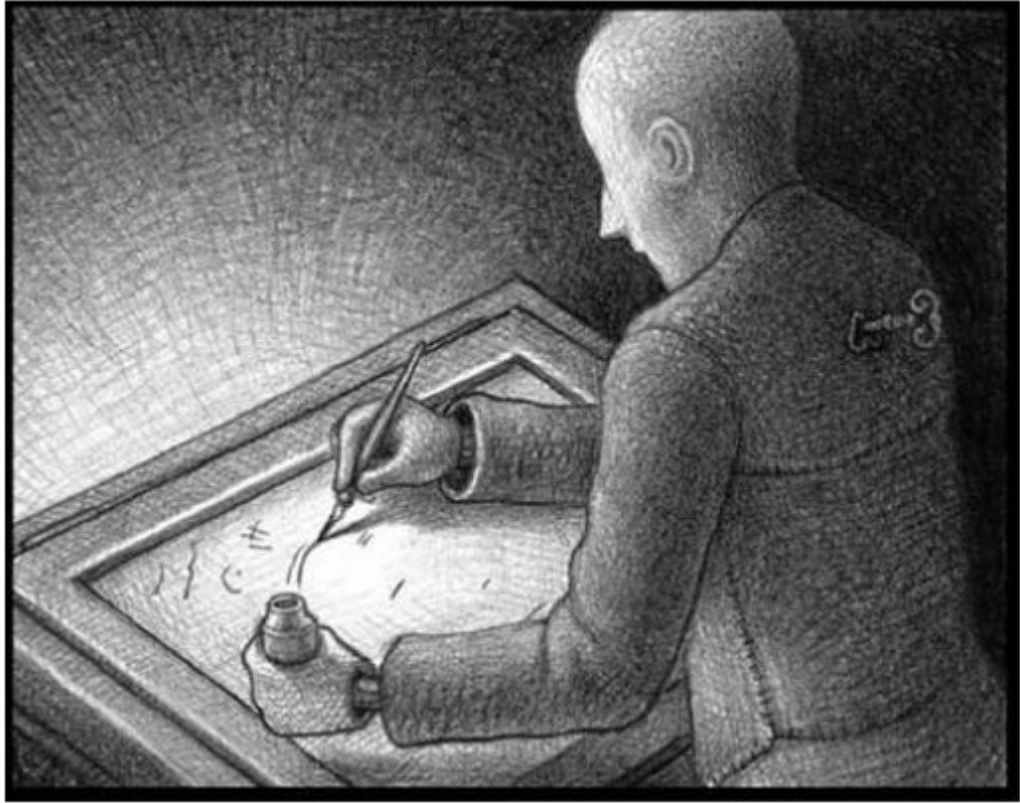
As crianças ficaram olhando enquanto as rodas e alavancas dentro do homem mecânico se punham em marcha. Elas zumbiam, giravam, iam e vinham. O coração de Hugo disparou. Já não se importava que Isabelle estivesse sentada perto dele. Não tinha a

menor importância. A única coisa que importava agora era a mensagem.

Uma cascata de movimentos perfeitos, com centenas de ações brilhantemente calibradas, se derramou através do homem mecânico. A chave apertou uma corda conectada a uma série de engrenagens que se prolongava até a base do tronco. Ali, a última roda dentada fez girar uma série de discos de latão com bordas bem afiadas. Dois pequenos dispositivos em forma de martelo baixaram e correram pelas bordas dos discos chanfrados, subindo e descendo enquanto os discos rodavam com regularidade. Os movimentos ativados pelos martelinhos foram então transferidos de volta através de uma série de varetas que se estendia até o torso do homem mecânico. Ali, as varetas moventes silenciosamente fizeram girar outros mecanismos no ombro e no pescoço. O ombro ativou o cotovelo e, quando este se pôs em marcha, provocou outros movimentos numa reação em cadeia até o pulso e, enfim, até a mão. Hugo e Isabelle observavam, com os olhos arregalados de espanto, enquanto a pequena mão cuidadosamente começou a se mexer...

Isabelle e Hugo prenderam a respiração. O homem mecânico molhou a pena na tinta e começou a escrever.





As crianças tentavam ler desesperadamente, mas não havia letras, nem palavras, nem frases, só rabiscos dispersos, sem nexos. O homem mecânico não estava escrevendo nada.

Hugo, muito zangado, quase arrancou a pena da mão dele. O autômato não estava pronto. Hugo devia ter deixado escapar alguma coisa. Tinha fracassado.

— Me dá meu caderno — disse ele, enfurecido, a Isabelle. Isabelle, espantada com a intensidade da voz dele, levou a mão ao bolso e lhe estendeu o caderno. Hugo mais que depressa o arrancou das mãos dela e fez o que vinha querendo fazer havia muito tempo. Febril, foi comparando o seu trabalho com os desenhos do pai.

Tinha feito tudo certo. Deveria estar funcionando.

De repente, Hugo se sentiu estúpido por achar que poderia consertar aquilo e, sobretudo, por imaginar que haveria uma carta do pai à sua espera.

Todo o seu trabalho tinha sido em vão. Hugo se sentiu dilacerado.

Arrastou-se até um canto escuro do quarto, pôs o caderno numa prateleira e enterrou a cabeça nas mãos. Mas o homem mecânico não interrompeu o que estava fazendo.

Continuou a molhar a pena no tinteiro e a rabiscar sobre o papel. Isabelle permaneceu onde estava, olhando enquanto aqueles riscos se acumulavam sobre a página, um depois do outro. Os movimentos do homem mecânico eram tão realistas que ele até virava a cabeça na direção do tinteiro quando molhava a pena.

E então aconteceu algo inacreditável. Isabelle sufocou um grito. Hugo se virou para olhá-la e logo correu para perto dela.

Percebeu nitidamente. O homem mecânico não estava apenas rabiscando. Todas as linhas estavam se reunindo, como alguma coisa na distância que vai entrando em foco.

O homem mecânico não estava escrevendo... estava desenhando!

Produziu uma imagem que Hugo reconheceu de imediato. Arrepios percorreram sua espinha.



13



ISSO DEVERIA SER O FIM DA NOSSA HISTÓRIA. Agora você sabe como foi descoberto o misterioso desenho que mencionei no início do livro. Esteve escondido dentro dos mecanismos de uma máquina cultuada, esperando para ser libertado pelo giro de uma chave roubada. Aqui as cortinas se fecham e a sala fica toda escura.

Mas outra história começa, porque as histórias sempre levam a outras histórias, e esta aqui nos leva diretamente até a Lua.

Parte 2

1

A assinatura



HUGO SE SENTOU, trêmulo, ao lado do homem mecânico. E claro que reconhecia o desenho. Era a cena que o pai tinha lhe descrito, a do seu filme preferido na infância! Então Hugo sempre estivera certo. A mensagem era de seu pai. Mas o que significava?

Foi quando as crianças perceberam que o homem mecânico não tinha terminado. Parecia ter parado no meio de uma linha, como se fizesse uma pausa. Hugo observou enquanto, uma vez mais, o homem mecânico molhava a pena no tinteiro. Em seguida, pôs a mão em posição e... assinou um nome.



— É o nome do tio Georges! — disse Isabelle. Ela parecia totalmente confusa. — Por que a máquina do seu pai assinou o nome do tio Georges?

Olhou para Hugo, cheia de espanto, mas logo sua expressão mudou e ela o encarou.

— Você mentiu pra mim. Essa máquina não é do seu pai.

Hugo olhava para a frente, atônito. Aquilo tudo não fazia o menor sentido.

— Você está me escutando, Hugo? Isso aqui não é do seu pai!

Hugo ergueu a cabeça para ela e enxugou os olhos.

— Sim, é, sim — disse, com calma.

— Então por que ele assinou o nome de tio Georges? Por que a minha chave se encaixou nele?

— Não sei.

— Mentiroso! — gritou Isabelle. — Você roubou essa máquina de algum lugar. Roubou do tio Georges! Talvez nem mesmo o caderno seja seu. Deve ter roubado também!

— Não roubei!

— Mentiroso! — retrucou Isabelle.

— Era o caderno do meu pai. Ele desenhou isso.

— Não acredito em nada do que você diz, Hugo.

Isabelle retirou sua chave das costas do homem mecânico, pôs de novo em torno do pescoço o colar de onde ela pendia e pegou o desenho da escrivainha.

— O que é que você está fazendo? — perguntou Hugo, agarrando o papel na mão de Isabelle. — Devolva isso!

— Tem o nome do meu padrinho. É meu.

Os dois brigaram pelo desenho, que acabou se rasgando ao meio de lado a lado. Depois de um instante de pasmo silencioso, Isabelle pegou sua metade e começou a marchar na direção da porta.

Hugo guardou depressa sua metade do desenho no bolso e saiu no encalço de Isabelle, deixando o homem mecânico no meio do quarto.

— Aonde você vai? — gritou Hugo.

— Vou perguntar a tia Jeanne o que está acontecendo. Pare de me seguir!

As crianças atravessaram correndo a estação. Era tarde da noite e o edifício estava silencioso. Faltava ainda algum tempo para

que o velho fechasse a loja de brinquedos, por isso Isabelle correu para casa o mais depressa que pôde.

— Vá embora, Hugo Cabret! — gritou, mas ele ficou nos calcanhares dela. Hugo sabia que devia ter colocado o homem mecânico de volta em seu esconderijo, que devia estar conferindo os relógios, mas agora não havia tempo para isso. Enquanto seguia Isabelle noite afora, rezou para que o inspetor da estação tivesse ido passar a noite em casa.

As crianças cruzaram as ruas escuras do bairro e passaram pelo cemitério na direção do apartamento de Isabelle. Hugo gritava atrás dela:

— Onde foi que você pegou essa chave? Me diga pelo menos isso!

— Não.

— Você encontrou a chave? Foi presente de alguém?

Hugo a alcançou e a agarrou pelo ombro, girando-a para encará-lo. Ficaram olhos nos olhos.

— Me deixa em paz!

Isabelle abriu a porta do prédio de apartamentos e empurrou Hugo para trás. Ele agarrou a beirada da porta com uma das mãos, tentando mantê-la aberta.

— Solta — disse ela. Empurrou com toda a força que tinha, batendo a porta e esmagando os dedos de Hugo. Ele ouviu um estalo horrível e berrou de dor. Isabelle também berrou e abriu a porta.

— O que está acontecendo aí embaixo? — gritou a madrinha de Isabelle do alto da escada.

— Você devia ter tirado a mão! — murmurou Isabelle.

— Isabelle? O que está acontecendo? Quem está aí com você?

Isabelle tentou empurrar Hugo para fora, mas ao vê-lo aninhando a mão embaixo do braço, balançou a cabeça e deixou que ele subisse as escadas. Lágrimas escorriam pelo rosto do menino, embora ele não quisesse estar chorando. Isabelle tirou os sapatos antes de entrar no apartamento e ajudou Hugo a fazer o mesmo.

— Nada de sapatos no apartamento — sussurrou. — E não diga nada sobre o homem mecânico e a chave — acrescentou. — Eu pergunto a ela, mais tarde, a sós!

A madrinha de Isabelle abotoou um broche de prata na gola e perguntou:

— Quem é este?

— O nome dele é Hugo, tia Jeanne.

— O menino que tem trabalhado para tio Georges? Aquele que roubou coisas dele?

— Ele prendeu os dedos na porta de baixo.

— O que ele está fazendo aqui?

Mas antes que Isabelle pudesse responder, a velha senhora levou Hugo até o quarto.

— Vamos, me deixe ver isso no claro — disse ela. Afastou as meias que estava cerzindo e sentou o menino numa cadeira perto do grande armário de madeira, debaixo da lâmpada. Pegou a mão dele e tentou endireitar os dedos. Hugo novamente gritou de dor. — Você se machucou bem feio, rapaz.

Ela sumiu por uns instantes e voltou com algumas pedras de gelo enroladas num guardanapo de pano, que estendeu para Hugo.

— Tome. Segure isso nos dedos.

Em seguida, virou-se para Isabelle: — Achei que você ia voltar pra casa junto com tio Georges esta noite.

Hugo ainda estava com raiva de Isabelle por não ter contado ao padrinho que ela é quem tinha roubado o caderno. E, considerando o que havia feito com a mão dele, achou que ela devia pelo menos contar à madrinha. Mas tudo o que Isabelle fez foi ficar olhando para ele. Hugo tinha calafrios de dor enquanto passava o gelo nos dedos feridos, que repousavam sobre seu colo. Com a mão boa, tirou sua metade do desenho do bolso e disse:

— Tem uma coisa que a gente queria perguntar à senhora.

— Agora não, Hugo! Eu disse: agora não! — gritou Isabelle.

Tentou desviar o desenho do olhar da madrinha, mas era tarde demais. A senhora já tinha colhido o papel.

— Onde conseguiu isto? — perguntou num sussurro assombrado.

— Dê a ela a outra metade do desenho, Isabelle — disse Hugo.

Relutante, Isabelle levou a mão ao bolso. Tirou a sua metade do desenho. Segurando as duas metades, a madrinha de Isabelle olhava das crianças para o papel e vice-versa.

— Um homem mecânico fez esse desenho — informou Hugo.

— Não é possível. Não entendo — disse a senhora, com os olhos cheios de lágrimas.

— Eu tenho o homem mecânico — disse Hugo.

— Você roubou, melhor dizendo — replicou Isabelle.

— Você está com o homem mecânico? Mas... não pode ser.

— Eu achei ele.

— Como assim, achou? — perguntou a madrinha de Isabelle.

— Achei, depois do incêndio no museu — respondeu Hugo. —
Consertei ele com peças da loja de brinquedos do seu marido. E dei
corda nele usando a chave de Isabelle.

— Que chave?

O rosto de Isabelle ficou lívido.

— Que chave, Isabelle?

Lentamente, Isabelle passou a mão na gola do vestido e trouxe
para fora a chave na correntinha.

— Minha chave! — gritou a madrinha. — Achei que tinha
perdido!

Lágrimas se formaram nos olhos de Isabelle.

— Desculpe, eu...

— Você roubou? — disse Hugo, chocado.

— É a única coisa que já peguei, juro, só porque achei muito
bonita — justificou Isabelle à madrinha. — Por favor, não fique
zangada comigo. Achei que a senhora não daria pela falta.

— Oh, céus! — A velha senhora afastou os cabelos do rosto. —
Estou rodeada de ladrões!

Ela se recompôs, enxugou os olhos e soltou as duas metades
do desenho. Hugo as apanhou bem depressa. Ocorreu uma
mudança dentro da velha senhora quando ela endireitou o vestido e
disse:

— Leve embora esse desenho. Não podemos desenterrar o
passado agora. E, aconteça o que acontecer, não deixe tio Georges

ver isso. E esconda a chave de volta no vestido, Isabelle. Você precisa cuidar muito bem dela — e enxugou novamente os olhos.

Isabelle sorriu de leve e empurrou a chave sob a gola do vestido.

— Por favor, diga o que está acontecendo — pediu Hugo.

— Não. A única coisa que vou dizer é que preciso proteger o meu marido. E a melhor maneira que tenho de fazer isso é simplesmente esquecendo tudo. Acredite em mim. Nunca mais devemos falar sobre isso.

2

O armário



DO QUARTO ONDE ESTAVAM SENTADOS, ouviram a porta do apartamento se abrir. O velho tossiu algumas vezes enquanto entrava. A senhora cochichou para Hugo:

— Ele não pode saber que você está aqui. Fique bem quieto, deixe ele jantar em paz. Depois vou levado para o banheiro e você pode sair às escondidas. Agora, não quero ouvir nem o mínimo ruído de nenhum dos dois! Seus olhos brilharam rapidamente na direção do armário. Foi um olhar breve, mas Hugo e Isabelle perceberam. Ela saiu do quarto e fechou a porta atrás de si.

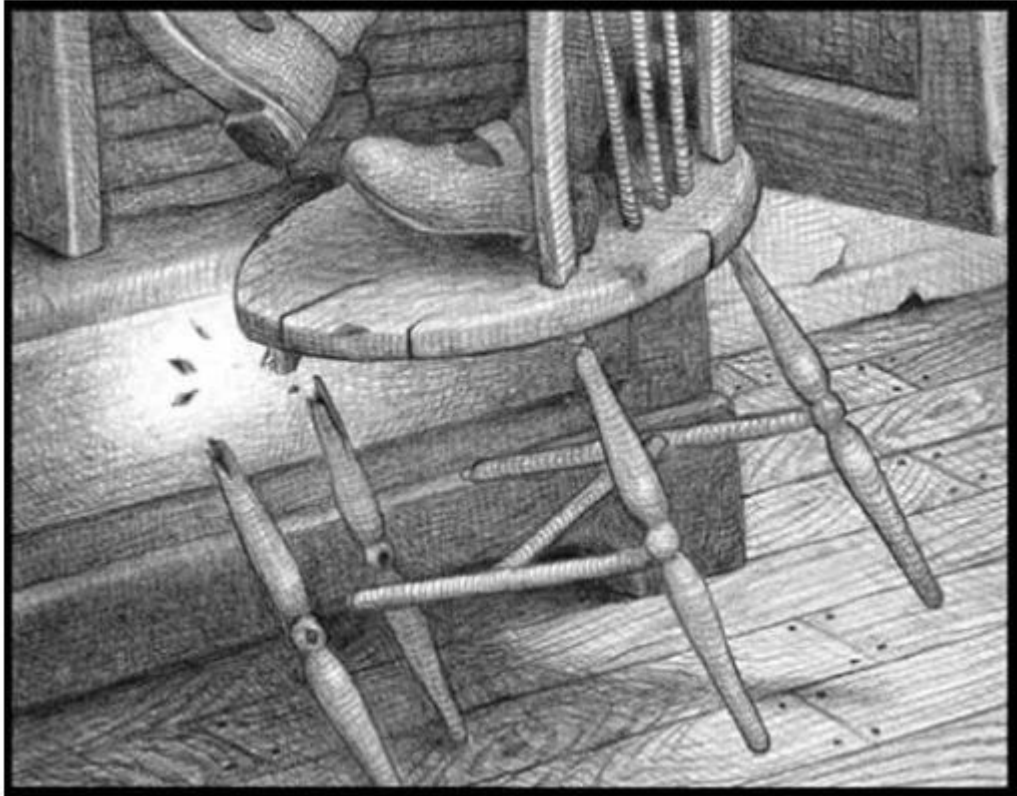
Hugo e Isabelle ficaram sentados, olhando um para o outro por alguns instantes, até que Hugo murmurou:

— Ela olhou para o armário. Deve ter alguma coisa nele. — Eu já vasculhei ele quando estava procurando o caderno — afirmou Isabelle. — Não tem nada. — Procure de novo. — Não me dê ordens — retrucou a menina, mas, depois de pensar um pouco, tirou outro grampo de cabelo do bolso. Em poucos instantes, tinha destrancado a porta.

Fuçou novamente entre os casacos pendurados e entre os lençóis e as roupas dobradas nas prateleiras inferiores. Pegou a cadeira em que Hugo estivera sentado, subiu nela e investigou as prateleiras de cima, mas sem encontrar nada. Ao olhar o que ela fazia, Hugo percebeu uma coisa estranha. No alto do armário havia um painel decorativo, com duas fendas paralelas. Chamou a atenção de Isabelle. Ela se esticou e bateu de leve na madeira. O som era oco. Na ponta dos pés sobre a cadeira, ela conseguiu agarrar a moldura do painel. Puxou até que ele saísse em suas mãos.







Isabelle guinchou e deixou a caixa cair. A menina desabou no chão. A caixa aterrissou em seus pés e se desfez em pedaços. Isabelle gritou de novo. O conteúdo da caixa voou para todos os lados. Centenas de folhas de papel de todas as formas e tamanhos se espalharam pelo chão. Hugo viu que todas estavam repletas de desenhos. Dentro da caixa também havia uma velha manta muito fina, coberta de imagens de estrelas e de luas. Estava puída e empoeirada.

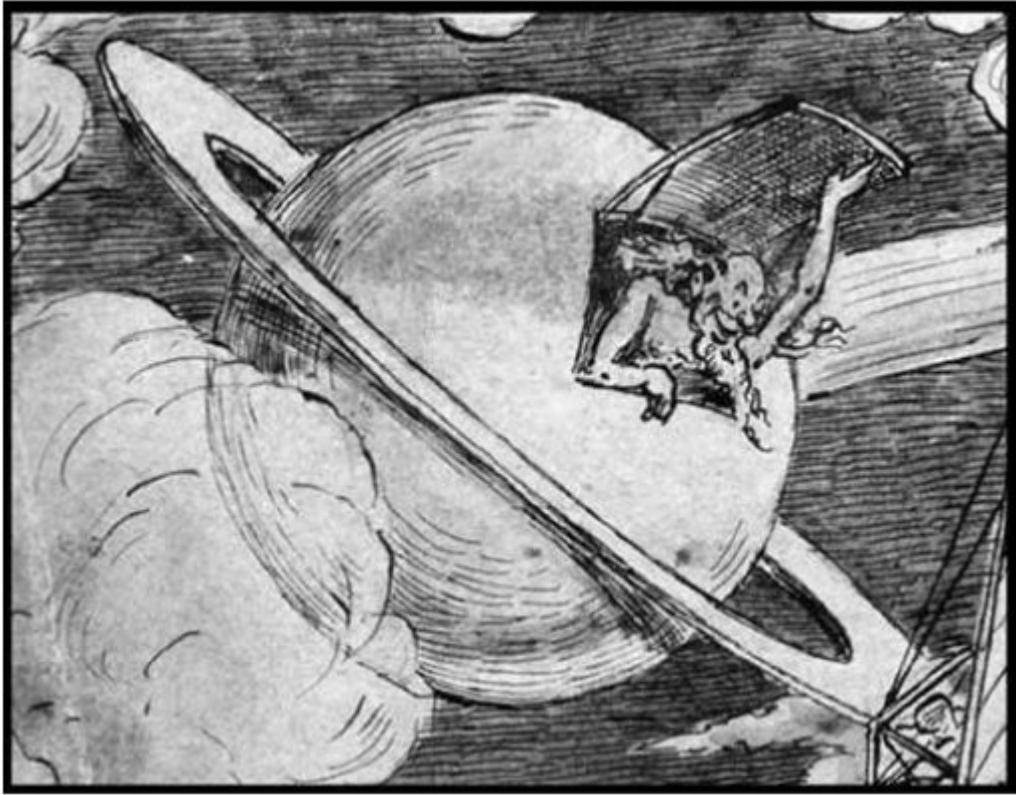
Não tardou para que a porta do quarto se escancarasse.

— Isabelle! — gritou a madrinha, enquanto corria até a menina. O velho estava de pé, estático, na soleira. Olhava fixamente para os desenhos.

— Por que fizeram isso, crianças, por quê? — choramingou a velha senhora. — Hugo, recolha esses desenhos e tranque tudo no armário. — Tirou uma chave do bolso e deu a ele. — Vamos! Depressa! E você, Isabelle, venha comigo. Georges, volte agora mesmo para a cozinha!

Hugo pôs a chave no bolso e recolheu os papéis. Segurava-os com sua mão boa como se fossem diamantes e rubis. Alguns estavam em folhas de papel soltas, outros costurados à mão como pequenos livros. As bordas dos desenhos estavam amareladas e quebradiças, mas todos eram lindíssimos, e todos eram assinados por Georges Méliès.









— Não... — sussurrou o velho para si mesmo. — Não. Não. Não. Não! Não! — sua voz ficava mais alta a cada palavra e ele começou a tossir. — O que está acontecendo aqui? De onde vieram esses desenhos? — Cobriu os olhos com as mãos. — Quem fez esses desenhos? Quem está pregando essa peça em mim?

— Saia do quarto, Georges! — gritou a mulher, que tentava ajudar Isabelle a ficar de pé.

O velho então correu para os desenhos e agarrou um punhado deles, rasgando-os. As crianças instintivamente se atiraram nos braços dele, separando-o dos papéis. A mão de Hugo doía terrivelmente, e Isabelle sentia o pé como se ele estivesse quebrado, mas os dois tentavam de todas as formas evitar que o velho destruísse os desenhos.

— Pare com isso, Georges! Pare! — gritou a mulher. — Esta é a sua obra!

— Rá! — exclamou ele. — Como isso poderia ser meu? Eu não sou artista! Não sou nada! Sou um comerciante falido, um prisioneiro! Uma concha! Um brinquedo de corda!

Enquanto o velho era acalmado pela mulher, Hugo e Isabelle rapidamente reuniram todos os desenhos. Enfiaram tudo dentro do armário e o trancaram.

O velho agora estava inclinado sobre um lado da cama, com o rosto enfiado nas mãos, chorando.

Repetiu a palavra "não" baixinho, sem parar, e em seguida murmurou:

— Uma caixa vazia, um oceano seco, um monstro perdido, nada, nada, nada... Continuou a murmurar, a soluçar, e as crianças foram se afastando dele lentamente. A mulher envolveu o marido com o braço e o ajudou a se deitar. Pousou a cabeça dele num travesseiro e puxou a colcha até seu queixo. Com lágrimas nos olhos, passou a mão suavemente pelo rosto branco e áspero do marido, até que sua respiração se acalmou e ele adormeceu.

— Sinto muito, Georges — disse ela, beijando seu rosto e apagando a luz. Sentou-se perto da cama, segurando a mão do marido. — Sinto muito mesmo.

3

O plano



HUGO TINHA AJUDADO ISABELLE a sair mancando do quarto. Agora estavam sentados, trêmulos, à mesa da cozinha. Ele pegou um pouco de gelo para o pé dela e os dois ficaram em silêncio, tentando aliviar seus machucados.

Por fim, a madrinha de Isabelle saiu do quarto.

— Aqueles desenhos são mesmo do tio Georges? Por que ninguém nunca me contou que ele era um artista?

— Quieta, Isabelle. Só quero saber como está o seu pé.

— Doendo. E sua mão, Hugo?

Hugo deu de ombros.

— Minha casa de repente virou uma enfermaria.

A velha senhora balançou a cabeça e tentou rir, mas se sentou à mesa com eles e começou a chorar.

— O que está acontecendo? — perguntou Isabelle. — Por que aqueles desenhos estavam escondidos no armário? Por que tio Georges ficou tão perturbado quando viu eles?

— Você não está vendo o estrago que já foi feito, Isabelle? Tio Georges está com febre. Quem sabe quanto tempo isso vai durar?

Não tenho mais nada a dizer. Você roubou minha chave, arrombou meu armário. Você é tão ruim quanto este ladrãozinho aqui. Não quero mais que vocês dois se vejam novamente, estão me ouvindo? Você, Hugo, pode ficar aqui até amanhã de manhã. Vou chamar o médico para ver você, Isabelle e Georges, e depois quero que você vá embora.

Rasgou algumas tiras de pano e improvisou ataduras para a mão de Hugo e para o pé de Isabelle. Apertou-as com toda a força que podia.

— Sinto muito, tia Jeanne! Por favor, não fique zangada. Nós só queríamos...

— Chega. Hora de dormir. Hugo, pode usar o sofá. Isabelle, venha comigo, vou te ajudar a ir para o quarto.

Mas Hugo não se deitou no sofá. Um plano surgira em sua cabeça, e assim que Isabelle e a madrinha foram se deitar, ele foi na ponta dos pés até o cabide junto da porta. O casaco do velho estava pendurado ali, e Hugo colocou os dedos em seus bolsos. Ouviu um ruído metálico e encontrou o que procurava. Apanhou o molho de chaves, saiu da casa e caminhou no escuro de volta à estação ferroviária.

O garoto foi direto para a loja de brinquedos trancada. Certificou-se de que não tinha ninguém por perto e testou todas as chaves do molho até encontrar a que abria a loja. Entrou e começou a examinar caixas, abrir gavetas, folhear papéis que o velho conservava ali. Mas não havia pistas. Hugo tinha a esperança de que talvez ali houvesse algum pedaço de papel que o ajudasse a

ter alguma ideia daquilo que o velho vinha mantendo em segredo, alguma coisa na loja que ele nunca tivesse notado antes.

De todo modo, Hugo encontrou um item curioso, envolto num pedaço de pano bem no fundo de uma gaveta.



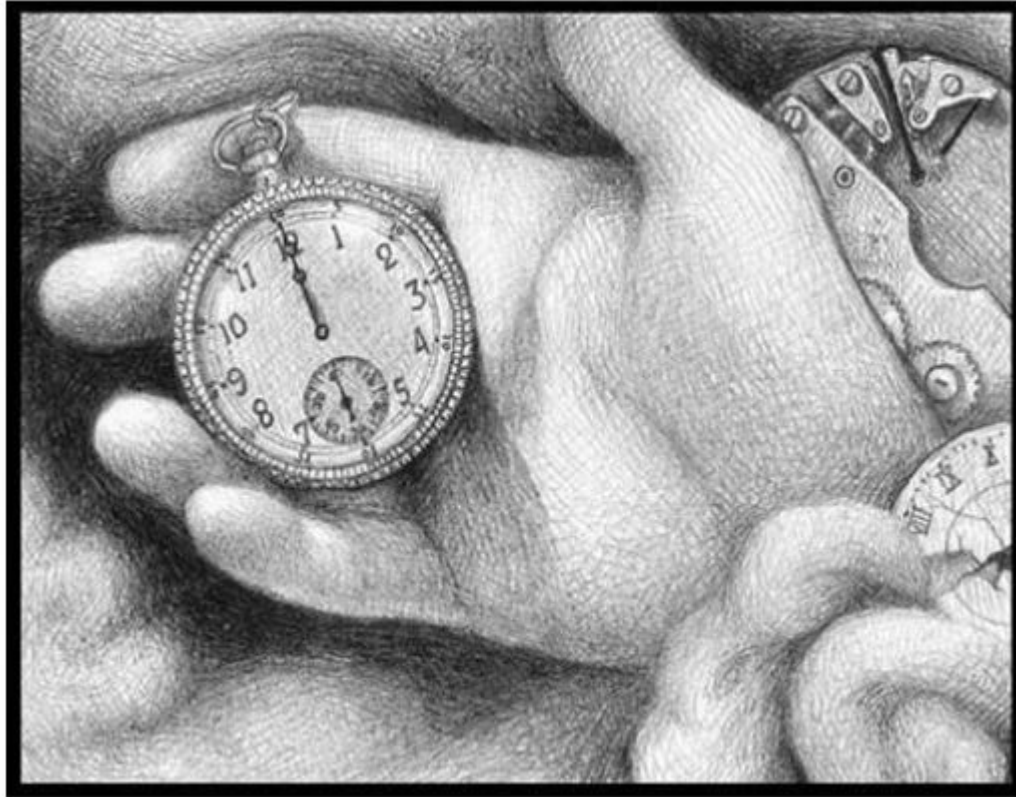
Hugo não entendia por que o velho tinha guardado o ratinho azul. Imaginou que o brinquedo fora vendido tempos atrás. Mesmo assim, o menino gostou de vê-lo. Surpreendeu-se sorrindo enquanto girava o ratinho nas mãos. O menino pensou nas pecinhas mecânicas dentro do rato, bem como nos outros brinquedos que tinha roubado e usado para consertar o autômato. Na verdade, nunca havia deixado de se perguntar por que as peças dos brinquedos do velho se encaixavam tão bem no homem mecânico.

Hugo embrulhou o ratinho e o devolveu à gaveta. Ao se virar para ir embora, viu um dos livros de Isabelle deitado num dos cantos da loja. Aquilo lhe deu uma ideia.

Voltou para o seu quarto e ficou aliviado ao ver o homem mecânico ainda sentado no centro do aposento.

Conseguiu arrastá-lo de volta ao esconderijo, fazendo caretas de dor o tempo todo. Enrolou o autômato mais uma vez com o velho pedaço de pano e cobriu o esconderijo com as caixas. Quando terminou, olhou para a prateleira com a caixa de ferramentas e seu coração disparou. Não tinha se dado conta, até aquele instante, da encrenca em que se metera. Era sua mão direita que estava machucada, e não havia maneira alguma de fazer a manutenção dos relógios sem ela. Logo eles começariam a parar, o inspetor da estação investigaria e tudo estaria acabado.

O garoto se deitou na cama e repousou a mão enfaixada sobre o peito. Imagens cintilavam em sua mente...







Hugo viu os dedos curvos e brancos do inspetor da estação tentando alcançá-lo. Eles se transformavam em longas garras afiadas que o agarravam violentamente pelo braço. Acordou gritando. Nem sequer percebera que tinha caído no sono.

A manhã chegou. Hugo reuniu suas ferramentas e tentou fazer suas rondas matinais. Com olhos fechados, cabeça inclinada para o lado, escutava o som dos relógios. Mas sem usar as duas mãos, mal podia dar corda neles e, por isso, lubrificou e observou tanto quanto pôde, comparando ansiosamente os grandes ponteiros com seu relógio de bolso.

O tempo estava se esgotando.

Assim que viu o senhor Labisse abrir a loja, Hugo correu para lá. A sineta acima da porta tilintou quando ele entrou.

O senhor Labisse ainda estava tirando o casaco quando se virou e viu Hugo.

— Você é o amigo de Isabelle, não é? O que houve com sua mão?

O menino escondeu a mão atrás do corpo.

— Gostaria de fazer uma pergunta ao senhor. Preciso encontrar informações sobre um assunto. O senhor tem livros sobre filmes?

— Talvez...

— E sobre os primeiros filmes já feitos? Meu pai viu um filme quando era menino e nunca mais se esqueceu dele. Tinha um foguete que entrava no olho da cara da Lua.

Achava que o filme seria um bom lugar para começar a procurar pistas.

— Parece interessante — falou o senhor Labisse, enquanto ajeitava a gravata e se levantava. — Venha, rapaz.

Ele seguiu o livreiro até a estante e esperou enquanto o homem examinava os livros. Apanhou diversos volumes, passou os olhos pelos índices, depois fechou os livros e os guardou de volta. — Não, não. Nada sobre os primeiros filmes. Sinto muito.

Hugo agradeceu e se dirigiu para a porta.

Para onde iria agora? A livraria tinha sido sua grande inspiração.

— Talvez você tenha mais sorte na biblioteca da Academia de Cinema — disse o senhor Labisse.

Hugo deu meia-volta.

— Onde fica?

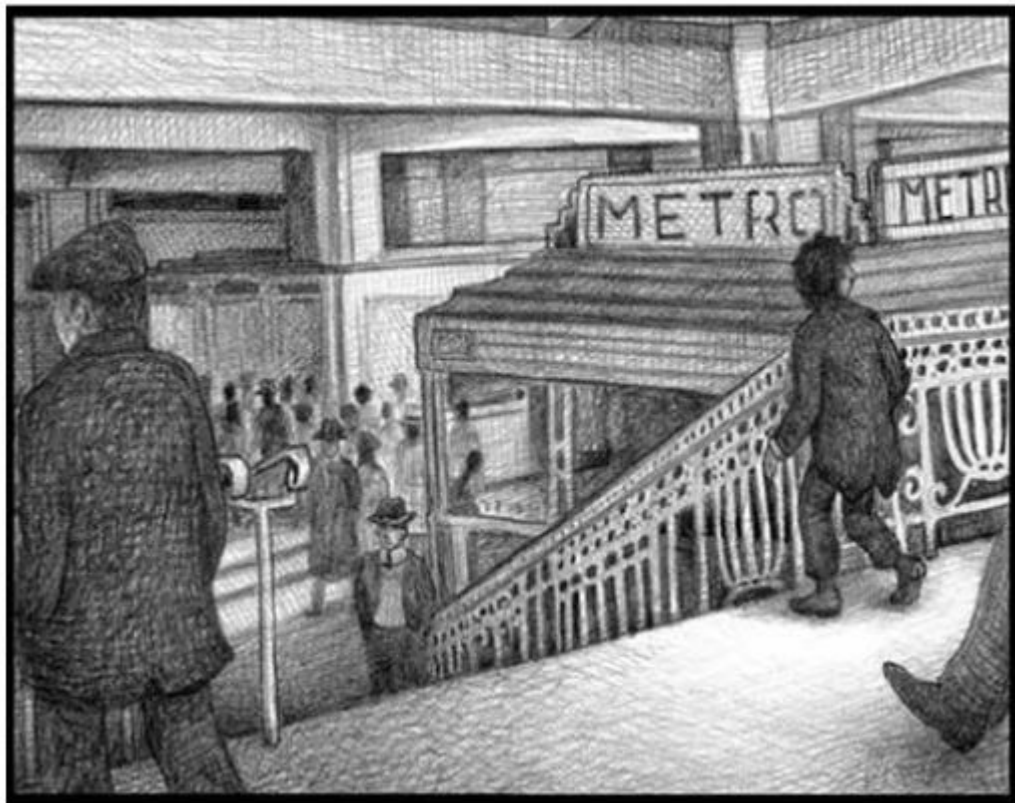
O senhor Labisse deu as indicações ao menino. Ele agradeceu e saiu às pressas da loja.

4

A Invenção dos Sonhos

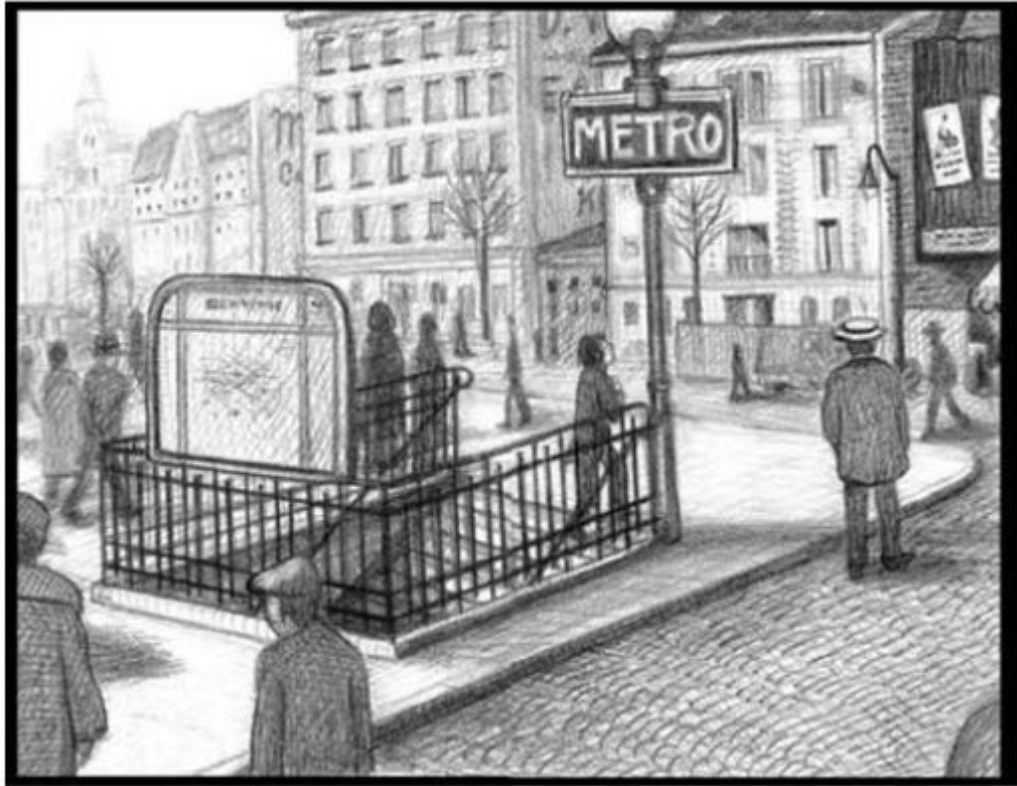


HUGO CONTINUAVA NERVOSO ante a perspectiva de deixar a estação, mas ainda assim respirou fundo e desceu a escada que levava ao metrô, aquele vasto sistema de trens subterrâneos que serpenteava sob a cidade como um sem-fim de rios ocultos.











Hugo entrou no saguão, onde uma mulherzinha estava sentada numa grande mesa. Ele pediu para usar a biblioteca. Depois de examiná-lo de alto a baixo com olhar reprovador, ela disse que não.

— Não?!

— Você é pequeno demais e sujo demais, e precisa estar acompanhado de um adulto — completou ela. — Adeus.

Depois de mirá-la, Hugo examinou suas mãos e roupas e percebeu que fazia muito tempo que não prestava atenção em sua própria aparência.

O menino sabia que a mulher não estava sendo justa, mas não sabia o que fazer a respeito. Estava tentando imaginar o que dizer, quando pensou ouvir alguém chamando seu nome.

— Hugo? É você?



— Etienne! — Hugo correu até ele. — O que você está fazendo aqui?

— Eu ia te perguntar a mesma coisa.

A mulherzinha na mesa olhou para Etienne e indagou: — Você conhece essa criança imunda?

— Senhora Maurier, esse é o meu amigo Hugo.

Ela puxou os óculos de aro preto até o alto do nariz e atendeu ao telefone, que acabara de tocar.

— Sinto muito pelo seu emprego no cinema — disse Hugo.

— Foi até melhor assim, pra dizer a verdade. Quando fui demitido, eu tinha começado minhas aulas aqui, e acabei

conseguindo um trabalho no escritório. Estou estudando para me tornar um operador de câmera.

Hugo olhou para o tapa-olho de Etienne e o rapaz sorriu.

— Ter um tapa-olho na verdade torna mais fácil olhar através da câmera: eu não preciso fechar um olho como todos os outros fazem. Etienne apalpou o tapa-olho e perguntou:

— Agora me diz: por que cargas-d'água você está aqui?

— Quero procurar uma coisa na biblioteca. Você pode me ajudar?

— Vem comigo — disse Etienne. Hugo não olhou para a senhora Maurier, mas ficou muito feliz por passar ao lado dela a caminho da biblioteca.

A biblioteca ficava no segundo andar. Era limpa e organizada, com fileiras de estantes perfeitamente alinhadas, parecendo intocáveis. No centro do salão tinha uma grande pintura que chamou a atenção de Hugo.

Não sabia o que significava, mas gostou.



Etienne ajudou Hugo a consultar os arquivos com fichas. Logo encontrou o livro que Hugo procurava e levou o menino até a estante certa. Etienne ficou na ponta dos pés, puxou o livro da prateleira e o entregou a Hugo, que se sentou ali mesmo onde estava e abriu o volume. Etienne se sentou ao lado dele.

— Sabe, foi um dos meus professores que escreveu esse livro. Já dá pra me dizer por que você precisa tanto dele?

Mas Hugo não conseguia falar. O livro se chamava

A invenção de sonhos: as histórias dos primeiros filmes já feitos. Tinha sido escrito por René Tabard um ano antes, em 1930.

Hugo abriu na primeira página e leu:

Em 1895, um dos primeiríssimos filmes exibidos se chamava Um trem chega à estação, o que não era muita coisa além do que o título sugere: um trem chegando a uma estação. Mas quando o trem disparou na direção da tela, os espectadores gritaram e se assustaram, pois acharam que estavam correndo o risco de ser atropelados. Ninguém jamais tinha visto algo parecido até então.



Hugo passou as páginas do livro. Havia fotos de homens jogando baralho e de trabalhadores que saíam de uma fábrica. Todas eram cenas de filmes antigos. Hugo continuou folheando e logo descobriu o que tinha vindo procurar na biblioteca.



O filme preferido de seu pai se chamava *Uma viagem à Lua*.

O cineasta Georges Méliès começou sua carreira como mágico e possuía um teatro de mágicas em Paris. Essa ligação com a magia o ajudou a perceber imediatamente o potencial do novo suporte que era o cinema. Foi um dos primeiros a demonstrar que os filmes não tinham que refletir a vida real. Logo se deu conta de que o cinema tinha o poder de capturar sonhos. Méliès é amplamente reconhecido como o aperfeiçoador do truque da substituição, que tornava possível fazer as coisas aparecer e desaparecer na tela, como por magia. Isso mudou para sempre a cara do cinema.



Uma viagem à Lua, o filme mais famoso de Méliès, apresentava um grupo de exploradores que iam até a Lua, lutavam com seus habitantes e voltavam para casa com um prisioneiro, recebendo grandes salvas. Se algum dia, no futuro distante, a humanidade realmente conseguir voar até a Lua, teremos que agradecer a Georges Méliès e ao cinema por nos ajudar a entender que, se nossos sonhos forem suficientemente grandes, tudo é possível. Infelizmente, Georges Méliès morreu algum tempo depois da Grande Guerra e muitos de seus filmes, se não todos, se perderam.

— Morreu? Mas ele está vivo... — pensou Hugo em voz alta.

— Quem está vivo? — perguntou Etienne, que tinha lido por cima dos ombros de Hugo.

— Georges Méliès. É o dono da loja de brinquedos na estação de trens.

Etienne riu.

— Estou falando sério — afirmou Hugo. — E ele é padrinho de Isabelle.

5

Tio Georges fazia filmes



MAIS TARDE, NAQUELE MESMO DIA, Hugo voltou para seu quarto com o livro da biblioteca debaixo do braço. Etienne providenciara o empréstimo para ele. Leu e releu o livro, em especial a parte sobre Georges Méliès. Ficou olhando para a foto com a cara da Lua. De repente, ouviu uma batida em sua porta.

— Hugo? Sou eu, Isabelle.

Hugo pulou da cama e abriu a porta. Isabelle trazia uma lanterna. Caminhava com muletas e seu pé estava enfaixado.

— O que é que você veio fazer aqui? — perguntou ele. — Como é que conseguiu chegar com muletas?

— Todo mundo acha que estou de cama. Levei um tempão pra descer as janelas e andar até aqui.

Os dois se sentaram na cama e Isabelle imediatamente se pôs a chorar.

— O que foi? — se assustou Hugo.

— Desculpe ter esmagado seus dedos na porta e desculpe não ter contado aos meus padrinhos que eu tinha roubado o caderno. Eu estava com raiva de você por ter pego minha chave.

— Chave que você roubou... — disse Hugo.

Isabelle desconsiderou a interrupção do menino e continuou falando.

— E agora tio Georges está muito doente. A febre está muito alta e ele não para de falar sozinho. Fica só resmungando coisas do tipo: "um pássaro sem asa, um prédio incendiado, uma lasca, uma mosca, um grão de areia...". Estou tão preocupada com ele! Eu nunca tinha visto ele doente antes. E se ele morrer?

— Ele não vai morrer — garantiu Hugo.

— Como é que você sabe? Tio Georges nos sustenta! O que vamos fazer sem ele? Tia Jeanne chamou o médico, que enfaixou o meu pé e deu uma receita pro tio Georges. Mas com a loja de brinquedos fechada, não temos dinheiro pros remédios nem pra nada mais.

— Tudo vai ficar bem — Hugo tentou acalmá-la. — E eu tenho que te mostrar uma coisa.

Hugo lhe passou o livro da biblioteca da Academia de Cinema, aberto na página com a foto da Lua. Isabelle não acreditava no que via.

— Foi isso que a máquina desenhou... — Leia...

Isabelle leu as páginas sobre o padrinho. — Tio Georges fazia filmes? Não posso acreditar... mas ele nem sequer me deixa ir no cinema!

— Meu pai viu esse filme quando era pequeno — disse Hugo, apontando para a foto de *Uma viagem à Lua*. — Ele descreveu essa cena pra mim. Reconheci na hora quando o autômato desenhou.

Hugo contou a ela sobre sua ida à Academia de Cinema e sobre o reencontro com Etienne. Isabelle baixou o livro.

— Por que tio Georges parou de fazer filmes? Como é que ele veio acabar na estação de trens?

— Antes de sair da Academia de Cinema — disse Hugo —, contei a Etienne tudo o que estava acontecendo, e ele me levou pra conhecer o professor dele, o mesmo que escreveu esse livro. Deu pra ver que nenhum dos dois acreditou em mim, então eu... humm...

— Que foi que você fez?

— Eu convidei eles pra ir até o seu apartamento.

— Você o quê?!

— Etienne e René Tabard vão estar no seu apartamento na semana que vem. O senhor Tabard quer ver o seu padrinho com os próprios olhos.

— Tia Jeanne nunca vai permitir essa visita.

— Então não conte nada a ela. Apenas espere até eles aparecerem.

— É uma péssima ideia, Hugo.

— Bem, eu podia cancelar a visita, mas acho que não devemos. Não diga nada a sua madrinha ainda. Não conte nada sobre o livro nem faça perguntas. Vamos esperar que Etienne e o senhor Tabard cheguem. Então ela vai ver que tem gente feliz por saber que seu padrinho está vivo, gente que se lembra dele. E aí ela vai responder às nossas perguntas. Tenho certeza que vai.

Isabelle balançou a cabeça. Parecia muito confusa.

— Sabia que você nunca me contou onde foi que conseguiu o homem mecânico?

Hugo nunca tinha contado toda a história a ninguém. Aquele tinha sido o seu segredo por tanto tempo que até duvidava se saberia compartilhá-lo. Mas olhou para Isabelle e foi como se pudesse sentir todas as rodas e alavancas de sua mente começando a funcionar... as palavras de repente lhe vieram. Narrou a história toda, desde a descoberta do autômato por seu pai no sótão do museu e o incêndio até o sumiço do tio. Contou a ela de que modo descobriu os brinquedos na loja de seu padrinho e como os usou para consertar o autômato. Contou tudo.

Quando Hugo terminou, Isabelle ficou quieta por uns instantes e, em seguida, disse:

— Obrigada.

— Por quê?

— Por me contar.



- Venha até a loja amanhã, depois da escola. Tive uma ideia.
- Mas a loja vai estar fechada.
- Não vai, não — afirmou Hugo.

6

Motivação



NA MANHÃ SEGUINTE, HUGO ABRIU a loja de brinquedos e arrumou tudo exatamente do modo como o velho sempre trazia. Seus dedos ainda doíam muito, mas ele sorria quando os fregueses se aproximavam e guardava o dinheiro. Mesmo assim, havia longos períodos de calma.

O menino estava frustrado por não poder desenhar nem brincar com nenhuma das peças mecânicas. Tentou aprender a escrever com a mão esquerda, mas não deu certo. Examinou de perto os brinquedos de corda. Tentou imaginar em que estaria pensando o velho quando construiu aqueles brinquedos. Ele devia odiar ficar plantado aqui o dia todo. Talvez só ficasse feliz enquanto se dedicava a construir cada brinquedo novo. Talvez eles lhe recordassem a construção do autômato.

Quando chegou, depois da escola, Isabelle se juntou a Hugo num banquinho atrás do balcão.

Por fim, sem fregueses e sem nada mais a dizer, Isabelle cuidou das pontas soltas das ataduras de Hugo e pegou um livro. Começou a ler.

Hugo reconheceu o livro. Era a coletânea de mitos gregos que ela tinha pegado emprestado do senhor Labisse.

— Faz muito tempo que você está lendo esse livro — disse Hugo. — Ah, já li umas vinte vezes. Devolvi pra livraria, li outros livros, e depois peguei ele de novo. Gosto das histórias. — Leia em voz alta! Isabelle leu as histórias para Hugo, e ele se lembrou de ter ouvido alguns dos mitos quando estava na escola. Ela leu sobre o monte Olimpo e sobre criaturas como a quimera e a fênix, e depois leu a história de Prometeu. Hugo ficou sabendo que Prometeu tinha feito os seres humanos com argila e que, em seguida, roubou o fogo dos deuses e deu de presente ao povo que criara, para que a humanidade pudesse sobreviver.

Quer dizer que Prometeu era um ladrão...

De repente, Hugo viu em sua mente a pintura da biblioteca da Academia de Cinema. Uma das mãos da figura estava erguida, segurando uma bola de fogo, como se estivesse roubando as chamas do alto, e a outra mão lançava luz, como se fosse o projetor de filmes. Hugo achou que talvez a pintura fosse uma versão de Prometeu, só que ali Prometeu estava roubando fogo dos deuses para criar o cinema.

Isabelle continuou a ler a história. No final, como punição pelo roubo, Prometeu fora acorrentado para sempre num rochedo, onde uma águia vinha todos os dias devorar seu fígado, que crescia de novo. Prometeu tinha roubado o fogo porque queria ajudar as pessoas que havia criado e mesmo assim foi castigado. Hugo se tornara um ladrão para sobreviver e para ajudar o autômato. Qual seria o seu castigo? Será que agora ia passar o resto da vida atrás

do balcão daquela loja de brinquedos, como o velho? Tentou tirar essa ideia da cabeça. Tinha que haver outra opção.

Teve sua atenção atraída pelo relógio do outro lado do corredor. Os grandes ponteiros de bronze se moviam devagar pelo mostrador, como o sol cruzando o céu. Hugo se perguntou quando deixariam de girar.



Hugo olhou para os dedos feridos e desejou que não demorasse a poder usá-los novamente. Abriu a gaveta e pegou o ratinho mecânico azul, desembulhando-o com cuidado.

— O que é isso? — perguntou Isabelle.

— É o brinquedo que eu estava roubando quando seu padrinho me apanhou. Eu quebrei, e ele me mandou consertar. Não sei por

que ele guardou.

— Vai ver que ele gosta de você — disse Isabelle. — No guarda-roupa dele, lá em casa, ele guarda todos os desenhos que fiz pra ele quando era pequena.

Hugo sorriu e Isabelle, então, deu corda no ratinho. Ficaram olhando ele deslizar pelo balcão. Hugo pensou na descrição que seu pai fizera do autômato.

— Você já parou pra pensar que todas as máquinas são feitas por algum motivo? — ele perguntou a Isabelle. — Elas são feitas pra fazer a gente rir, como esse ratinho, ou indicar a hora, como os relógios, ou pra maravilhar a gente, como o autômato. Deve ser por isso que qualquer máquina quebrada sempre me deixa meio triste, porque ela não pode cumprir o seu destino.

Isabelle pegou o ratinho, deu corda novamente e pôs de volta no balcão.

— Vai ver que com as pessoas é a mesma coisa — continuou Hugo. — Se você perder a sua motivação... é como se estivesse quebrado.

— Como tio Georges?

— Pode ser... talvez a gente possa consertar ele.

— Como vamos fazer isso?

— Não sei, mas talvez René Tabard possa ajudar a gente quando for visitá-lo na semana que vem.

Hugo e Isabelle ficaram quietos por um momento. Logo depois, Isabelle disse:

— Então essa é a sua motivação? Consertar coisas?

Hugo refletiu um pouco.

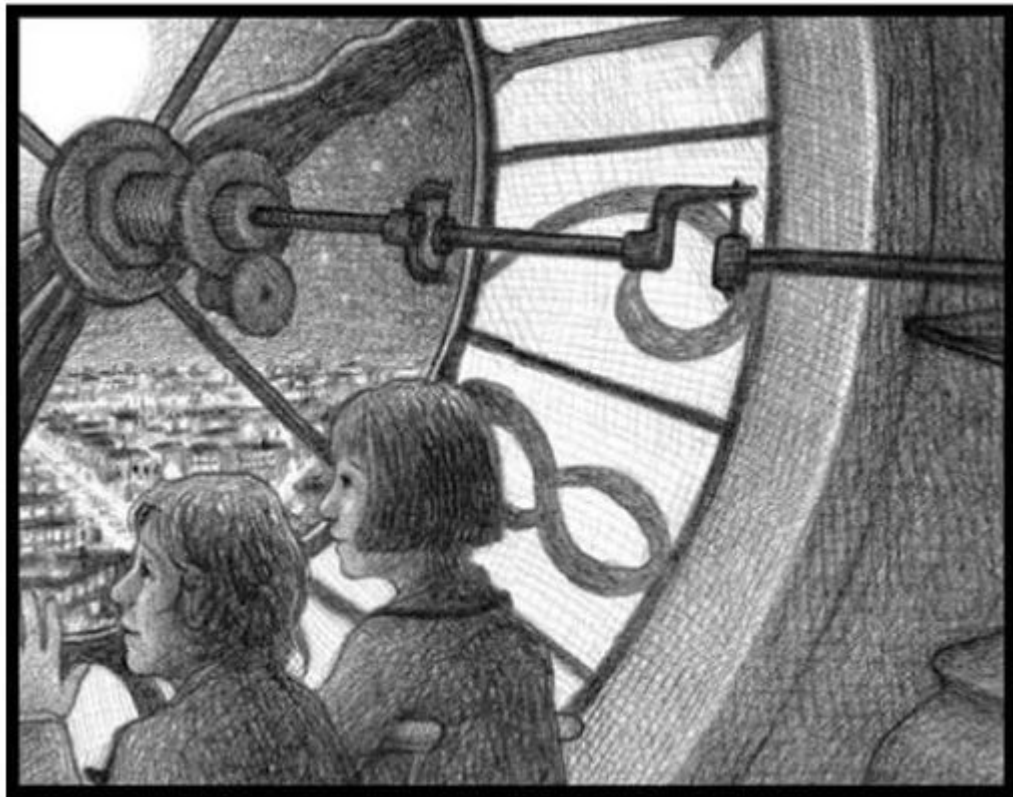
— Não sei — respondeu. — Pode ser.

— Então qual será a minha motivação? — indagou-se Isabelle.

— Não sei — disse Hugo.

Os dois fitaram o relógio e, em seguida, guardaram todos os brinquedos, inclusive o ratinho, e fecharam a loja. Recolheram o dinheiro que tinham obtido, e Isabelle o guardou no bolso.

— Antes de ir pra casa, venha comigo — convidou Hugo, ajudando Isabelle a entrar na saída de ventilação da parede mais próxima. Com a mão de Hugo machucada e o pé torcido de Isabelle, foi difícil para os dois subirem os degraus e a escada de mão, mas um ajudou o outro e, por fim, alcançaram os relógios de vidro de onde se contemplava a cidade. Os relógios deveriam ser iluminados por dentro, mas fazia tempo que a fiação tinha estragado.



— Como é lindo! — exclamou Isabelle. — Parece que a cidade é toda feita de estrelas!

— As vezes eu venho aqui, de noite, mesmo quando não estou cuidando dos relógios, só pra olhar a cidade. Sabe, as máquinas nunca têm peças sobrando. Elas têm o número e o tipo exato de peças que precisam. Então, eu imagino que, se o mundo inteiro é uma grande máquina, eu devo estar aqui por algum motivo. E isso quer dizer que você, também, deve estar aqui por algum motivo.

Contemplaram as estrelas e viram a lua suspensa, logo acima deles. A cidade piscava lá embaixo e o único som era o pulsar rítmico e constante do mecanismo do relógio. Hugo se lembrou de outro filme que tinha visto com o pai alguns anos antes, onde o tempo parava em toda Paris e as pessoas ficavam congeladas onde

estavam. Mas o vigia noturno da Torre Eiffel e alguns passageiros que aterrissavam num avião podiam, misteriosamente, se mover pela cidade silenciosa. Como seria aquilo? Mesmo que todos os relógios da estação parassem, pensou Hugo, o tempo não pararia.

Como agora.

7

A visita



LOGO AS CRIANÇAS CONSEGUIRAM dinheiro suficiente para os remédios de tio Georges, que Isabelle comprou numa farmácia perto da sua casa. Mas tinha sido uma semana difícil. Enquanto caminhava pela estação, logo via que os relógios começavam a entrar em colapso. Cada um deles marcava horas ligeiramente diferentes. Mais assustador do que isso, porém, era que o inspetor da estação havia deixado um bilhete para o tio de Hugo preso no último cheque salário, no qual pedia que se encontrasse com ele. Hugo não sabia o que fazer. Só ficou rezando para conseguir esquivar-se do inspetor até que todas suas perguntas sobre o homem mecânico tivessem sido respondidas.

Por fim, chegou a noite da véspera da visita de Etienne e René Tabard. Hugo custou a pegar no sono e, quando adormeceu, sonhou com o terrível acidente que tinha ocorrido na estação ferroviária trinta e seis anos antes, e do qual as pessoas continuavam a falar. Hugo tinha ouvido histórias sobre o acidente desde que era bem pequeno. Um trem linha entrado na estação em alta velocidade. Os

freios falharam e o trem derrubou os obstáculos, descarrilou, rolou pela estação, atravessou duas paredes e voou pelo vitral afora, espatifando o vidro num bilhão de pedacinhos.



Em seu sonho, Hugo estava caminhando do lado de fora da estação quando ouviu um estrondo e olhou para o alto. Um trem desabava do céu em cima dele. O menino despertou, suado. Faminto e com medo de adormecer novamente, Hugo se arrastou para fora da cama e se vestiu. Caminhou pela estação e furtou uma garrafa de leite. Ficou contente por encontrar uma bandeja de croissants fresquinhos, deixada junto a uma porta alçapão. Pegou alguns e correu de volta para o quarto, onde comeu e esperou até dar a hora do encontro.

Estava chovendo, e Hugo chegou bem no momento em que Etienne e o senhor Tabard se aproximavam com seus guarda-chuvas pretos. O senhor Tabard carregava um grande pacote sob o braço. Isabelle chamou por eles da janela e desceu as escadas de muletas para encontrá-los. Os dois homens fecharam os guarda-chuvas e sacudiram a água antes de cruzar a porta. Etienne abraçou Isabelle e ela disse a todos que tirassem os sapatos.

— Tio Georges detesta sapatos dentro de casa. O senhor Tabard perguntou: — Por favor, qual é mesmo o nome do seu padrinho? — Georges Méliès — respondeu Isabelle. — Então é verdade...

Fitou Isabelle por alguns instantes, depois se aprumou e emendou:

— E... um prazer conhecê-la, senhorita. Espero que seja uma boa ocasião para a nossa visita.

— Sim — assentiu Isabelle. — Acho que sim. Tio Georges está se sentindo um pouco melhor.

— Estão esperando a gente, não estão? — perguntou o senhor Tabard.

— Humm... por favor, subam.

Isabelle pediu a todos que esperassem um minuto no corredor, onde o senhor Tabard colocou no chão o grande pacote que carregava. Então, com um olhar apreensivo para Hugo, Isabelle entrou no apartamento. Os visitantes ouviram algumas vozes até que, finalmente, Isabelle voltou e os trouxe para dentro.

— Por favor, tia Jeanne, não fique zangada.

A velha senhora estava picando legumes. Segurava um facão grande e brilhante quando se voltou e viu os Ilês visitantes que entravam em sua casa.

— Quem são essas pessoas, Isabelle?

O facão brilhou na fraca luz do apartamento. Etienne e o senhor Tabard deram um passo atrás. Hugo tirou de dentro da jaqueta o livro que pegara emprestado da Academia de Cinema. Estendeu-o a Isabelle.

— Nós descobrimos quem tio Georges é — disse ela à madrinha. — Hugo encontrou este livro, que conta tudo sobre os filmes dele. O senhor Tabard escreveu o livro, e Etienne é um de seus alunos. Por favor, tia Jeanne. Eles querem ajudar. Eles adoram os filmes de tio Georges.

O senhor Tabard ajeitou a gravata borboleta e, discretamente, deu um passo à frente.

— Peço mil desculpas. Pensei que estávamos sendo aguardados. Vamos embora imediatamente, para só voltar quando a senhora permitir.

Ao se dar conta de que empunhava uma arma muito afiada, a velha senhora largou depressa o facão e enxugou as mãos no avental.

— Por favor, falem baixo, meu marido está dormindo. Sinto muito. Eu... eu gostaria que minha afilhada tivesse me falado da visita dos senhores, porque assim teríamos evitado essa cena desagradável. Infelizmente, creio que não vou convidá-los a voltar.

— Por favor, tia Jeanne, não mande eles embora.

— Senhora Méliès, não quero lhe impor minha presença — desculpou-se o senhor Tabard —, mas se esta for realmente a única vez em que nos encontraremos, por favor, me deixe contar uma rápida história. Conheci o seu marido muito tempo atrás, quando eu era um garotinho. Meu irmão mais velho era carpinteiro e seu marido o empregou em vários de seus primeiros filmes. Ele frequentemente me levava ao estúdio onde os filmes eram feitos e eu me lembro como se fosse ontem. Me lembro como o sol brilhava através de todas as vidraças. Achava que aquilo parecia um palácio de contos de fada... Uma tarde, seu marido apareceu e apertou minha mão. E me disse uma coisa que nunca mais esqueci.

O senhor Tabard fez uma pausa, olhou para a porta fechada do quarto e logo prosseguiu:

— Ele se agachou num joelho e cochichou para mim: "Se algum dia você já quis saber de onde vêm os sonhos quando você está dormindo à noite, basta olhar ao seu redor. É aqui que eles são feitos". E eu cresci desejando fazer filmes também. Seu marido me deu um grande presente. Espero poder retribuir algum dia.



Hugo se lembrou mais uma vez do que seu pai lhe dissera sobre o primeiro filme que tinha visto quando criança. Dissera que era como ver os próprios sonhos em pleno dia.

Jeanne levantou a barra do avental e enxugou os olhos.

— Preciso me sentar — disse.

Etienne trouxe uma cadeira para ela, que se sentou com um suspiro.

— Meu marido foi um homem importante, e me alegra que o senhor se lembre dos filmes dele com tanto carinho, mas ele tornou-se tão frágil... Não é uma boa ideia desenterrar o passado para ele.

— Trouxemos parte desse passado conosco — completou o senhor Tabard —, mas se a senhora acha que não é uma boa

ideia...

— O que foi que trouxeram? — perguntou Isabelle.

A velha senhora ergueu as sobrancelhas. — Quando fui convidado a vir aqui me encontrar com um homem que eu julgava morto, confesso que não quis acreditar. No entanto, movido por minhas lembranças de Georges Méliès, mandei Etienne descer aos arquivos da Academia de Cinema e, bem lá no fundo, debaixo de uma pilha de caixas velhas, ele encontrou um dos filmes de seu padrinho. Está um pouco empoeirado, mas acho que permanece em excelente estado. Trouxemos um projetor conosco, caso ele desejasse vê-lo. Imaginamos que deve fazer muito tempo desde que ele assistiu a um de seus filmes pela última vez.

Hugo e Isabelle se agarraram.

— Mostre pra gente — pediu Hugo.

— Não, não. Não quero acordar Georges — disse Jeanne.

— Oh, por favor, deixe a gente ver agora, por favor! — insistiu Isabelle.

A velha senhora olhou para a porta fechada do quarto e tocou o broche em sua gola. Seus olhos brilharam de curiosidade por um instante. Ao menos foi o que Hugo pensou ter visto. Ela cobriu os olhos com as mãos como se a luz fosse forte demais, depois balançou a cabeça e disse:

— Sejam rápidos com isso.

O senhor Tabard e Etienne trouxeram o pacote do corredor e desembalaram o projetor. Instalaram-no sobre a mesa e abriram o rolo de filme. Etienne enrolou o filme no projetor e conectou a máquina numa tomada elétrica. Hugo fechou as cortinas.

Direcionaram o projetor para uma das paredes e o ligaram. Ele estalou para a vida, e logo o filme começou a se mover ali dentro enquanto a luz invadia a parede. Surgiram imagens, incluindo a do próprio Georges Méliès, jovem, usando uma barba branca postiça e uma capa preta coberta de estrelas e luas. Hugo reconheceu os desenhos. Quando o pano preto tinha caído da caixa quebrada do armário, ele pensou que fosse um lençol, mas agora percebia que era um dos figurinos do filme *Uma viagem à Lua*. Hugo achou que o filme era a coisa mais maravilhosa que já tinha visto. Imaginou seu pai, muito tempo atrás, garotinho, sentado no escuro, vendo aquele mesmíssimo filme, olhando vidrado para a cara da Lua.

Quando a projeção terminou, a ponta do filme ficou girando ruidosamente em torno do rolo até que Etienne desligou a máquina e o retângulo de luz desapareceu. Tudo ficou em silêncio.

Mas logo as tábuas do piso rangeram, e todos se viraram. Georges Méliès estava na porta do quarto, com lágrimas nos olhos.

— Eu reconheceria o som de um projetor de cinema em qualquer lugar — disse ele. Sua mulher também estava chorando. Ela caminhou até ele e o abraçou.

— Quem é essa gente? — perguntou ele.

Isabelle lhe apresentou Etienne e o senhor Tabard. — O senhor Tabard ensina na Academia Francesa de Cinema — disse ela —, e Etienne é um de seus alunos. Eles são fãs do senhor.

Os dois apertaram a mão dele.

— O que vieram fazer aqui?

Isabelle lhe contou sobre o autômato e como Hugo o tinha recuperado do incêndio.

— Ele consertou e... sinto muito... eu fiz uma coisa errada. Roubei uma chave de tia Jeanne. Mas Hugo viu a chave no meu pescoço e percebeu que ela se encaixava no autômato. Demos corda nele e a máquina fez um desenho, e então descobrimos tudo...

O padrinho sorriu.

— Nem tudo, tenho certeza.

Hugo tirou do bolso o desenho do autômato, que ele havia colado novamente, e o entregou ao velho, que pegou aquilo com mãos trêmulas.

Todos ficaram em silêncio por um longo momento.

— Me dê o projetor — pediu, por fim, Georges Méliès.

— O quê? — perguntou a mulher. Ele caminhou até a máquina e a desconectou. Levantou-a e a carregou para dentro do quarto. Em seguida, bateu a porta e a trancou.

8

Abrindo a porta



JEANNE BATEU NA PORTA.

— Georges? O que é que você está fazendo? Todos esperaram com ansiedade, mas o velho não respondeu. Não vinha o menor ruído lá de dentro.

— Georges — a velha senhora falava com a maior calma possível —, abra a porta, por favor. Ela bateu de novo, mas ele continuou mudo. De repente, veio um estrondo tão alto que todos o sentiram nos ossos.

Todos saltaram e correram para a porta do quarto. Parecia que a porta do armário estava sendo arrancada das dobradiças, ou que o guarda-roupa tinha desabado, ou, pior, que o velho tivesse caído e quebrado a cabeça. Houve outro momento de silêncio, mas logo eles ouviram pisadas que iam e vinham dentro do quarto, acompanhadas de palavras que não conseguiam entender.

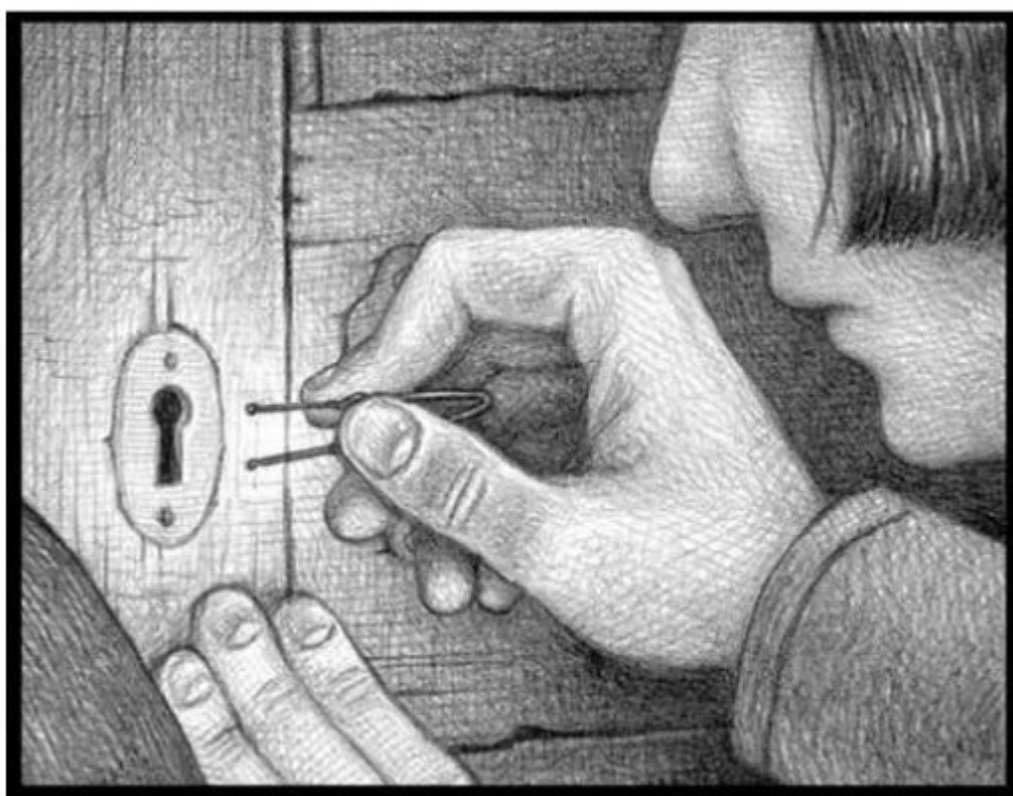
— Georges! Georges! Eu sinto muito! Por favor, deixe a gente entrar!

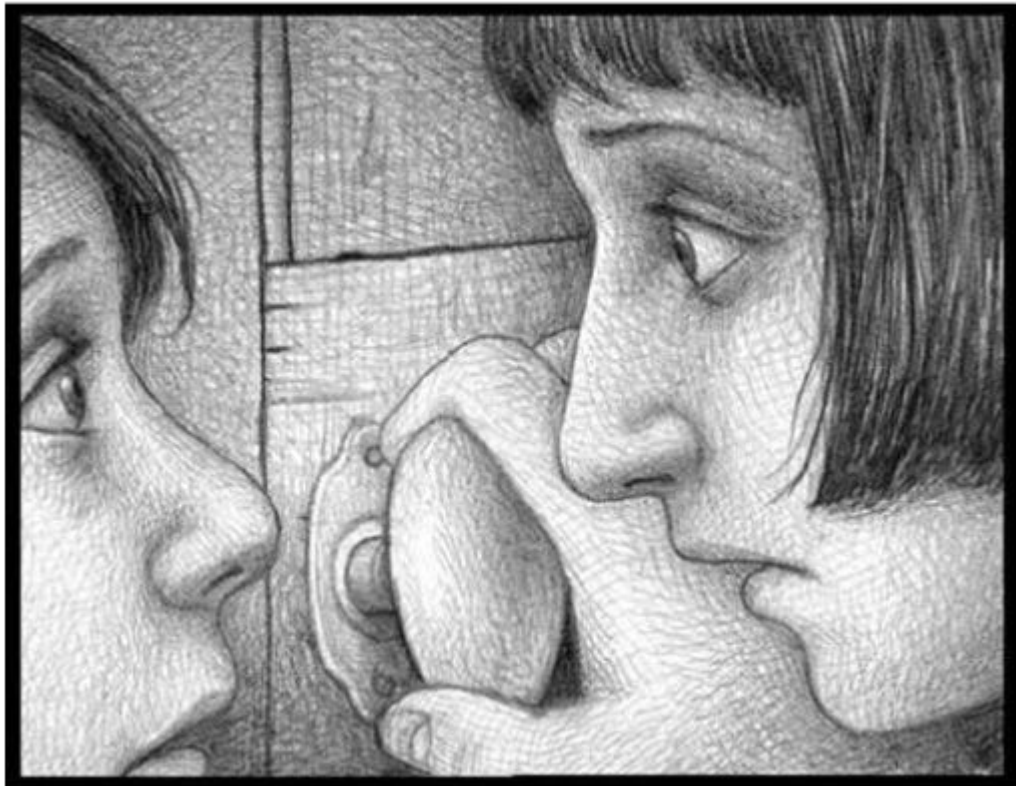
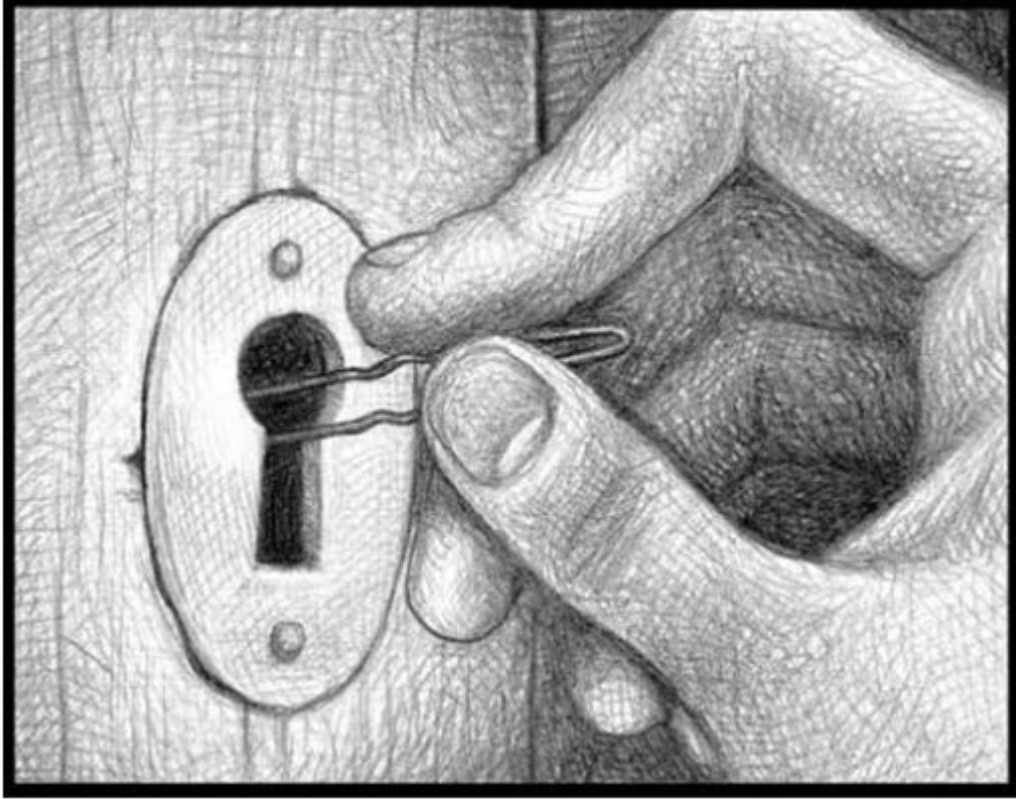
Todos continuaram a ouvir sons terríveis: coisas sendo arrastadas pelo quarto, pancadas e marteladas, sons guturais

abafados, entremeados de momentos de silêncio. As crianças estavam apavoradas e a madrinha de Isabelle soluçava. Etienne e o senhor Tabard tentaram arrombar a porta, mas ela não se mexia. Os barulhos ficaram mais altos e apavorantes.

Cada um deles tentou empurrar a porta, mas em vão. Finalmente, Hugo se lembrou:

— Isabelle, use o seu grampo!





Empurraram a porta, e todos os cinco ficaram ali, esperando ver uma grande bagunça, desenhos rasgados, o caos. Mas não foi nada disso o que viram.

A cama tinha sido arrastada para o lado. Georges Méliès estava sentado numa mesa que ele havia arrastado para o centro do cômodo, com uma pena na mão, como se fosse uma versão gigante do autômato. Hugo pôde ver o desenho do homem mecânico sobre a mesa. O velho tinha escancarado as portas do armário para apanhar seus antigos desenhos e eles agora cobriam completamente o chão, irradiando-se desde os pés da mesa, subindo pela cama e pelas paredes, onde tinham sido pregados até o teto. As cortinas tinham sido fechadas e o projetor estava instalado sobre um dos criados-mudos, que fora puxado para ficar de frente para o velho, debaixo da porta. Saindo do projetor, o filme tremeluzia por toda a parede. Imagens da Lua, do foguete e dos exploradores brilhavam no rosto do velho e sobre o mar de seus belos desenhos, presos na parede atrás dele.

— Meus pais eram sapateiros, sabiam? — ele perguntou enquanto olhava para Hugo e Isabelle. — Queriam que eu trabalhasse na fábrica deles, mas eu odiava sapatos. A única coisa que me atraía naquilo eram as máquinas. Aprendi sozinho a consertá-las e sonhava em fugir para me tornar um mágico. Então, quando por fim cheguei à idade certa, vendi minha parte da fábrica e comprei um teatro. Minha mulher era minha assistente. Éramos muito felizes. Eu tinha uma oficina especial nos fundos, onde construí meu autômato, e as plateias o adoravam... Então, os

irmãos Lumière inventaram o cinema. Eu me apaixonei no ato pela invenção deles e pedi que me vendessem uma câmera. Eles negaram meu pedido, por isso fui obrigado a construir a minha própria câmera, o que eu fiz usando as partes que tinham sobrado do autômato. Logo descobri que eu não era o único mágico que tinha se voltado para o cinema. Muitos de nós reconhecemos que um novo tipo de magia havia sido inventado, e queríamos fazer parte daquilo. Minha linda esposa se tornou minha musa, minha estrela. Fiz centenas de filmes, e pensamos que aquilo nunca acabaria. Como poderia acabar? Mas veio a guerra e, depois disso, teve competição demais, e tudo ficou perdido. Detestei ler que dizer a todos os funcionários que eu não podia mais apoiá-los. E, quando imaginei que nada poderia ser pior, dois dos meus mais queridos amigos, um jovem operador de câmera e sua mulher, morreram num terrível acidente de carro. Mas a filhinha deles sobreviveu.

— Eu? — perguntou Isabelle.

— Você.

— Meu pai fazia filmes com o senhor?

— Seu pai foi o operador de câmera de vários dos meus últimos filmes. Sua mãe era professora de uma escola próxima, eu amava muito os dois. Depois que morreram, você veio morar com a gente... Você era o único ponto brilhante num mundo muito escuro. Fiz minha mulher prometer que nunca mais voltaria a falar dos meus filmes. Tranquei a porta do meu passado... Queimei meus antigos cenários e as fantasias. Fui obrigado a vender meus filmes a uma empresa, que derreteu tudo para fazer saltos de sapatos...

Com o dinheiro que consegui ao vendê-los, comprei a loja de brinquedos, onde vivo engaiolado desde então, ouvindo o som de saltos de sapatos repicando no chão... o som dos meus filmes desaparecendo para sempre. Fui assombrado por esses fantasmas por tantos anos! A única coisa que não consegui destruir foi o autômato, que doei para o museu. Mas nunca o puseram em exibição e, anos mais tarde, o museu pegou fogo. A única coisa que sobrou foi a chave sobressalente que eu tinha feito para minha mulher como um presente de aniversário, e até mesmo isso acabou sumindo. Achei que o autômato estava perdido para sempre, mas me enganei. Milagrosamente, ele sobreviveu. Me diga... onde ele está agora?

- Está comigo, na estação — revelou Hugo.
- O que é que ele está fazendo na estação?
- É uma história muito comprida.
- Traga ele para mim.
- Sim, senhor... — assentiu Hugo. — Volto num instante.

9

O fantasma da estação



HUGO CALÇOU OS SAPATOS e correu debaixo da chuva até a estação ferroviária, que ainda estava lotada de passageiros. Não fazia a menor ideia de como conseguiria, mas estava ansioso para levar o autômato até Georges Méliès. Sacudiu-se como um cachorro para ficar seco e disparou pelos corredores apinhados, enquanto a excitação corria por todo o seu corpo. Sua mão doía, e ele sabia que seria muito difícil carregar o autômato até a casa do velho, por isso parou no café para conseguir um pouco de gelo. Tomando cuidado para não ser visto por ninguém, agarrou um punhado, junto com uma garrafa de leite. O vendedor de jornais estava conversando com a proprietária do café.

— ... Não consigo acreditar. Aqui? Tem certeza que é verdade, senhora Emile? — perguntou o jornaleiro.

— Tenho, senhor Frick — respondeu ela. — Minha amiga faz a faxina da delegacia de polícia, e escuta muita coisa por lá. Me encontrei com ela hoje de manhã, vindo para o trabalho. Ela me contou que a polícia achou um corpo no fundo do rio Sena alguns dias atrás.

Hugo quis ir embora, mas tinha alguma coisa no tom de voz da mulher que o fez ficar. Agachou-se do lado do café.

— Ninguém sabe direito, mas logo vão descobrir — continuou a senhora Emile. — O rio estava sendo dragado e encontraram o corpo de um homem lá embaixo. Tinha ficado no fundo do rio por muito tempo. Anos, talvez. Minha amiga disse que ontem à noite eles finalmente descobriram quem era, e só identificaram o sujeito pelo frasco de prata guardado num bolso interno. Levaram algum tempo para limpar e ler o nome gravado no fundo. Adivinhe quem era?

Hugo já sabia a resposta.

— O senhor se lembra do velho cronometrista bêbado da estação? — prosseguiu a senhora Emile. — Pois era ele! Morto há anos!

Hugo sabia que ela estava errada. Tio Claude só podia estar morto havia poucos meses, mas ele não ia corrigi-la.

— Puxa vida! — disse o senhor Frick, que estava habituado a ser o primeiro a saber das novidades. — Bem, acho que ninguém deu pela falta dele.

— Mas o senhor não percebe o que isso quer dizer? — disse a senhora Emile. — Os relógios da estação deviam ter parado de funcionar quando ele se afogou, já que ninguém estava cuidando deles... mas não pararam. Continuaram a marcar a hora exata! O cronometrista estava repousando confortavelmente no fundo do rio. É claro que ele não queria ser incomodado, e seu fantasma continuou a cuidar dos relógios. Mas então foram lá e perturbaram ele, e o senhor não notou? Todos os relógios estão parando! A

estação está assombrada! Naquele instante, Hugo deixou sem querer cair o gelo e a garrafa de leite, que se espatifou na laje do piso com grande ruído. Quando se virou e viu o menino, a senhora Emile gritou:

— Meu leite! Então é você que anda roubando o meu leite!

Hugo correu o mais que pôde no meio da multidão e desapareceu paredes adentro, a cabeça ainda fervilhando com a notícia que acabara de ouvir. De volta ao quarto, levou alguns minutos para recuperar o fôlego. Em seguida, já que precisava voltar rapidamente para a casa de Isabelle, afastou todas as caixas que cobriam o esconderijo do autômato. Arrastou a máquina para o meio do quarto e deu algumas voltas em torno dela, tentando imaginar a melhor maneira de levantar aquilo com a mão machucada. Certificou-se de que estava completamente coberta com o pano, para ficar protegida da chuva, e em seguida debruçou o autômato na curva de seu cotovelo, para ganhar impulso. Com a mão boa conseguiu, com muita dificuldade, levantar o homem mecânico. Ganiu de dor e cambaleou no rumo da porta, que, por força do hábito, ele tinha fechado ao entrar. Sabia que teria que colocar o homem mecânico no chão para abrir a porta, e procurava a maneira menos dolorosa de fazer isso quando ouviu uma batida.

— Isabelle? — perguntou Hugo.

Num grande solavanco, a porta se escancarou, e por um instante tudo o que Hugo conseguiu enxergar foi a cor verde. O inspetor da estação irrompeu como um furacão, seguido de perto pela senhora Emile e pelo senhor Frick. O inspetor agarrou Hugo

pelo braço. Hugo gritou e, para seu horror, deixou cair o homem mecânico, que desabou no assoalho com um terrível barulho.

— É ele! — gritou a senhora Emile. — Faz meses que vem roubando leite e croissants de mim.

— Eu vi tudo! — exclamou o senhor Frick. — É um ladrão!

— Muito obrigado a vocês dois. Fico grato por terem conseguido seguir o garoto. Agora, por favor, deixem que eu me encarrego das coisas a partir daqui.

— Que lugar é este? — perguntou o senhor Frick, olhando em volta.

— É o apartamento do cronometrista — disse o inspetor.

— O cronometrista? — guinchou a senhora Emile.

Branco como fantasmas, ela e o senhor Frick atravessaram a porta do quarto de Hugo atabalhoadamente. O inspetor da estação piscou nervosamente os olhos e concentrou sua atenção em Hugo, que se debatia em seus braços.

— Fique quieto! — gritou, mas seu rosto mudou imediatamente da raiva para a confusão quando olhou para baixo e viu o grande embrulho jogado no chão. — O que está acontecendo aqui? Que coisa é essa?

Alguns detalhes no inspetor da estação, coisas que Hugo nunca havia percebido antes, entraram em foco. O homem tinha dentes horríveis. Faltava-lhe a ponta de uma das orelhas. Tinha um leve cheiro de repolho.

Sem soltar Hugo, o homem se inclinou e removeu o pano até poder ver o autômato caído de lado, com o pescoço dobrado para trás.

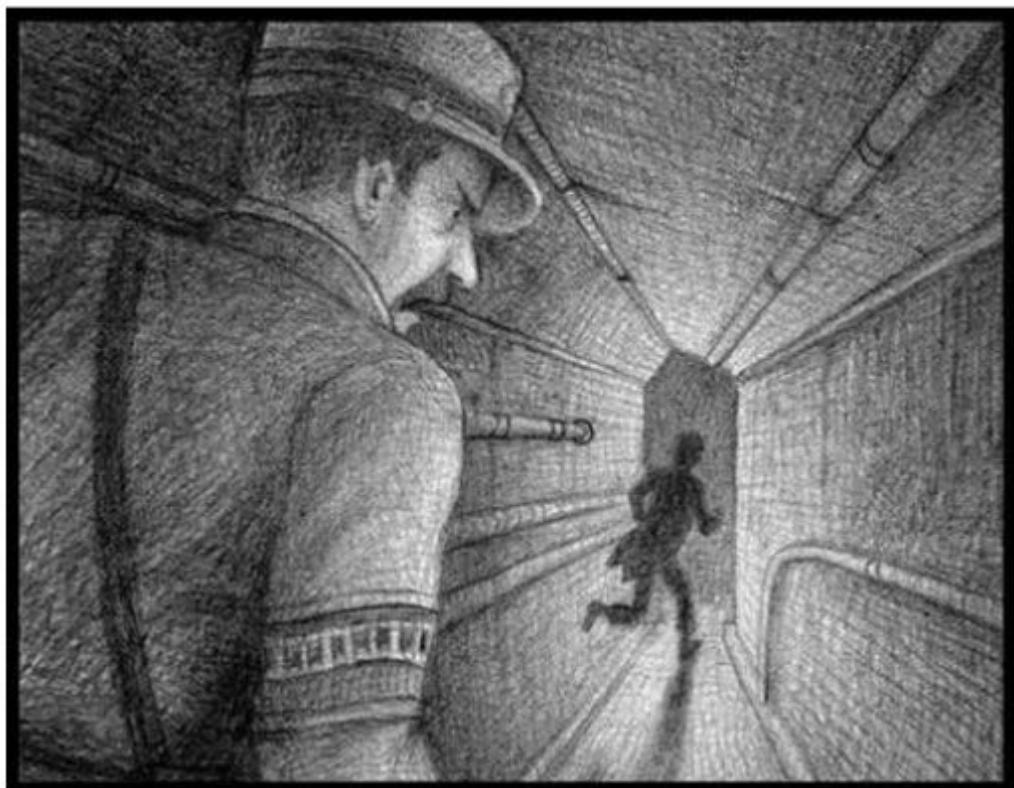
— Mas que diabos...? — disse.

O inspetor caminhou pelo quarto, arrastando Hugo atrás de si, enfiando a cabeça em portas e armários. Por fim, chegou até a pilha dos cheques salário não descontados de tio Claude.

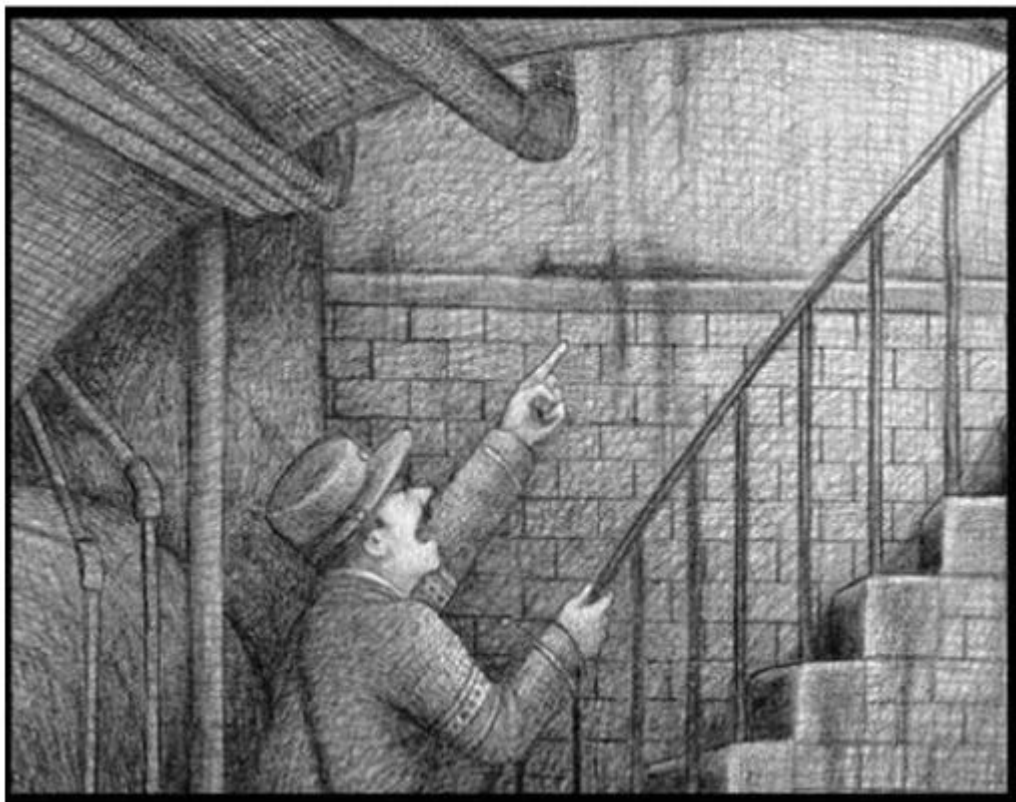
— Que foi que aconteceu com o cronometrista? Como é que você sabia do apartamento aqui na estação e dos túneis nas paredes? Onde é que ele está?

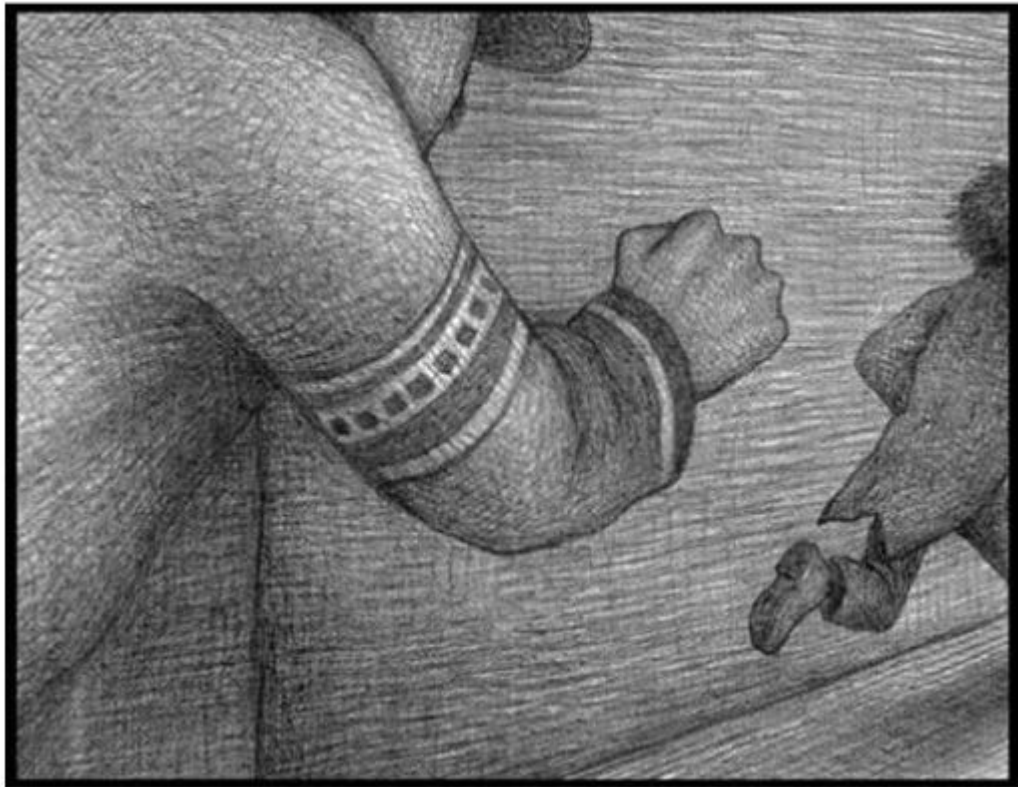
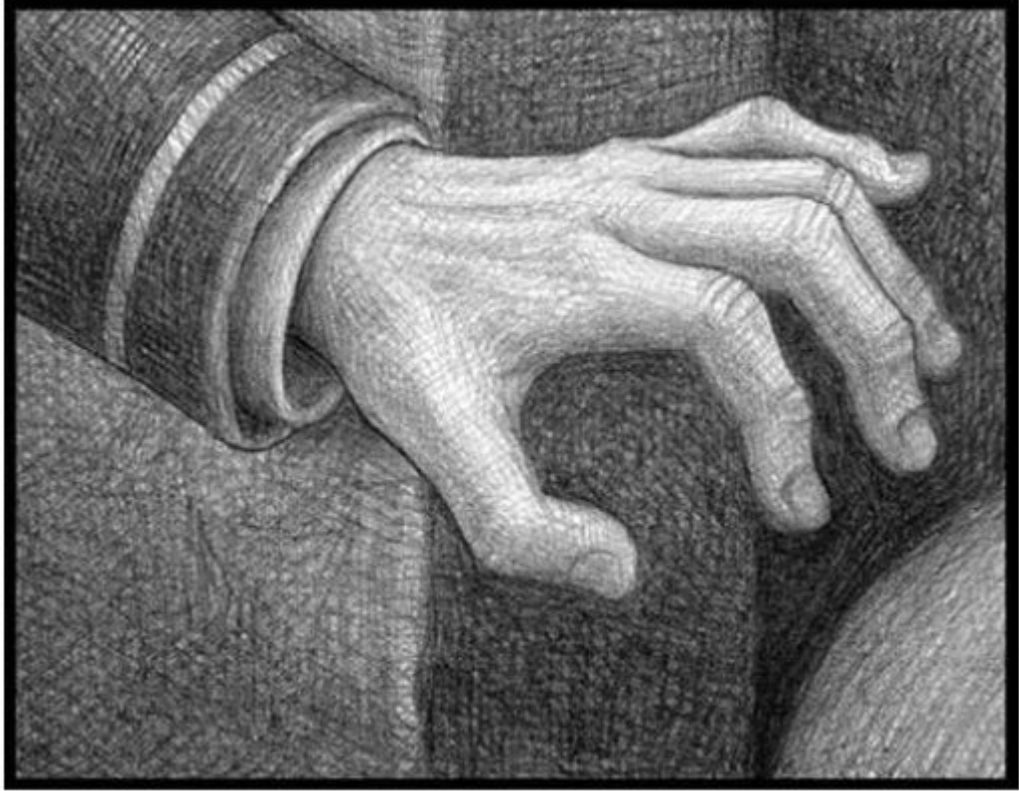
— Por favor! Meus dedos estão quebrados, agarre meu outro braço... está doendo demais! — gritou Hugo.

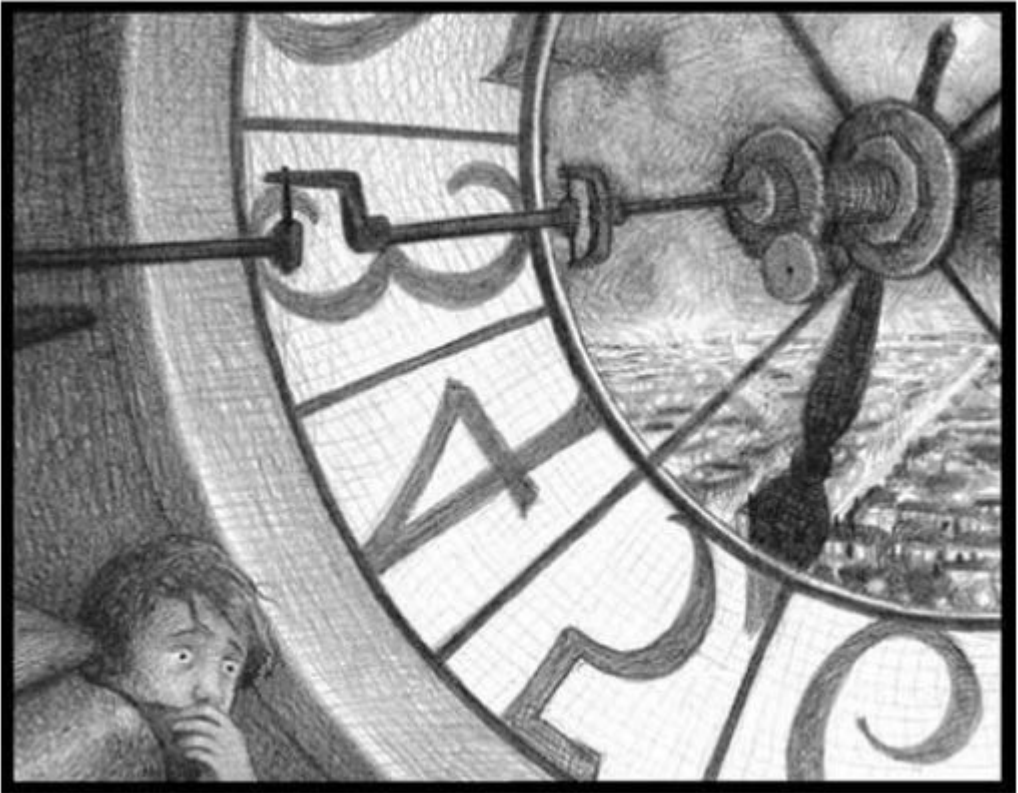
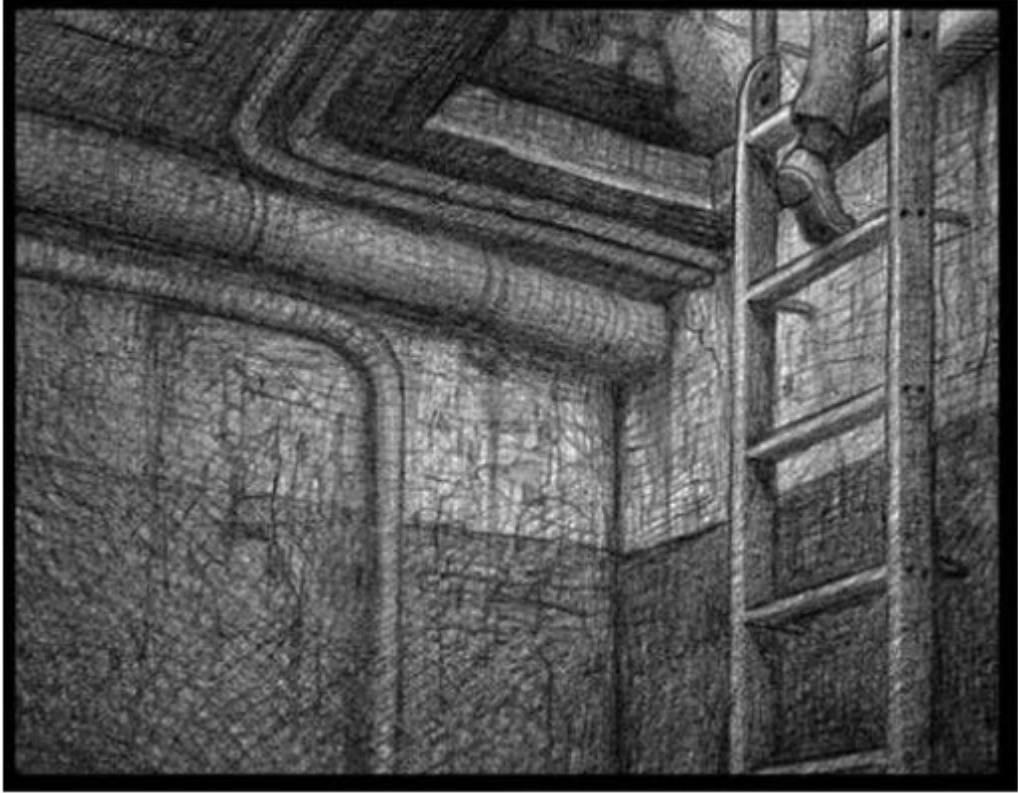
O inspetor viu as ataduras e afrouxou a garra, no que Hugo, feito um bicho selvagem, escapou.

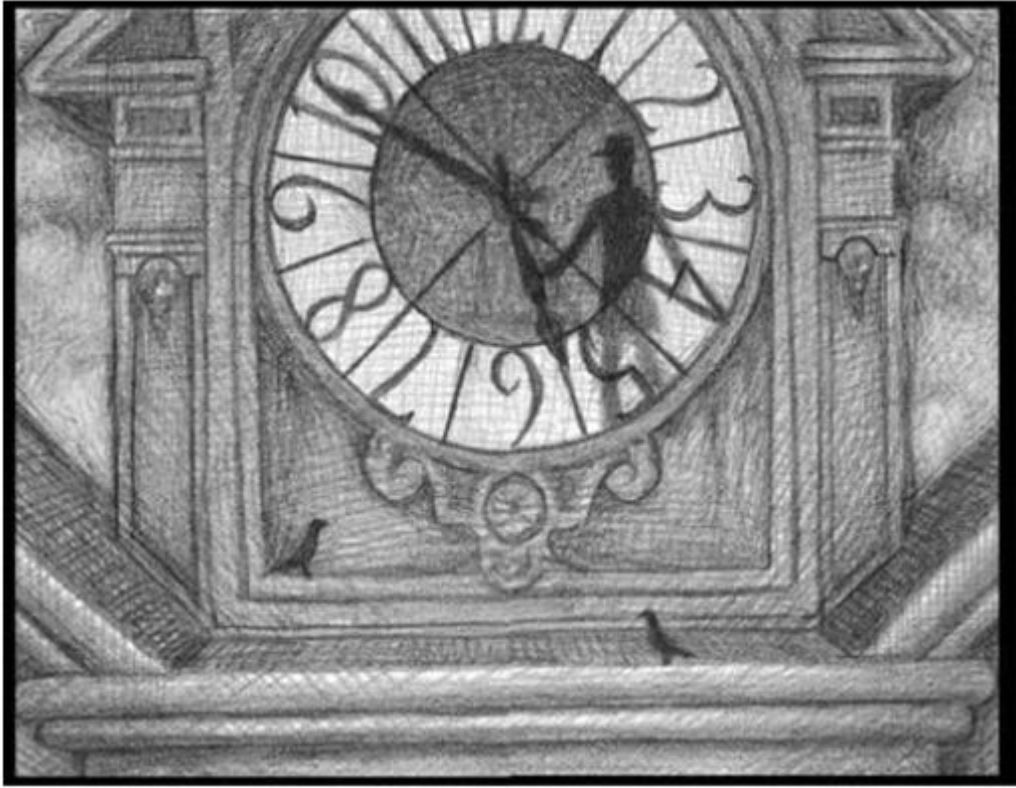




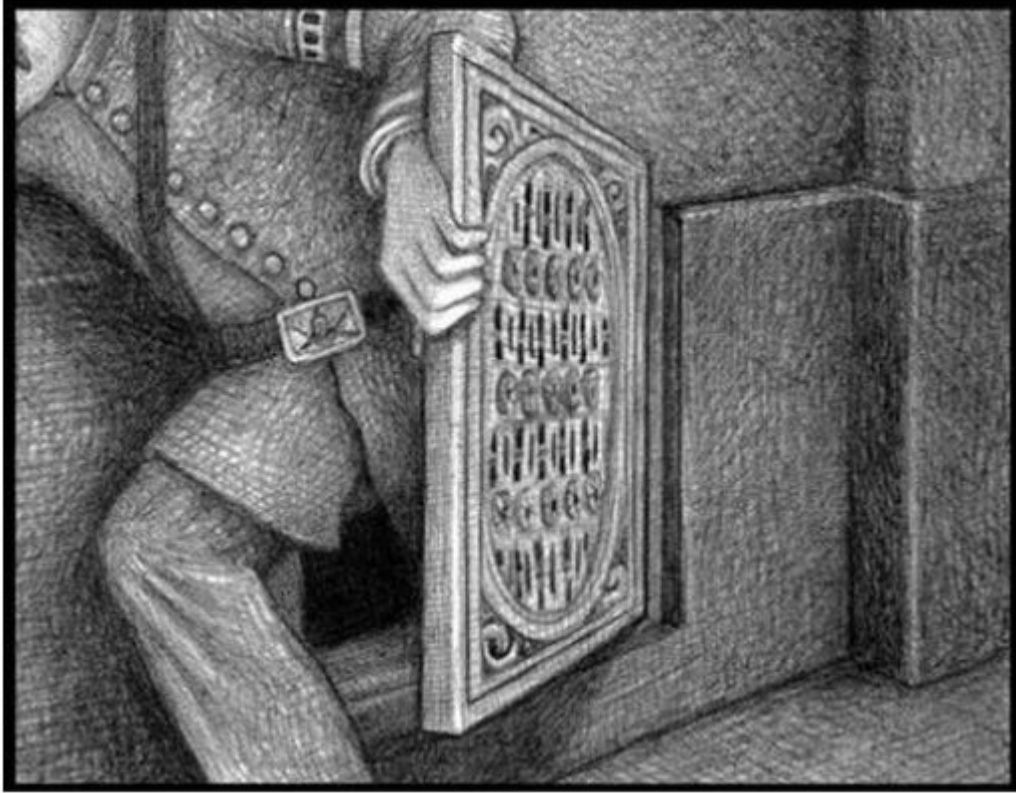














Bum!

Hugo se chocou contra as costas de alguém, caiu no chão, olhou para cima e viu a mão do inspetor da estação que se fechava sobre ele. Tentou rolar para o outro lado, mas se viu impedido pela senhora Emile e pelo senhor Frick, que, atravessando a multidão, caíram sobre ele como dois abutres. Agarraram Hugo com brutalidade e o puxaram para ficar de pé.

— Me solta! — gritou Hugo.

Lágrimas quentes brotaram em seus olhos. O inspetor da estação se inclinou bem perto do rosto de Hugo enquanto a dona do café e o jornaleiro apertavam cada um de seus braços.

— O único lugar onde vou te soltar é a cadeia! — sibilou o inspetor.

10

Um trem chega à estação



— O QUE VAMOS FAZER COM ELE? — perguntou o senhor Frick.

— Me acompanhem — ordenou o inspetor da estação, que levou todos para o seu gabinete. Abriu a cela de metal no canto e os dois jogaram Hugo lá dentro. Em seguida, trancou depressa a jaula, como Hugo sempre temera, e enfiou a chave de volta no bolso. O inspetor se virou para a senhora Emile e para o senhor Frick:

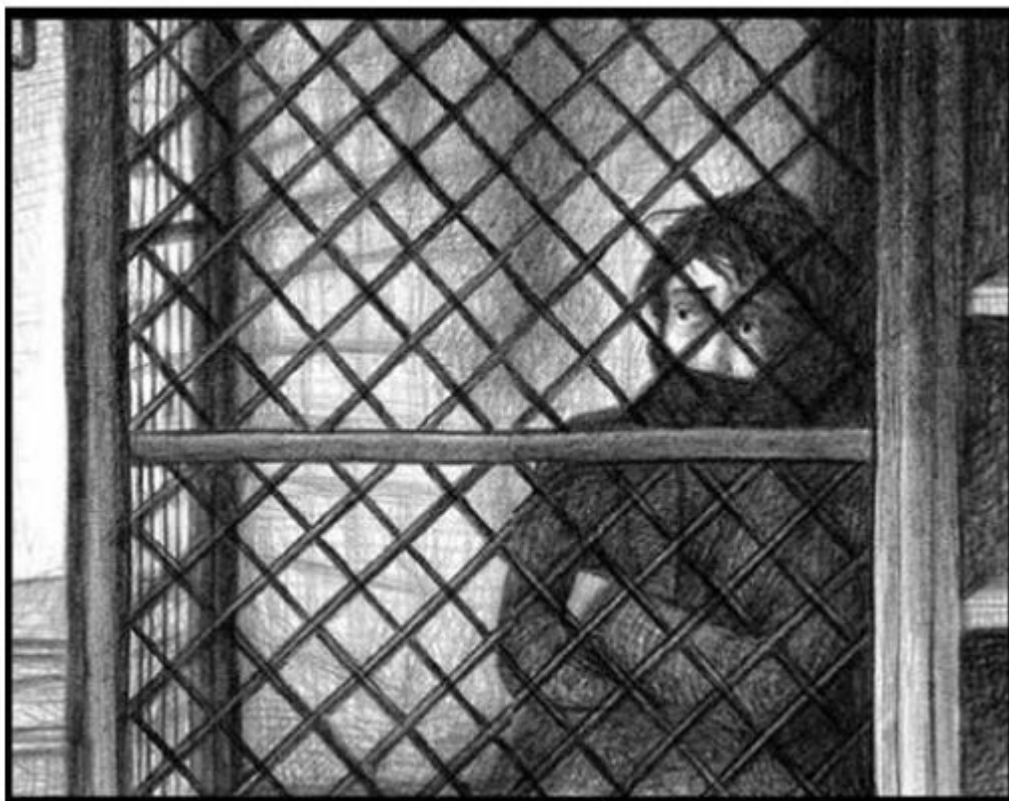
— Garanto a vocês que desta vez ele não escapa. Vou chamar a polícia e vocês nunca mais voltarão a ser importunados por esse rato escorregadio.

O inspetor sorriu ao dizer isso, mas não foi um sorriso amigável. Foi um sorriso mau e perigoso. A senhora Emile e o senhor Frick se despediram do inspetor, deixando-o a sós com Hugo. O inspetor ligou para a delegacia de polícia e, em seguida, disse a Hugo:

— Tem certeza que não quer confessar agora? Não?! Tudo bem, então. Vou voltar com alguns amigos. Não saia daqui enquanto eu estiver fora, hein?

O inspetor riu enquanto saía do gabinete e fechava a porta atrás de si.

Hugo ficou ali sentado como um bicho, molhado e trêmulo, no canto de sua jaula. Queria que Isabelle estivesse lá com um de seus grampos de cabelo.



Hugo ficou sozinho por um longo tempo. Agora iria para a prisão, ou para um orfanato, tinha certeza. O homem mecânico seria jogado fora. Nunca mais veria Isabelle e seus padrinhos novamente. Cobriu os olhos com as mãos. Por fim, a porta do gabinete se abriu e o inspetor da estação entrou com outros dois policiais. Hugo ficou de pé e tentou recuar o mais que pôde para o fundo de sua minúscula jaula.

— Ele não quer falar? — perguntou um dos policiais.

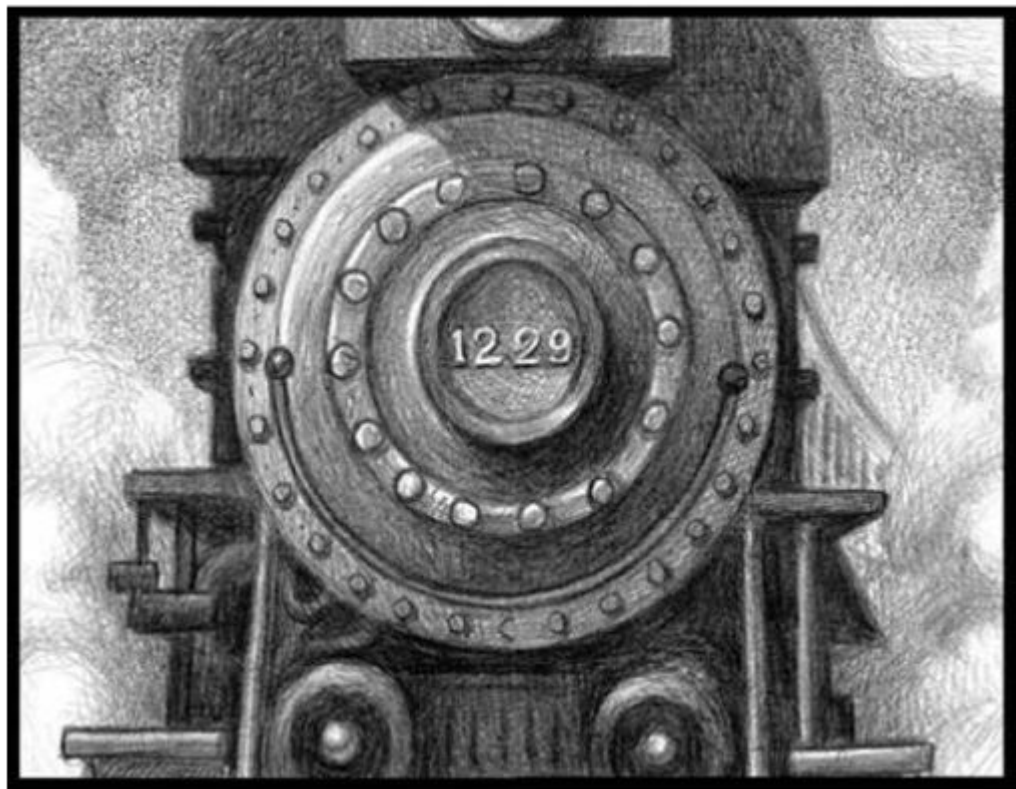
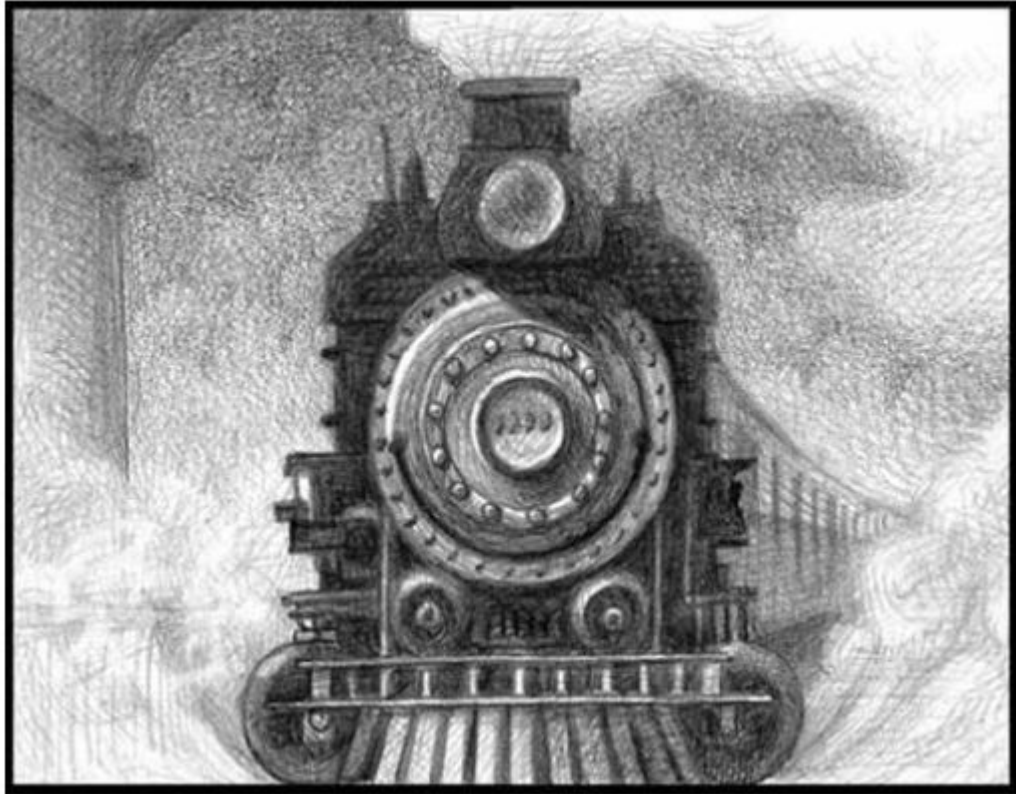
— Nada — respondeu o inspetor. — Bom, quem sabe um passeio até a delegacia ajude um pouco. Vamos, garoto. Sua limusine está esperando.

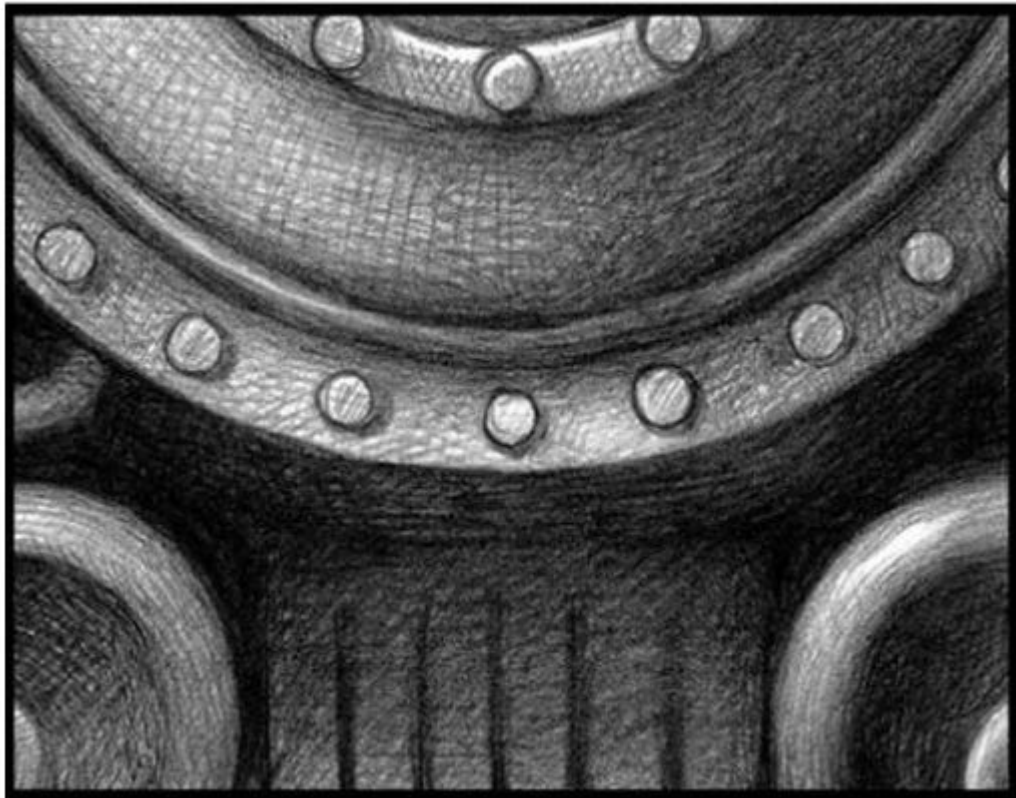
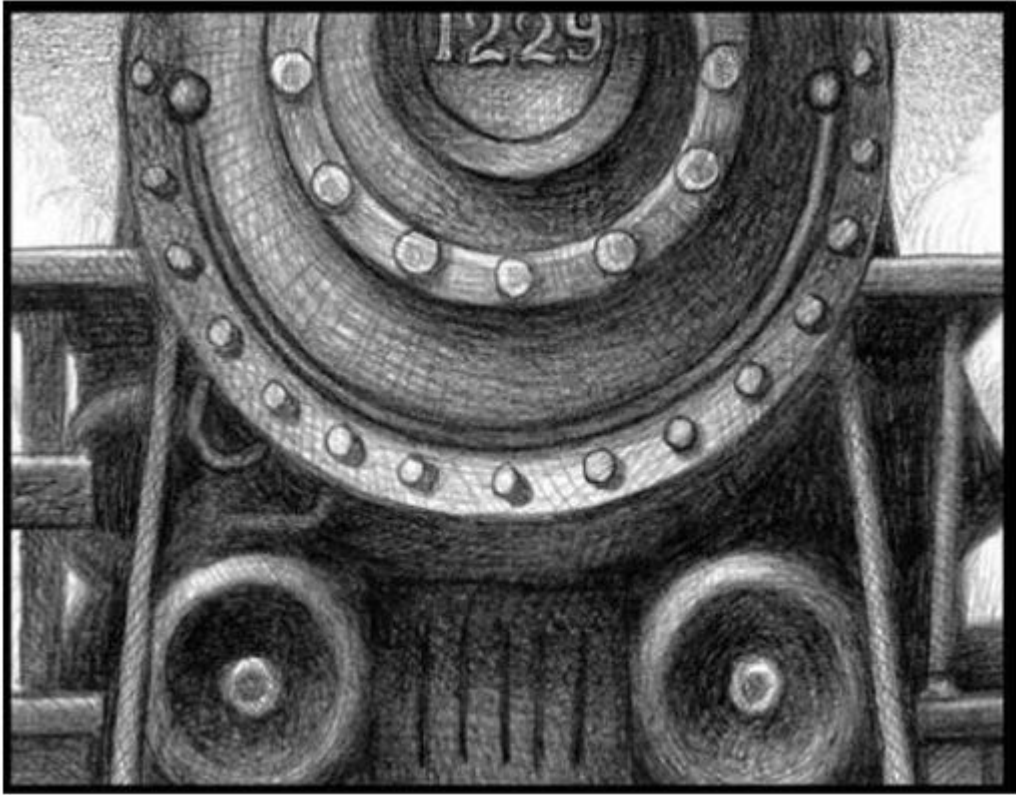
O inspetor da estação abriu a jaula e Hugo viu sua chance. Mais uma vez, disparou feito um raio. Deslizou entre os agentes da polícia e correu de volta para a estação.

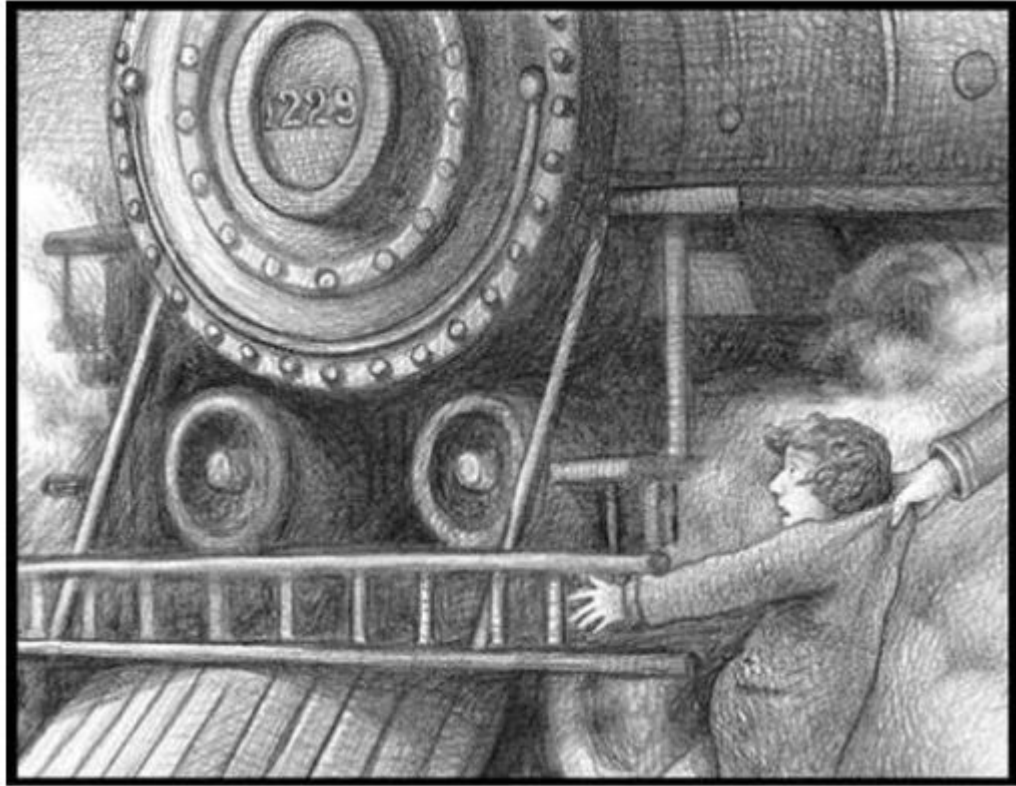
Estava apinhada naquele dia, e Hugo dava encontrões em todas as pessoas que caminhavam pelo saguão. No momento em que chegou a uma área desimpedida, já tinha perdido o senso de direção. Virou-se e viu o inspetor chegando mais perto, com os dois policiais logo atrás dele. Hugo julgou ter visto a senhora Emile e o senhor Frick se aproximando rapidamente também.

Continuou correndo e foi derrubado por alguns passageiros que se precipitavam para pegar o trem. Caiu sobre a mão machucada e gritou de dor. Conseguiu se levantar e então, com lágrimas embaçando os olhos e tentando desesperadamente alcançar as portas de entrada da estação, Hugo rodopiou e correu na direção exatamente oposta. Tropeçou e caiu, vários metros abaixo, sobre os trilhos. Olhou para cima, viu a dianteira de um trem que entrava a toda na estação. Em algum lugar, julgou ter ouvido um grito.

O terrível som dos freios sendo puxados, combinado com o guincho metálico das rodas contra os trilhos, lhe dava a impressão de que a estação inteira estava prestes a desabar em cima dele. A negra locomotiva crescia na direção de Hugo, e ele ficou estático, incapaz de desviar o olhar, como se estivesse assistindo a um filme.



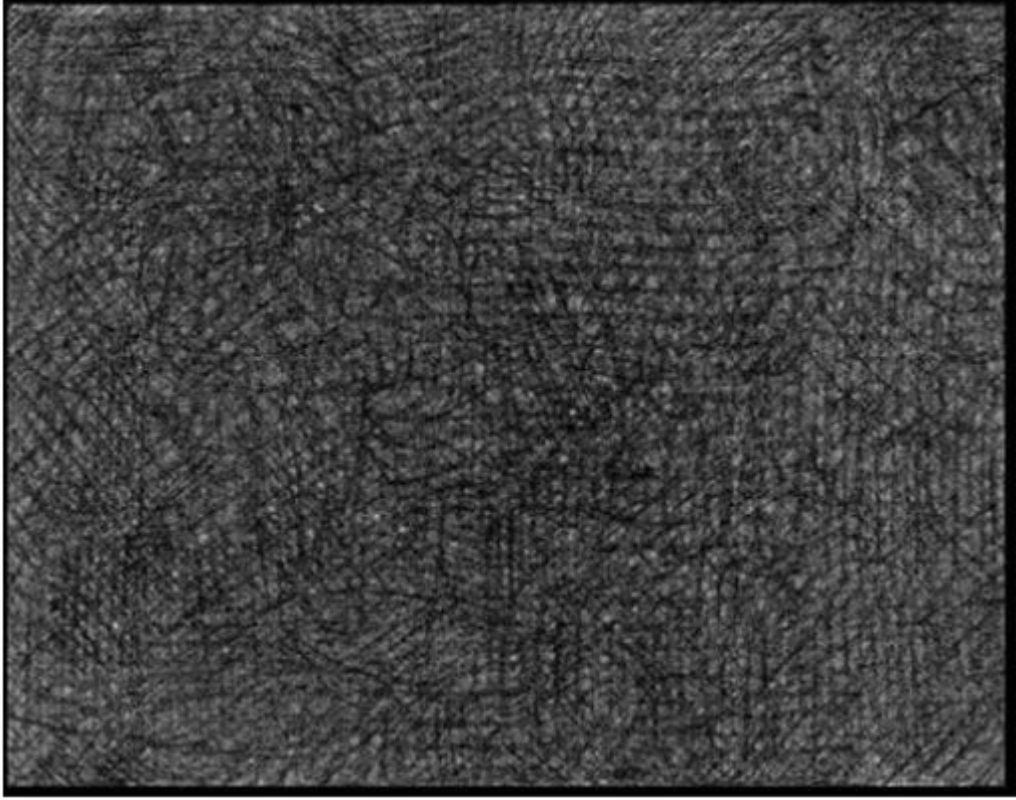


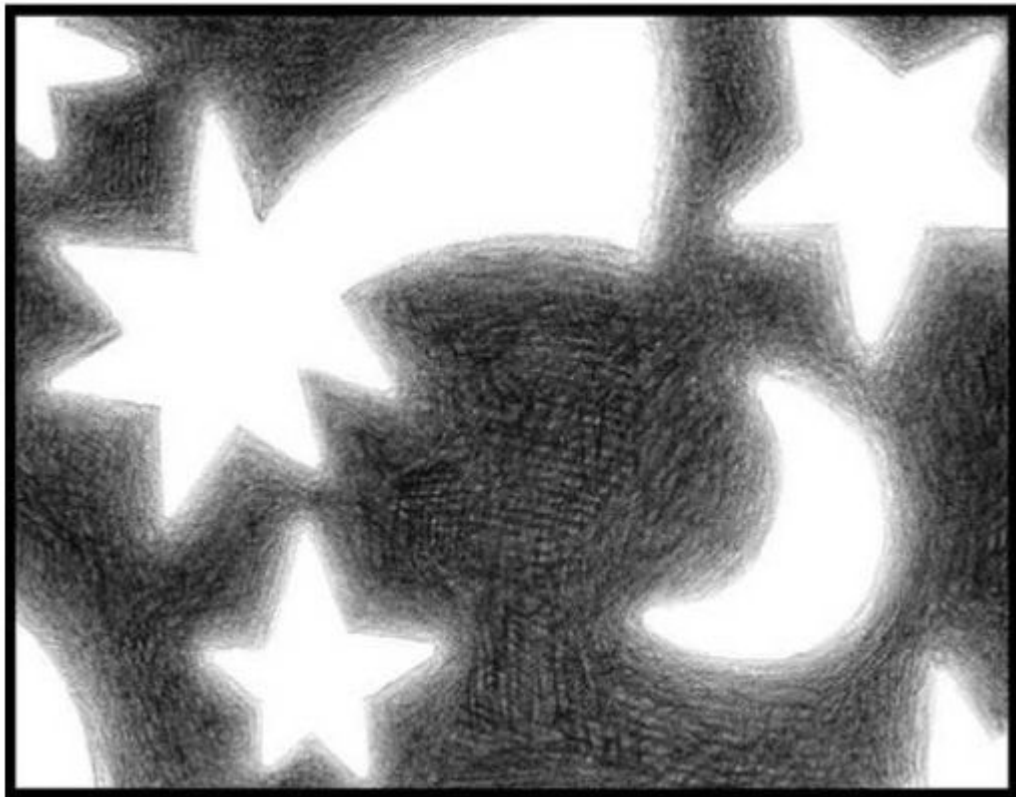
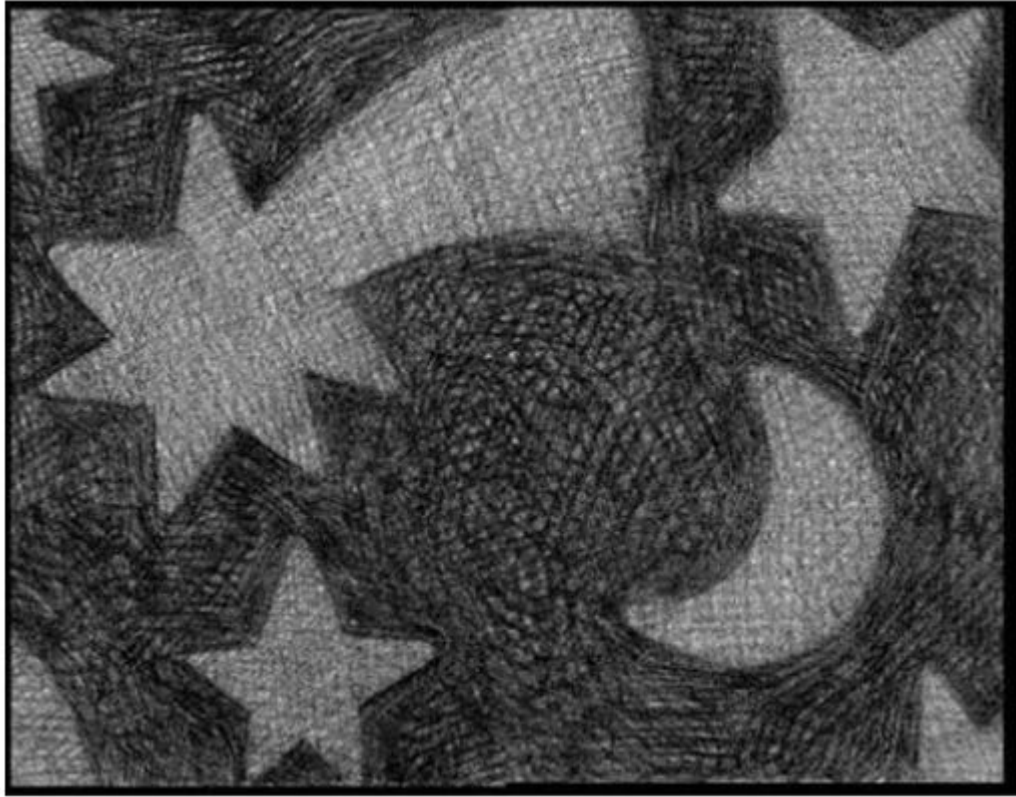


No último instante possível, Hugo foi puxado para cima, para fora dos trilhos, para a segurança. A fumaça golfou da locomotiva, que desacelerava, enquanto um jorro de faíscas escapava de cada roda. Hugo ficou tonto.

Houve alguns momentos de silêncio estupefato, e logo o vapor saiu de algum lugar, como se o trem estivesse suspirando. Para todo mundo dentro da locomotiva, nada de extraordinário tinha acontecido. Simplesmente haviam parado na estação. Mas para Hugo, todo o seu mundo tinha acabado.

Novamente, o inspetor da estação estava segurando seu braço, e sua mão ferida pulsava de dor. Pôde ver os policiais tirando algemas dos cintos até que, finalmente, a dor e o terror ficaram grandes demais.





Quando Hugo abriu os olhos, tudo o que conseguiu ver foram estrelas. Estrelas, luas e o que parecia ser um foguete espacial. Era a capa de Uma viagem à Lua, e Georges Méliès que a estava vestindo.

— Ah, bem-vindo de volta, Hugo Cabret — disse ele, segurando a cabeça do menino no colo sobre uma cadeira no gabinete do inspetor da estação.

Atrás de Hugo estava Isabelle, de pé e inclinada sobre as muletas. — Beba isso — disse ela, passando-lhe um copo d'água. — Eu sabia que alguma coisa estava errada — continuou. — Você estava demorando demais pra voltar pra casa. Tio Georges insistiu em vir comigo...

O inspetor estendeu a mão na direção de Hugo, mas o velho disse, com sua voz mais dramática: — Nem toque nele.

— Desculpe, senhor. Mas, como eu estava dizendo antes, esse garoto foi apanhado roubando na cafeteria, e roubando do cronometrista, que sumiu misteriosamente. Acreditamos que ele possa estar envolvido.

Hugo viu que a senhora Emile e o senhor Frick tinham entrado no gabinete e estavam ouvindo tudo.

— Conte a ele o que você sabe, Hugo — disse Georges Méliès.

Hugo fitou os olhos dele, que lhe pareceram mais gentis e acolhedores do que jamais tinha visto.

Georges Méliès cochichou:

— Está tudo bem, Hugo. Você vai pra casa com a gente. Agora, conte ao inspetor da estação o que você sabe.

Hugo se virou para o inspetor:

— O cronometrista era meu tio, e eu era aprendiz dele, mas ele bebia e desapareceu algum tempo atrás, e eu tive que roubar leite e croissants porque estava com fome, e fiquei cuidando dos relógios desde então, e agora ele morreu e isso vai sair nos jornais amanhã.

O inspetor da estação examinou Hugo, franzindo as sobrancelhas. Depois do que pareceu uma eternidade, ele inesperadamente começou a rir. Os dois policiais de pé atrás dele ficaram confusos.

— Você? — surpreendeu-se o inspetor. — Você tem mantido os relógios funcionando nesta estação inteira? Sozinho? Um menino de dez anos! Rá!

— Doze — corrigiu Hugo.

O inspetor continuou a rir. — Bem, meu velho, o seu amiguinho tem mesmo uma grande imaginação. Não acha que nós ficaríamos sabendo se o cronometrista tivesse morrido?

— Mas ele morreu — disse a senhora Emile. — O menino está dizendo a verdade.

— Posso garantir que está — apoiou o senhor Frick.

— Mas o que era aquela... coisa... que você estava roubando no apartamento do cronometrista?

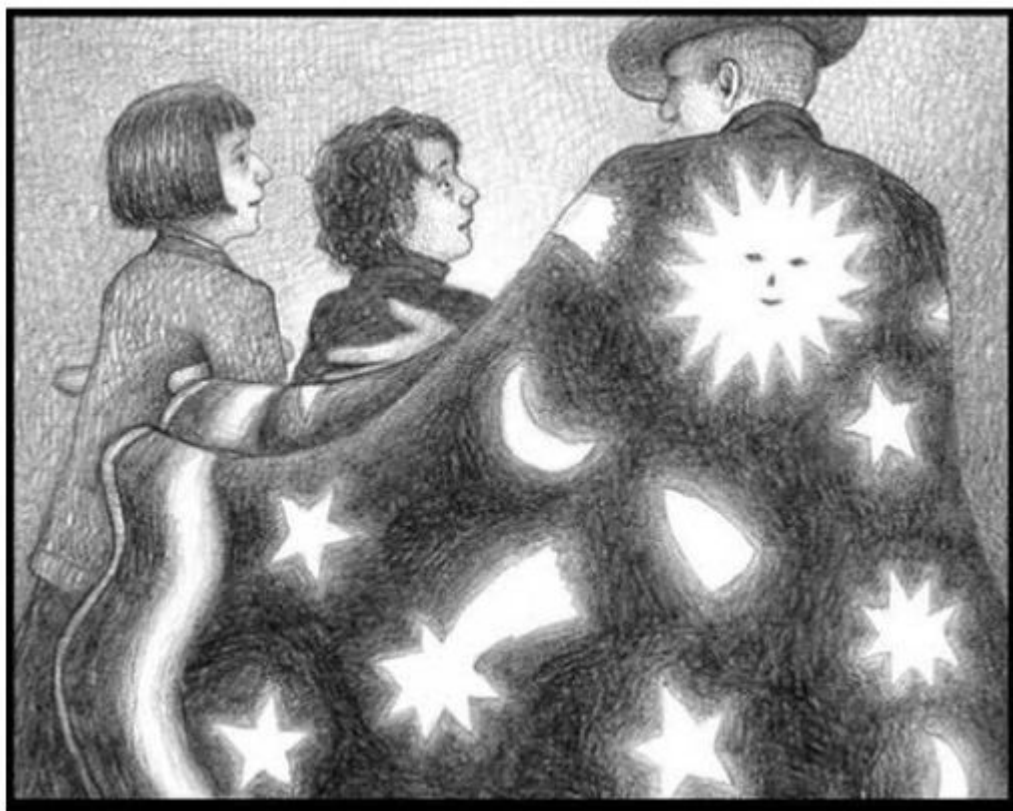
— Eu não estava roubando — replicou Hugo, que olhou para o velho e disse: — Deixei cair! Está quebrado de novo.

— Não estou preocupado com isso. Acho que nós dois juntos podemos consertar tudo bem depressa.

Georges Méliès se virou para o inspetor da estação:

— Ninguém pode roubar o que já lhe pertence, não é mesmo? Aquela máquina é de Hugo. Vou achar um modo de reembolsar a senhora, pelo leite e pelos croissants. Mas acho que já está na hora da gente ir embora desta estação.

Ajudou Hugo a ficar de pé. As crianças foram envolvidas pelas dobras macias da capa do velho e, juntos, todos foram para casa.





Seis Meses Mais Tarde



11

O mágico



HUGO TERMINOU DE VESTIR SEU TERNO. Esfregou os botões e se admirou de quanto eram macios e brilhantes. Vendo seu reflexo no espelho, contemplou-se por um instante. Achou que quase se parecia com um adulto.

Os Méliès tinham esvaziado um pequeno quarto de depósito no fundo do apartamento, e agora ele pertencia a Hugo. A Academia Francesa de Cinema, por intermédio de René Tabard, conseguiu que os Méliès recebessem algum dinheiro, e parte dele foi usada para mobiliar o quarto do menino. Havia uma pequena mesa num canto, toda coberta de criaturinhas mecânicas nascidas de peças de relojoaria e objetos mágicos de todas as formas e tamanhos, que o próprio Hugo fizera. O ano letivo começara de novo e Hugo tinha uma escrivaninha para o dever de casa. Suas prateleiras estavam repletas de livros, e ele tinha colocado vários brindes da Exposição Mundial de Paris, aonde ele e Isabelle haviam ido um mês antes. O caderno de seu pai estava guardado dentro de uma caixa em sua mesinha de cabeceira. O chão estava atapetado de desenhos. Hugo

tinha uma gavetinha só para a coleção dos canhotos das entradas dos filmes que ele e Isabelle viam juntos.

No escuro de um cinema novo que abrira num bairro vizinho, Hugo podia retroceder no tempo e ver dinossauros, piratas e caubóis. Ou ver o futuro, com robôs e cidades tão gigantescas que encobriam o céu. Voava em aviões e cruzava os mares em navios. No escuro do cinema, viu pela primeira vez selvas, oceanos e desertos. Quis ver todos ao vivo.

Num dos cantos do quarto ficava o autômato, que Hugo e tio Georges tinham consertado à perfeição.

Hugo encheu os bolsos com pequenos objetos mágicos e cartas de baralho, como fazia normalmente, verificou a hora em seu relógio de bolso e bateu na porta de Isabelle. Ela abriu a porta trajando um vestido branco que parecia brilhar.

Na sala de estar, Georges Méliès vestia um terno coberto por sua capa negra celestial (que tinha sido amorosamente remendada e limpa pela mulher e agora estava tão reluzente e colorida quanto no dia em que tinha sido feita). Tiajeanne usava um vestido que reluzia feito água. Logo chegou Etienne, vestindo um belo terno preto e um tapa-olho novo em folha.

Hugo pegou o convite que estava sobre a mesa.

*A Academia Francesa de Cinema
convida você a se juntar a nós
numa noite de celebração
da vida e da obra da lenda do cinema
GEORGES MÉLIÈS.*

Dois reluzentes automóveis estacionaram na frente do prédio de apartamentos e todos se dirigiram para fora.

— Nossa! Minha câmera! — disse Isabelle. — Quase ia esquecendo...

Correu de volta ao quarto e trouxe a câmera preta e prateada que seus padrinhos tinham lhe dado de aniversário.

— Você leva uns filmes extras pra mim esta noite? — ela perguntou a Hugo enquanto lhe passava os rolos, que ele guardou no bolso. — Andei pensando em dar isso aqui pra você — e ela estendeu para Hugo uma foto que tinha tirado dele com seus antigos colegas de escola, Antoine e Louis. Os três estavam abraçados e riam.

— Obrigado! — agradeceu Hugo. Sorrindo, deslizou a foto para dentro do bolso do casaco. Isabelle ajustou a câmera e a chave na gargantilha, para que pendessem confortavelmente. Os motoristas ajudaram todos a entrar nos carros e logo partiram rumo à Academia de Cinema.

— Faz mesmo muito tempo que não venho aqui — disse o velho ao se aproximarem de seu destino. — Acho que vou pedir para ver o quadro de Prometeu que pintei quando era jovem.

— O senhor pintou aquele quadro, tio Georges? — perguntou Hugo, admirado. — Eu achei mesmo que era Prometeu. Vi ele na biblioteca.

— Ainda está pendurado? Boa notícia. Vocês conhecem o mito, então?

As crianças disseram que sim.

— Então sabem que Prometeu foi resgatado no final. As correntes foram quebradas e ele finalmente ficou livre. — O velho piscou um dos olhos e acrescentou:

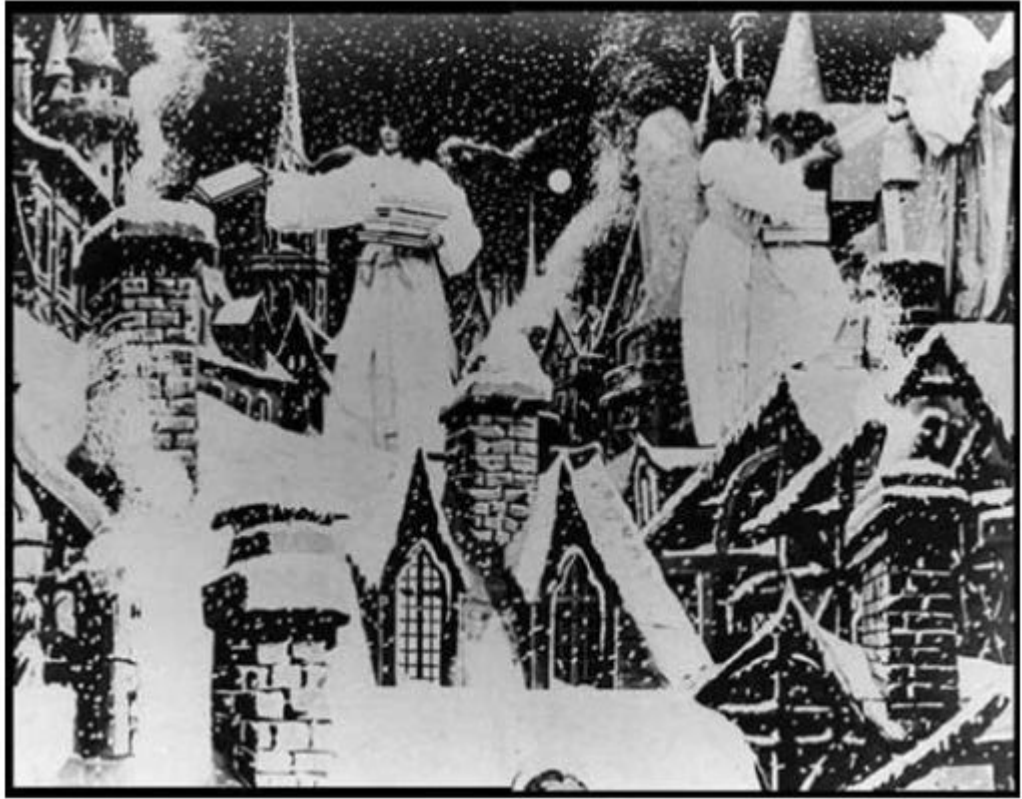
— Que tal essa?

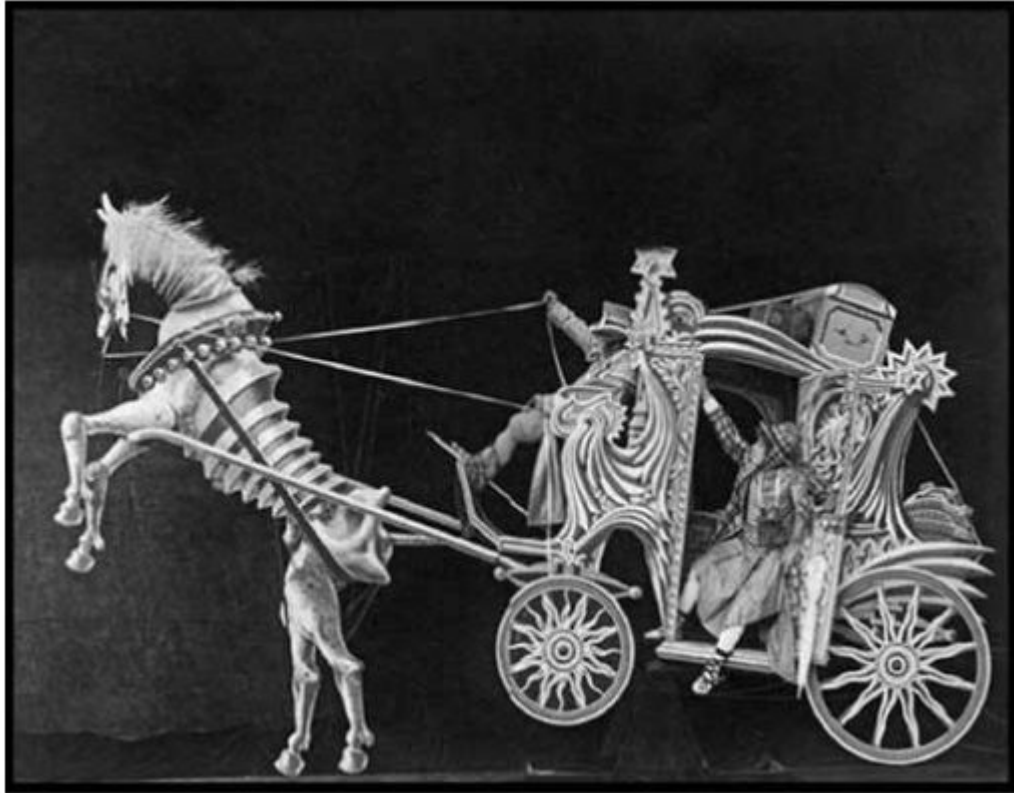
Quando todos já estavam acomodados no auditório, o senhor Tabard caminhou até o púlpito.

— Boa noite, senhoras e senhores. Meu nome é René Tabard e serei o seu anfitrião esta noite. Estamos hoje aqui reunidos para homenagear um dos nossos pioneiros, Georges Méliès, que trouxe a magia para o cinema. Durante anos, seus filmes foram dados como perdidos. Na verdade, o próprio senhor Méliès foi dado como desaparecido. Mas temos uma surpresa maravilhosa para o mundo. Georges Méliès está aqui esta noite, e nem todos os seus filmes foram destruídos. Graças ao zelo de um dos nossos estudantes, Etienne Pruchon, e com a ajuda, nos fins de semana, de Hugo e Isabelle, as duas crianças que estão sendo criadas pelo senhor e pela senhora Méliès, podemos voltar ao passado. Etienne, Hugo e Isabelle vasculharam depósitos e arquivos há muito tempo fechados. Fizeram excursões a coleções particulares e a lugares tão estranhos quanto celeiros e catacumbas, onde seu empenho foi ricamente recompensado. Encontraram velhos negativos, caixas de impressos e baús cheios de filmes abandonados, que nós conseguimos salvar. Agora temos em nossa posse mais de oitenta filmes de Georges Méliès. Uma pequena fração dos quinhentos que ele produziu, mas tenho confiança em que nos anos seguintes ainda mais filmes virão. Esta noite, Georges Méliès, meu herói de infância, está sendo redescoberto. Agora, sentem-se.

As luzes se apagaram e a orquestra começou a abram seus olhos e preparem-se para sonhar. Senhoras e enquanto as cortinas se abriam. Filme por filme, o mundo senhores, apresento-lhes o universo de Georges Méliès apresentado na tela pela primeira vez em mais de uma década.







A audiência aclamou e aplaudiu.

Então, o último filme exibido foi Uma viagem à Lua.

Hugo olhou para Isabelle. Lágrimas corriam pelo rosto da menina em duas linhas finas e cintilantes.

As luzes se acenderam e o homenageado foi então convidado a subir ao palco, onde recebeu uma coroa de louros dourada. Caminhou até o púlpito e disse à plateia, com voz orgulhosa, cheia de emoção:

— Enquanto olho para todos vocês aqui reunidos, quero lhes dizer que não vejo uma sala cheia de parisienses de cartola, diamantes e vestidos de seda. Não vejo banqueiros, ricas senhoras e funcionários do comércio. Não. Esta noite me dirijo a vocês como

vocês realmente são: bruxos, sereias, viajantes, aventureiros e magos. Vocês são os verdadeiros sonhadores!

Quando a noite de gala acabou, todos foram para uma pequena festa em homenagem a ele num restaurante próximo. Isabelle tirou fotografias a noite toda e Hugo fez truques de mágico.

Um público considerável logo se juntou em volta de Hugo. Georges Méliès caminhou até onde Hugo estava sentado, pôs a mão no ombro do menino e disse a todos:

— Gostaria que todos vocês se lembrassem deste momento. Creio que esta é a primeira apresentação pública jamais feita pelo Professor Alcofrisbas.

Hugo olhou para cima e perguntou:

— Quem é o Professor Alcofrisbas?

— É você, meu rapaz! O Professor Alcofrisbas é um personagem que aparece em vários dos meus filmes, às vezes como explorador, às vezes como alquimista... alguém que pode transformar qualquer coisa em ouro. Mas, quase sempre, ele é um mágico, que agora apareceu na vida real, bem aqui, nesta sala.

Naquele momento, o mecanismo do mundo se alinhou. Em algum lugar um relógio bateu meia-noite, e o futuro de Hugo pareceu entrar perfeitamente nos eixos.

12

Dando corda



O TEMPO PODE PREGAR TODO TIPO DE PEÇAS.

Num piscar de olhos, bebês aparecem em carruagens, caixões desaparecem na terra, guerras são ganhas e perdidas e as crianças se transformam, feito borboletas, em adultos.

Foi o que aconteceu comigo.

Muito tempo atrás, eu era um menino chamado Hugo Cabret e acreditava desesperadamente que um autômato quebrado salvaria minha vida. Agora que o meu casulo se partiu e eu emergi como um mágico chamado Professor Alcofrisbas, posso olhar para trás e ver que eu tinha razão. O autômato que meu pai descobriu salvou, sim, a minha vida.

Mas agora eu construí um novo autômato.

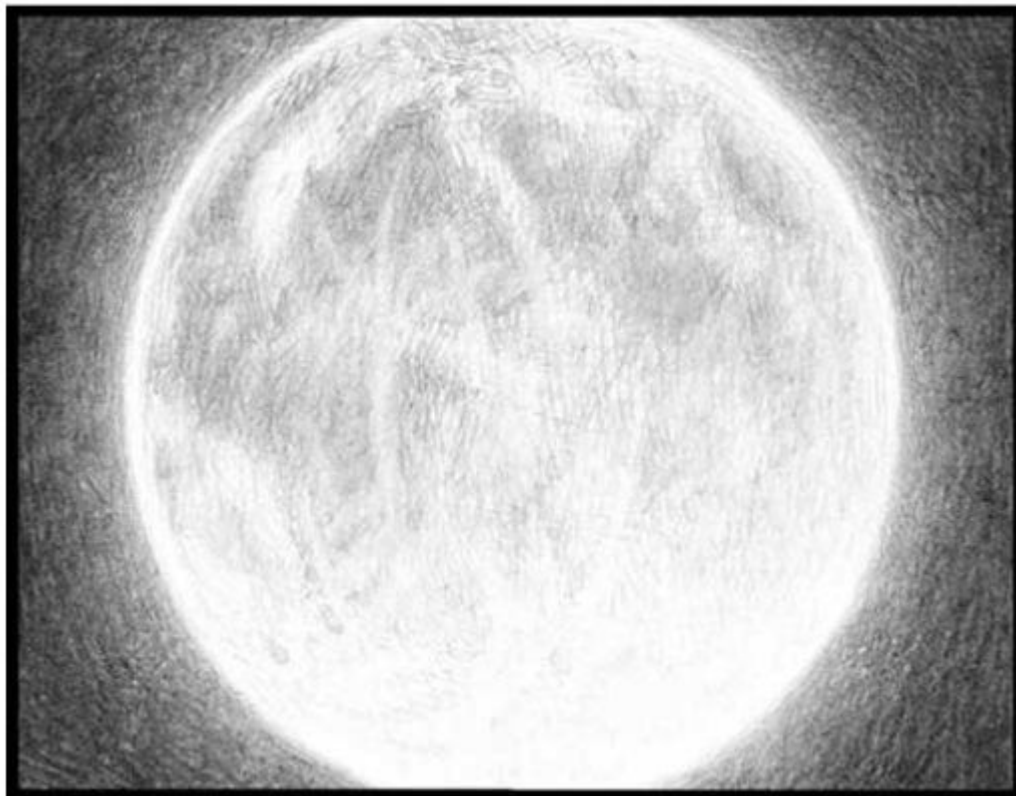
Gastei horas incontáveis desenhando-o. Cada engrenagem foi feita por mim, cortei cuidadosamente cada disco de metal e moldei até o último pedacinho de mecanismo com minhas próprias mãos.

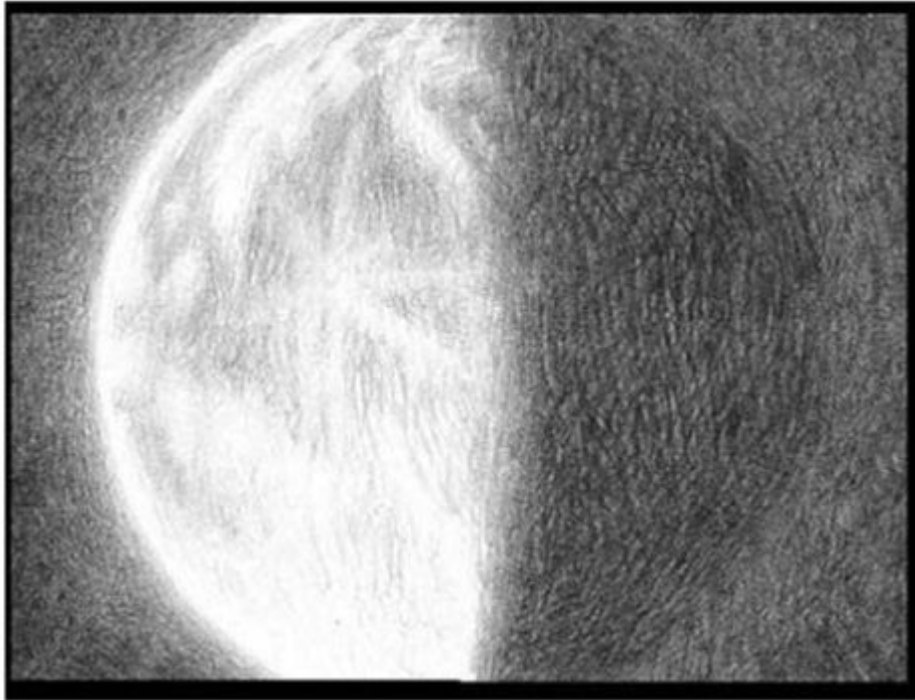
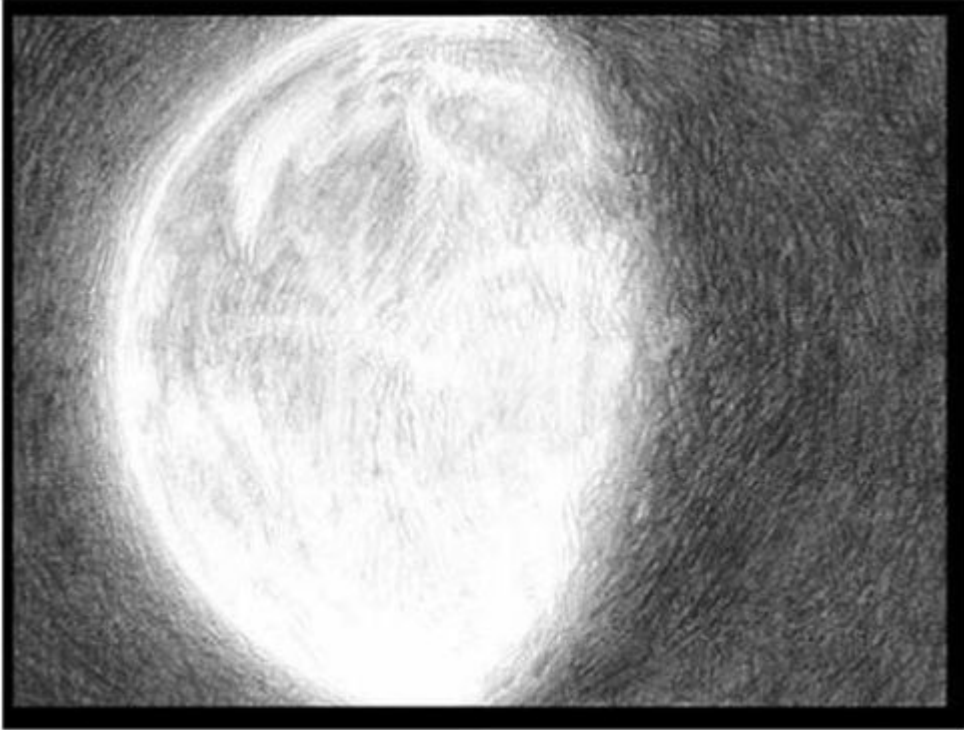
Quando a gente dá corda, ele pode fazer algo que, tenho certeza, nenhum outro autômato no mundo faz. Ele pode contar a

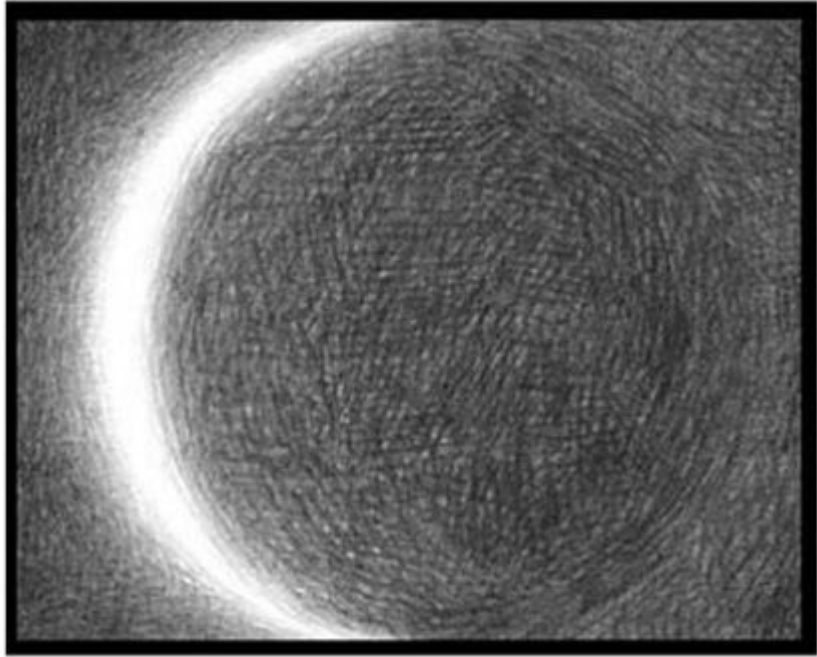
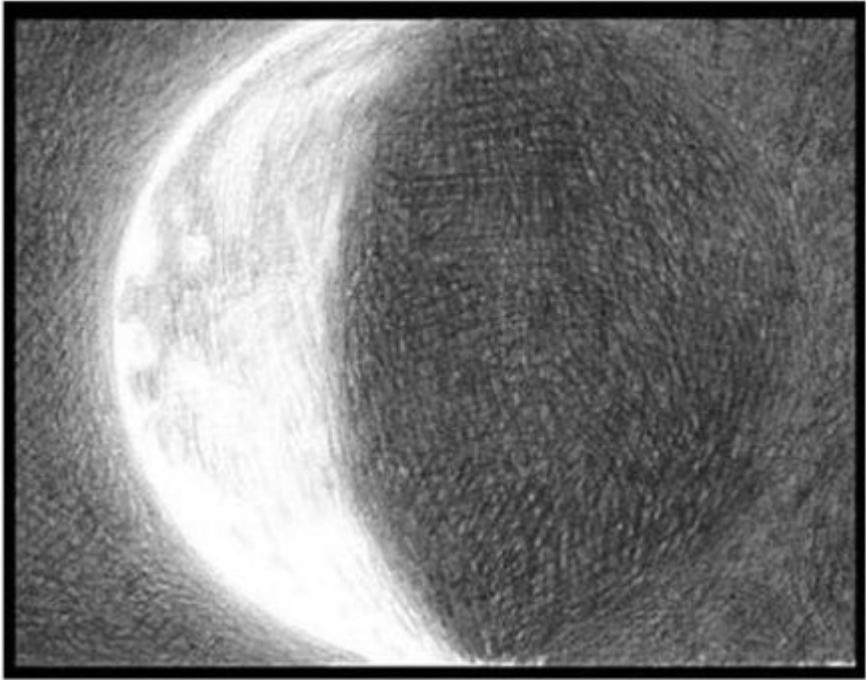
incrível história de Georges Méliès, sua esposa, sua afilhada e de um amado relojoeiro cujo filho cresceu e se tornou um mágico.

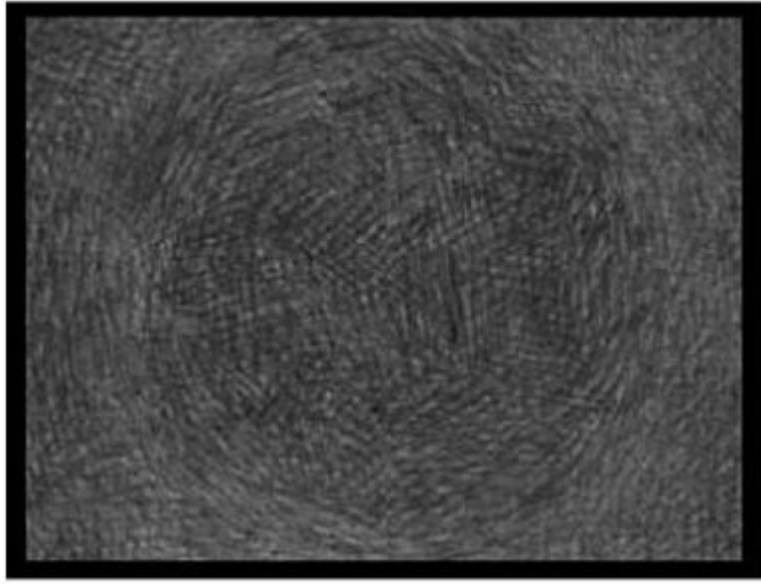
O complicado mecanismo dentro do meu autômato pode produzir cento e cinquenta e oito ilustrações diferentes e pode escrever, letra por letra, um livro inteiro, vinte e seis mil, cento e cinquenta e nove palavras.

Estas palavras.









FIM

Agradecimentos

DURANTE MUITO TEMPO QUIS ESCREVER uma história sobre Georges Méliès, mas somente quando li um livro chamado *Edison's Eve: A Magical History of the Quest for Mechanical Life**, de Gaby Wood, foi que a história realmente começou a tomar forma. O livro tratava da coleção de autômatos de Méliès, que foi doada a um museu, onde ficou desprezada num sótão úmido até, finalmente, ser jogada fora. Imaginei um menino encontrando essas máquinas no lixo e, naquele momento, Hugo e sua história nasceram.

** A era de Edison: a história da busca pela vida mecânica, sem tradução no Brasil (N. da E.)*

Gostaria de agradecer a Charles Penniman, que passou uma tarde comigo no porão do Franklin Institute, em Filadélfia, me mostrando o funcionamento de um autômato do século XIX. O autômato chegou ao museu em 1928, depois de ter sido danificado por um incêndio. Tinha parado de funcionar, mas, depois que foi reformado, surpreendeu seus novos donos ao fazer quatro desenhos diferentes e escrever três poemas. E assim como na história ficcional que eu já tinha esboçado — em que Hugo conserta o autômato e descobre que tinha sido construído por Georges Méliès porque assina seu nome —, o autômato do Franklin Institute, uma vez consertado, assinou o nome de seu construtor, Maillardet, resolvendo assim o mistério de sua proveniência.

Para ver o autômato de Maillardet e aprender mais a respeito dele, você pode consultar <http://www.fi.edu/pieces/knox/automaton>.

Obrigado também ao curador sênior John Alviti por me conseguir essa visita ao Franklin Institute.

Quero agradecer a Lisa Holton, Andrea Pinkney e a todos da editora Scholastic pelo apoio e estímulo que me deram. Obrigado também a David Saylor e Charles Kreloff pelo projeto gráfico deste livro, e a Abby Ranger e Lillie Mear por todo o seu auxílio em fazer as coisas andar direito.

E sou eternamente grato a Tracy Mack e Leslie Budnick, que trabalharam comigo incansavelmente em *A invenção de Hugo Cabret*. Ao longo de mais de dois anos, eles me ajudaram a lustrar, limar, construir, refinar e polir o livro. Não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão. Este livro não existiria sem eles.

Enormes agradecimentos a Tanya Blumstein, minha conexão parisiense, por todas as apresentações, e-mails, traduções, conselhos e seu absoluto conhecimento da cultura francesa. Sua ajuda foi inestimável na feitura deste livro. Quero também agradecer todas as traduções e telefonemas que foram feitos em meu nome por Etienne Pelaprat, cujo nome acabou entrando no livro.

Agradeço ao historiador do cinema Glenn Myrent, a quem Tanya me apresentou. Glenn me ajudou em Paris e respondeu a várias perguntas minhas sobre os primórdios do cinema francês.

Também estendo meu reconhecimento a Andy Baron, gênio da mecânica, que passou horas comigo ao telefone, debruçado sobre

as características mecânicas de relógios, autômatos, engrenagens, polias, mecanismos e motores. Andy me disse que viu um pouco de si mesmo em Hugo, e estou certo de que Hugo se sentiria lisonjeado ao ouvir isso.

Os seguintes pesquisadores me ajudaram com a história inicial do cinema francês: Melinda Barlow, professora associada de estudos de cinema, Universidade do Colorado, Boulder; Claudia Gerbman, professora de estudos do cinema, artes interdisciplinares e programa de ciências, Universidade de Washington, Tacoma; e professor Tom Gunning, comitê de cinema e mídia, Universidade de Chicago. Agradeço-lhes por me aconselharem sobre que filmes ver e que filmes Hugo e Isabelle teriam apreciado, bem como por me ajudarem a entender o mundo de Georges Méliès e sua percepção extraordinária.

Meu reconhecimento também vai para Sebastian Laws, do Sutton Clock Shop, que me deixou passear por sua loja (fundada por seu pai), respondeu a perguntas e me permitiu tirar fotografias.

E obrigado aos seguintes amigos e colegas pelo apoio, sugestões, tempo, traduções e opiniões sobre a história: Lisa Cartwright, Deborah de Furia, Cara Falcetti, David Levithan, Peter Mendelsund, Billy Merrell, Linda Sue Park, Susan Raboy, Pam Muñoz Ryan, Noel Silverman, Alexander Stadler, Danielle Tcholakian, Sarah Weeks e Jonah Zuckerman. E, finalmente, meu óbvio agradecimento a David Serlin, por tudo.

Créditos

FOTOS DE CENA E CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES: Todas as ilustrações têm copyright © 2007 de Brian Selznick, exceto as seguintes:

p. 174-175, Harold Lloyd em *O homem mosca*, © 1923 de Harold Lloyd Trust, reproduzido com permissão. p. 348-349, *L'Arrivée d'un train à la Ciotat* [A chegada de um trem a La Ciotat], © 1895 de George Eastman House, com permissão da Association Frères Lumière. p. 382-383, *Acidente de trem na estação de Montparnasse*, © s.d. *Roger Viollet* The Image Works. As seguintes obras de Georges Méliès foram usadas, com permissão do espólio do artista, © 2006 Artists Rights Society (ARS), New York/ADAGP, Paris:

p. 284-285, desenho de uma criatura alada (esboço para um filme), p. 286-287, desenho baseado em *L'Homme à la tête en caoutchouc* [O homem de cabeça de borracha], 1901. p. 288-289, desenho baseado em *À la conquête du pôle* [A conquista do polo], 1912. p. 290-291, esboço para *Le Royaume des fées* [O reino das fadas], 1903. 531

p. 292-293, desenho de um pássaro cuspidor de fogo. p. 294-295, desenho baseado em *La Chrysalide et le papillon* [A crisálida e a borboleta], 1901. p. 296-297, desenho de uma caverna com morcegos (esboço para um cenário). Da coleção do British Film Institute:

p. 352-353, foto de *Le Voyage dans la lune* [Uma viagem à Lua], 1902. p. 356-359, duas fotos de *Escamotage d'une dame au*

théâtre Robert Houdin [Desaparecimento de uma dama no teatro Robert Houdin], 1896. p. 498-499, foto de Deux cent mille lieues sous les mers [Vinte mil léguas submarinas]', 1906. p. 500-501, foto de Rêve de Noël [Sonho de Natal], 1900. p. 502-503, foto de L'éclipsé du soleil en pleine lune [Eclipse do sol no plenilúnio], 1907. p. 504-505, foto de Les quatre cents farces du diable [As quatrocentas farsas do diabo], 1906. Favor notar que os desenhos das páginas 252-253 e 388-389 são copyright © 2007 de Brian Selznick, inspirado nas obras de Georges Méliès.

TODOS OS FILMES CITADOS NESTE LIVRO EXISTEM: L'Arrivée d'un train à la Ciotat [A chegada de um trem a La Ciotat], 1895, dos irmãos Lumière (quando Hugo lê sobre este filme, vem citado como *Um trem chega à estação*). Le Voyage dans la lune [Uma viagem à Lua], 1902, Georges Méliès Escamotage d'une dame au théâtre Robert Houdin [Desaparecimento de uma dama no teatro Robert Houdin], 1896, Georges Méliès. Safety Last, 1923, Harold Lloyd. A Glock Store [A Relojoaria], 1931, desenho animado de Walt Disney. Paris qui dort [Paris dorme], 1924, René Clair (este é o filme sobre a parada do tempo que Hugo menciona na torre do relógio com Isabelle). Le Million [O milhão], 1931, René Clair.

ALGUNS FILMES DE OUTROS DIRETORES CITADOS NESTE LIVRO: The Kid [O garoto], 1921, Charlie Chaplin. Sherlock Jr., 1924, Buster Keaton. La Petite marchande d'allumettes [A pequena vendedora de fósforos], 1928, Jean Renoir.

E TRÊS FILMES QUE FORAM MUITO INFLUENTES NA CRIAÇÃO DESTA HISTÓRIA: Zéro de conduite [Zero de conduta], 1933, Jean Vigo. Les Quatre cents coups [Os incompreendidos], 1959, François Truffaut. Sous les toits de Paris [Os telhados de Paris], 1930, René Clair.

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. Embora Georges Méliès tenha sido um cineasta real, imaginei completamente a sua personalidade.

Para saber mais sobre o verdadeiro Georges Méliès, consulte o seguinte site e depois vá à biblioteca:

<http://www.missinglinkclassichorror.co.uk/index.htm>

(digite "Méliès" no mecanismo de busca do site e você encontrará ótimos links sobre a história da vida dele).

Um livro recente para crianças, sobre o início do cinema, tem um bom capítulo sobre a carreira de Georges Méliès. O livro, de Paul Clee, *Before Hollywood: From Shadow Play to Silver Screen* (2), foi publicado por Clarion Books.

2 Antes de Hollywood: do teatro de sombras à tela de cinema, sem tradução no Brasil. (N. da E.)